

Tudo sobre os homens

Alyssa Dean



A repórter Tara Butler estava encantada com o encargo da revista Real Men: atualizar o artigo escrito em 1949. “Quarenta e nove coisas que precisa saber sobre um homem de verdade” Era uma ocasião para descobrir como os tempos tinham mudado e talvez, apenas talvez, para conhecer um homem de verdade. Mas quando se viu trabalhando junto ao escritor Chase Montgomery, um homem sem uma só das qualidades que anunciava a revista, Tara começou a se perguntar se sua lista estaria equivocada.

Capítulo 01

É difícil encontrar o homem de verdade. Ainda não encontrou o seu? Não se desespere. Vale a pena esperá-lo. O reconhecerá por seu aspecto elegante e cortês, sua atitude resolvida e sua confiança em si mesmo. Acreditem em mim, há um homem de verdade para cada uma de vocês esperando na esquina.

Das 49 qualidades do homem de verdade.
Revista Homens, Abril, 1949

— Devo estar olhando na esquina errada — murmurou Tara.

Sentada no tapete azul celeste do escritório de Charlene, folheava a revista que tinha diante de si. Era o número de 1949 da revista Homens, o primeiro número cuidadosamente protegido em sua capa de plástico. O artigo que estava lendo se titulava “As 49 qualidades do homem de verdade”. O título estava escrito em grandes letras na parte esquerda da página. No lado direito se via uma fotografia em preto e branco de uma moça olhando

para um homem também jovem vestido com terno. A garota tinha olhos grandes e sonhadores, o que não era de se estranhar por causa do quanto era bonito o rapaz que olhava.

— Ou é isso ou faz tempo que desapareceram com os novos planos de urbanização.

Charlene Mortimer-Phelps, ajudante editorial da revista, levantou seus olhos azuis e olhou para Tara.

— Como diz?

— Isto é o que diz o artigo: «Há um homem de verdade para cada uma de vocês esperando na esquina». Asseguro a você que eu não o encontrei, Charlene. Estive em muitas cidades e dei e virei em muitas esquinas, mas o único homem que estava me esperando era um assaltante.

— Não entendo...

— Não foi assim na realidade. Escuta. «É uma mulher que lhe custa decidir-se? Não se preocupe. A capacidade de tomar decisões é uma das qualidades do homem de verdade. Seja que se trate de decidir o que comer, o que usar ou aonde ir, seu homem de verdade não terá problemas para

saber» — Tara baixou a revista depois de ler. — Bem, quando foi a última vez que se encontrou com um homem assim?

— Não lembro...

— Eu tampouco — disse Tara. — O único homem que conheci que poderia parecer assim é meu pai. Ele sim que era um homem de verdade: encantador, educado, distinto — suspirou. Seu pai tinha morrido fazia vários anos mas se lembrava muito dele. — Nunca conheci nenhum homem como o que descreve a revista que tenha menos de oitenta anos.

— Não? — disse Charlene. — Bom, estou segura de que o fará qualquer dia. E agora, estava lhe dizendo...

— Certamente não foi no sábado passado — se queixou Tara. — Você não vai acreditar nisso. Dennis parecia perfeito quando o conheci, mas não era. Não era encantador, nem educado, e menos ainda decidido. Levou-me de um restaurante a outro procurando o que tivesse o menu menor. Disse que se enjoava de ler todas aquelas longas listas de entradas.

— Certo, é fascinante.

Tara fez uma careta.

— Nada disso. Ir de um restaurante a outro pedindo o menu para vê-lo e devolvendo-o ao maître dizendo simplesmente que não servia, não é minha idéia de encontro perfeito. Além disso, estava faminta.

— Faminta?

— Morta de fome, sim — acrescentou Tara com um movimento de cabeça. — E sabe onde terminamos jantando? Em uma pizzeria porque Dennis finalmente lembrou que só gosta de um único tipo de pizza — disse Tara tamborilando com o dedo sobre a foto do homem na revista. — Este homem não parece o tipo que levaria uma mulher para jantar em uma pizzeria em seu primeiro encontro. Faria algo mais romântico... com velas, e vinho... — suspirou porque em seu encontro não tinha havido nada disso. — Dennis queria que pagássemos a conta meio a meio. Com certeza o homem da foto não faria algo assim.

— Com certeza não, querida — disse Charlene levantando as sobrancelhas. — Esse homem deve ter setenta anos agora. Com certeza convidaria você para comer, embora não acredito

que a convidasse para sair tendo em conta a diferença de idade — Charlene franziu o cenho.

Estava tão séria que Tara não sabia se aquilo era uma brincadeira. Então lembrou com quem estava falando e decidiu que não. Charlene era a ajudante editorial, um modelo de eficiência mas com pouco senso de humor.

Tara pôs a revista sobre o vidro da mesa.

— Não pretendia sair com este homem, Charlene. Só pretendia que servisse de exemplo para explicar que nunca conheci um homem que tivesse as qualidades que menciona o artigo.

— Não me surpreende — disse Charlene sacudindo a cabeça sem se despentear. — Esse artigo foi escrito em 1949. As coisas mudaram bastante depois disso. Os homens mudaram.

Tara deu outra olhada para a foto do homem de terno. Não só era bonito, mas também além disso parecia elegante, cortês, e com experiência.

— Claro — disse Tara. — Os homens que eu conheço poderia se dizer que são bem torpes, não muito corteses e mau vestidos.

— E aqui é onde você entra — disse Charlene, tinha a pele do rosto suave e perfeita,

como se fosse retocada por computador. — Como indicou, acredito, esta lista de qualidades está fora de moda. Queremos que conserte isso.

Tara estava trabalhando para a revista Homens há quase três anos, mas ainda lhe custava seguir o fio do pensamento de Charlene.

— Não acredito que possa mudar os homens, Charlene, ao menos não consegui mudar em nenhum de meus encontros. É algo com o que tem que se aprender a viver.

Charlene nem sequer sorriu.

— Os homens não, querida. — A lista. Queremos que a ponha em dia.

— Querem que encontre as quarenta e nove qualidades do homem de verdade atual?

— Não, não. Quero que encontre cinquenta — disse Charlene com os olhos brilhantes. — Foi idéia de Sofia, claro. Um dos atos para celebrar o quinquagésimo aniversário da revista.

— Devia ter imaginado.

Sofia Watson era a diretora editorial da revista e queria se assegurar que até os novos leitores soubessem que era o quinquagésimo aniversário da revista. Todos os meses apareceria

um artigo relacionado com o número cinqüenta, por menor que fosse a relação com o tema. Tinha pedido a opinião de muitos dos jornalistas que trabalhavam nela, a Tara também, mas não se esforçou muito por dar uma resposta. Não era que tivesse nada contra a revista. Era uma revista para uma mulher elegante, sexy e moderna, e além disso, pagavam muito bem. Entretanto, estava há tempos pensando que gostaria de escrever algo de outro tipo, algo com mais profundidade que “O dormitório que incita”, “Roupas que a fazem se sentir atrevida” ou o que estava escrevendo: “As melhores receita sensuais”.

Redigir uma lista com as cinqüenta qualidades do homem perfeito não era a mudança que aspirava.

— Parece interessante — disse depois de pensar um momento, — mas não estou segura de que eu seja a pessoa ideal para fazer isso. Quero dizer que não conheci nenhum homem assim...

— Ah, não se preocupe com isso. Procuramos por você.

— Sério?

— Sim — Charlene abriu uma pasta e lhe entregou o documento de várias páginas. — Há um vários homens nesta lista.

— Enright Stefens, Harry Bakersfield, Tim McKewan — elevou a vista. — Quem são?

— Homens de verdade, é obvio — disse Charlene olhando sua cópia. — Enright Stefens é ecologista, Harry Bakersfield é professor de latim na universidade, Tim McKewan possui uma pequena galeria de arte e, é obvio, contamos também com um programador, o dono de uma boutique para homens, um par de empresários, um assessor financeiro...

— Um ecologista, um professor de Latim e alguns programadores de informática? E esses são exemplos dos homens que as mulheres procuram hoje em dia? — Tara sentiu um calafrio. — Parecem-se bastante o tipo de homens com os que saio habitualmente, Charlene, e, acredite em mim, não são um bom exemplo.

— Segundo as mulheres pesquisadas, sim são — respondeu Charlene encolhendo-se de ombros. — Solicitamos um relatório e uma pesquisa para saber sobre que linha tínhamos que nos mover.

— E isto é o que averiguaram? — disse Tara com um gesto de desprezo olhando a lista. — Aqui não há nenhum “homem de verdade”. Já sabe, homens como Cary Grant ou Gary Cooper, bonitos e bem vestidos.

— Fora de moda, querida, fora de moda. Para as mulheres modernas já não interessam os heróis que aparecem no momento adequado para resgatá-las. As mulheres de hoje em dia são muito capazes de se cuidar sozinhas.

Tara pensou nos muitos perigos com os que se deparou desde que chegou a Chicago: um assaltante na rua, um tipo estranho que a seguiu pelo metrô, e os passos que escutou uma tarde dentro do estacionamento quando ia buscar seu carro.

— Pode ser que sejamos capazes de nos cuidar sozinhas mas isso não significa que nós não gostemos que nos ajudem um pouco de vez em quando.

— As mulheres de agora querem homens que sejam mais... já sabe, modernos. E esse é o tipo de homem que você vai conhecer. Não é emocionante?

— Estou encantada — mentiu. — Mas, por que é necessário que os conheça? Não poderia fazer as entrevistas o mesmo departamento que elaborou a pesquisa?

— Eu pensei o mesmo — disse Charlene assentindo vigorosamente com a cabeça, — mas Sofia não quis me escutar. Ela pensa que o artigo será muito mais interessante e atrairá mais leitores se você os conhecer pessoalmente; informação de primeira mão para seu artigo, enfeitada com suculentas fotografias dos homens em questão.

Tara duvidava muito que umas fotografias de programadores e ecologistas pudesse enfeitar nada, e menos ainda sua carreira. Talvez devesse recusar. Tinha decidido não aceitar mais trabalhos superficiais e aquele era. Claro, que havia outros fatores a considerar, como o monte de faturas pendentes que aguardavam na mesa da cozinha, ou o elevadíssimo aluguel de seu novo apartamento.

— Suponho que se Sofia disse... mas, estão seguras de que sou a pessoa adequada para fazer isso? Me envaidece que tenham pensado em mim mas ainda estou trabalhando no artigo das melhores receita sensuais. Além disso, para ser justa, não

tenho feito muitos trabalhos de investigação, assim é que...

— Sofia acredita que é a pessoa mais adequada e eu estou de acordo. Possui todos os créditos necessários.

— Se refere-se a minha licenciatura em jornalismo...

— Não é isso — se apressou a dizer Charlene. — Escreve bem, Tara, mas não é isso a que me refiro, e sim ao facto de que é madura e não está comprometida.

— Só tenho trinta e três anos.

— Sei. Trinta e três anos e não tem nenhuma carga. Não está casada. Sua situação é muito semelhante a da maioria de nossas leitoras... procuram desesperadamente esse homem especial que dê significado a suas vidas.

— Eu não me descreveria como desesperada.

— Sabe o que quero dizer. Tem experiência. Saiu com muitos homens. De facto, cada vez que a vejo está com alguém novo — disse Charlene levantando-se, sinal inequívoco de que a reunião havia terminado. — Então, tudo acertado. Agradeço-lhe que se você ocupe do assunto, e estou

segura de que seu artigo será maravilhoso. Veja se não é ótimo o trabalho que fez sobre a roupa para ir ao trabalho. Meu armário melhorou graças a ele.

— Verdade? — perguntou Tara observando o terninho azul celeste que Charlene usava, muito parecido ao que usava no dia que se conheceram.

— É obvio — disse Charlene rodeando sua mesa para aproximar-se de Tara e lhe dar um breve aperto de mãos. — Estou desejando ver a que novas e faiscantes conclusões chega.

Chase Montgomery se perguntou quem estaria em sua cozinha. Do seu escritório, ao fundo da casa, podia ouvir passos que vinham de sua cozinha, mas mesmo assim tentava se concentrar no que estava escrevendo.

Nesse momento ouviu que alguém abria e fechava um armário da cozinha. Chase deixou de escrever perguntando-se quem seria seu convidado surpresa. Podia ser algum de seus desavisados amigos que tinham a chave e se atreveu a visitá-lo sem ligar antes. Também podia ser sua irmã, mas ela ligaria antes de ir.

Só sua mãe ou seu agente o visitariam de surpresa. Sua mãe estava viajando pelas enseadas nórdicas, então só restava seu agente, Jerome, ou um ladrão.

Chase considerou as opções. Gostava de Jerome mas não quando o visitava para lhe perguntar quando terminaria sua última novela e por que não já estava pronta.

Um ladrão não iria querer falar. Só se limitaria a levar o que gostasse, e, além de sua enorme televisão panorâmica, muito pesada para uma só pessoa, e o computador que estava usando, não havia nada mais de valor em toda a casa.

Sempre podia sair com uma pistola e jogar o intruso, igual ao que faria seu herói de ficção. Mas como não tinha pistola, descartou a possibilidade e continuou escrevendo.

Ouviu a água correr, o ruído que fazia a cafeteira e finalmente o aroma de café recém feito. Chase suspirou e cedeu. A menos que os ladrões se entretessem em fazer um café, seu misterioso convidado não era um.

— Não se preocupe, amigo — disse Chase a seu herói de ficção. — Sairá desta. A adorável

Bridgett já está caída rendida a seus pés. Lhe dará uma mão, salvará o mundo, e entre isso, farei com que viva algumas tórridas cenas de sexo.

A cozinha era um aposento estreito e alongado, em que havia uma mesa de picnic. No meio da cozinha, havia um homem de baixa estatura, meio calvo, vestido com um terno escuro e uma resplandecente e recém engomada camisa branca. Era Jerome.

— Bom dia, Jerome.

— É quase a hora de comer. Não me diga que acaba de se levantar — disse este olhando-o com desgosto.

— Não exatamente — disse Chase. — Estou de pé desde ontem — respondeu ao mesmo tempo que olhava o relógio do forno. — E não é hora de comer. Só são dez e meia!

— Em muitas partes do país já é hora de comer — disse Jerome pondo uma xícara de café em frente de Chase. — Tome. Parece que está precisando.

— Não, obrigado. Tenho cafeteira porque você a trouxe, mas eu não a utilizo. Não bebo café, e você tampouco deveria fazê-lo. Toda essa cafeína...

— É justo o que precisa para começar o dia.

Chase não pensava discutir com Jerome. Tomou um gole e sentiu um calafrio. Então bocejou, estirou-se e massageou ligeiramente o pescoço.

— E o que o traz por aqui? Não deveria estar vigiando como vão as vendas de meus livros?

— Sou seu agente, Chase, não um vendedor de rua. Não vigio seus livros — respondeu Jerome elevando uma sobrancelha com gesto aristocrático.

— Eu contrato outros para que façam esse trabalho — se sentou. — Realmente estive toda a noite levantado escrevendo? Ou talvez estive fazendo algo mais interessante com Arla? — Jerome olhou para o corredor. — Não está aqui, não é?

— Quem? Arla? Não, se foi.

— Foi no sentido de que não está aqui neste momento, ou foi no sentido de sempre?

— No sentido de sempre — admitiu Chase. — Finito, acabou-se. Não voltarei a vê-la.

— Não? — Jerome piscou surpreso. — Por que não? Pensei que você gostava dela.

— Não era mal — disse Chase.

— O que aconteceu?

— Não sei — respondeu Chase enquanto esvaziava sua xícara na pia. — Simplesmente disse que acreditava que seria bom para ambos sair com outras pessoas.

— Ah — Jerome o olhou com atenção. — Não parece sentir muita pena por isso.

— Não sinto — disse Chase depois de pensar brevemente. Tinha passado bem com Arla.

— Pois deveria. Rompe mais relacionamentos que carros em seus livros.

— Isso não é verdade.

— Sim é. Teve mais aventuras que minhas ex-mulheres com seus treinadores pessoais — disse Jerome enrugando a testa. — Não é bom para sua imagem. Supõe-se que é um super homem não o homem com o que toda mulher de Chicago esteve atada. É um escritor famoso, deveria espantar as mulheres como moscas, não fazer com que saiam correndo.

— Não saem correndo — disse Chase enchendo o bule de água e pondo-o no fogo. Isso era o que precisava. Uma boa xícara de chá e perder de vista Jerome. — Simplesmente... decidem continuar com suas vidas... ou algo assim.

— Está claro que não ficam contigo e não as culpo — disse este último dando uma olhada ao seu redor.

— O que quer dizer?

— Bom, não quero ferir seus sentimentos, mas não é exatamente um tipo divertido e excitante. Passa a metade da vida apenas em seu escritório, escrevendo.

— Sou escritor! Supõe-se que passo tempo escrevendo. Se não, meu editor e você caem em cima.

— E quando não está escrevendo, está promovendo seus livros, investigando para uma nova história ou brincando com seus sobrinhos — continuou Jerome.

— Promovo meus livros porque você me diz que o faça — respondeu Chase apoiando-se em um armário e cruzando os braços.

— Não, não faz por isso. você adora assinar livros. Considera isso uma boa oportunidade para conhecer mulheres.

— E é, mas também é certo que você me diz que tenho que fazê-lo. Investigo porque preciso de informação...

— E porque você gosta das bibliotecárias.

— Algumas delas são seguidoras incondicionais de Hunter. E quanto a meus sobrinhos, não há nada mau em brincar com eles.

— Não, certo. São garotos ótimos. Só que convidar uma garota e estar com eles não é o mais adequado. As mulheres querem que as levem a lugares, fazer coisas. Não ouviu alguma vez que três são multidão?

— Eu faço coisas — se defendeu Chase.

— Pois não devem ser as adequadas — disse Jerome dando um gole de café. — Por exemplo, o que fez na última vez que saiu com Arla?

— Romper — recordou Chase. — Foi um encontro muito curto. Busquei-a, me disse que sou um grande cara mas acreditava que ambos seríamos mais felizes saindo com outras pessoas, retornei para casa e escrevi alguns capítulos.

— Não me refiro a esse encontro, Chase. Refiro-me ao último antes desse — suspirou Jerome com impaciência.

— Fomos dar uma volta de carro. Eu queria procurar exteriores para centrar o capítulo no qual Hunter tem que se esconder em um bosque. Depois

viemos aqui. Pedimos pizza em um vegetariano novo que acabam de abrir: “A cozinha sadia de Helen para levar”, é como se chama. Jer, tem que provar, é...

— Não me interessa a pizza — disse Jerome.

— Quero saber o que fez com Arla.

— Certo, certo. Comemos a pizza, e depois vieram os filhos de Molly...

— E passou o resto da tarde interpretando alguma cena de seu livro, não foi?

— Sim. Mas não se pode dizer que isso era aborrecido. Era uma cena muito emocionante, ao menos seria se pudesse ambientá-la bem. Vou ter que me desfazer de um dos maus. Se não, o herói nunca sairá vivo.

— Esqueça da cena e me fale de Arla — Jerome o olhou com desconfiança. — Não lhe pediria que fosse um de seus personagens, não é?

— Claro que não — disse Chase ofendido, — e tampouco lhe pedi que fizesse o helicóptero. Isso só peço a você — certamente não teria pedido a Arla. Não podia imaginá-la, com seu penteado e sua maquiagem impecáveis, correndo por toda a sala

com os braços estendidos imitando o ruído de um helicóptero.

— Isso não é um encontro! Supõe-se que tem que levá-la para jantar, ao cinema, ou ao teatro, ou a um concerto. As mulheres de agora adoram a sofisticação; não consideram que um cachorro quente e passar a tarde brincando de policiais e ladrões, seguido de umas horas de exercício no quarto seja o encontro ideal.

Chase fez um gesto de dor. Além do fato de que ele não comia cachorros quentes, o resto era uma descrição muito acertada da maioria de seus encontros. Embora tampouco se podia dizer que Jerome fosse um perito depois de três divórcios.

— E desde quando é você um perito? Divorciou-se duas vezes? Ou eram três?

— Três, mas não vou voltar a fazê-lo. Vanna é a definitiva. Eu, ao menos, a levei ao altar. Ao passo que você vai, terá que pedir no primeiro encontro e conseguir o sim.

Apenas a idéia lhe inquietava. Não se podia dizer que Chase tivesse pressa por casar, gostava da vida de solteiro, moderadamente rico; mas não gostava de pensar que nem sequer tivesse a

oportunidade de formar uma família. Talvez nunca o fizesse.

Mas não era culpa sua. Não tinha se dedicado a procurar uma esposa, apesar de ter saído com muitas mulheres. Estariam todas equivocadas ou seria ele o equivocado?

— Certamente, meu mundo não cairá se não me caso esta manhã, e estou seguro de que não veio até aqui para falar de meus fracassos com as mulheres.

— Não — disse Jerome. — Queria falar com você sobre “Perigo ao Amanhecer”. Quando Hunter entra na central elétrica, como sabe que o mau tem o míssil?

Chase deu um suspiro de alívio e se dispôs a falar de algo de que sabia... um pouco.

Stella Brisworth não compartilhava a falta de entusiasmo de Tara pelo artigo que tinham lhe encarregado. Passou pelo novo apartamento de Tara para ajudá-la com a mudança.

— Não soa tão mal — a consolou Stella quando Tara lhe contou os detalhes do trabalho. — Ao menos conhecerá alguns homens interessantes.

Eu não consegui. Os únicos homens que conheço só me querem para que lhes leve as contas.

— Isso é porque é contadora — disse Tara enquanto colocava os livros na estante de vime. — Acha que esta estante fica bem aqui? Ou talvez ficará melhor na outra parede?

— Em nenhuma. Só pode fazer uma coisa: embalar tudo e voltar para seu antigo apartamento. A estante ficava muito melhor ali.

— Stella!

— Certo, mas é verdade — Stella dobrou as pernas e abraçou os joelhos. — Não sei por que se mudou. Seu outro apartamento ficava mais perto do centro, era maior e bastante mais barato. Além disso, o forro do teto não parecia a ponto de cair.

— Não há nada no forro deste teto, Stell.

— Mas haverá — advertiu Stella. — Meu pai se dedicava a construção e sei destas coisas. Digo a você que um dia entrará nesta sala e comprovará que o teto se tornou o chão. Além disso, não há elevador.

— Só são dois andares. O exercício lhe cairá bem.

— O exercício é bom quando se supõe que está fazendo exercício, não quando carrega as bolsas de compra. Mas o melhor do outro apartamento era que ficava muito perto do meu. Vou sentir sua falta, por não falar de quando lhe fazia de babá grátis.

— Eu também sentirei falta de vocês — disse Tara. Talvez mudar não tinha sido tão boa idéia.

Deu outra olhada para a sala prestando especial atenção as molduras das portas de madeira maciça e os altos tetos. Não, mudar-se tinha sido a melhor ideia.

— Tinha que me mudar, Stella. Esta é a casa em que sempre me imaginei vivendo. Tem gosto, é elegante, antiga...

— Isso com certeza, sem falar do quanto fica longe.

— Não se preocupe — disse Tara estendendo uma mão para tocar o joelho de sua amiga. — Nos veremos e cuidarei de Matthew sempre que precisar — enquanto dizia isso examinou de novo a estante e decidiu que estava bem onde estava. — Só espero poder continuar pagando este lugar.

— E por que não iria poder? Lhe dão muitos artigos.

— Sim, suponho que sim se o que quiser é escrever sempre esses artigos absolutamente banais.

— Nem sempre escreve coisas banais! — Como chamaria aquele sobre as “Roupas que a fazem se sentir atrevida”, “O dormitório que incita”, ou “As melhores receita sensuais”. Jornalismo de investigação?

— Bom, não. Eu o chamaria pagar as faturas. E o que tem agora não soa nada mal. Nem sequer tem que procurar as cinqüenta qualidades do homem de verdade, só pôr em dia uma lista um pouco antiquada.

— Suponho. O problema é que não acredito que terei que atualizá-la.

— Como?

— Ouviu — confessou Tara. — Tenho pensando nisso desde que falei com Charlene. Disse que eu saía com muitos rapazes e é certo. Saí com muitos homens de agora, e nenhum me impressionou realmente.

— Oh, vamos — Stella levantou as sobancelhas. — Alguns desses rapazes eram realmente bonitos!

— Como quem?

— Derek, por exemplo. Era um encanto... com esses cachos loiros, e esses grandes bíceps.

— Isso é verdade — disse Tara, — mas dedicava a eles toda sua vida. Se até falava com eles...

— Agora que penso, um dia me apresentou eles.

— Os apresentava a todo mundo. «Olá, sou Derek e estes são meus bíceps». Ao final me dai conta de que importavam mais eles que eu.

— Talvez Derek não tenha sido um bom exemplo. Vejamos, o que me diz de Owen? Era muito bonito e não passava o dia na academia.

— Certo, ele passava todo seu tempo com o psicólogo-

— Não há nada mau nisso. Muita gente...

— Owen estava obcecado — recordou Tara.

— Era a única pessoa que conheci que tinha mais psicólogos que familiares. Nem sequer sabia que problema estava tentando solucionar. E quando não

fazia isso se entretinha me psicoanalizando. Finalmente, decidiu que era muito inseguro para comprometer-se e eu estive totalmente de acordo com ele.

— Um pouco compulsivo, sim. Foi má sorte porque era realmente encantador, mas sem ser sonhador como Angus. Esse sim que estava bem: loiro e barba de dois dias. Lembrava o Brad Pitt.

— Seu defeito era que nem cortava o cabelo nem procurava trabalho. Não podia fazer nenhuma das duas coisas porque se estressava.

— Mas se divertia com ele.

— Certo, mas isso era tudo. Não imaginava me casando com ele. De fato, esse era o problema com todos. Eram bons rapazes, mas não me via passando o resto de minha vida com nenhum deles. Eu acredito que era porque os achava muito modernos.

— Quer um homem talhado à antiga?

— Sim, convenhamos, Stella. Saí com muitos homens mas não por motivos de peso; sempre faço isso porque são bonitos, ou porque têm bom corpo, ou porque me parecem excitantes. Nunca saí com

nenhum que me parecesse uma sólida escolha como par.

— Entendo — disse Stella assentindo com a cabeça de loiros cachos. — Eu saí com meu ex, Bill, porque tinha uns ombros largos e acredito que até me casei pelo mesmo motivo.

— Isso é exatamente o que quero dizer! A partir de agora só sairei com aqueles homens que considere possíveis maridos — se reclinou contra o respaldo do sofá, fechou os olhos e imaginou seu homem de verdade. — Quero um homem como os de antes: forte, seguro de si mesmo, bem vestido, amável... um homem que lhe ceda seu lugar no ônibus, como faria Cary Grant ou Gregory Peck ou meu pai — abriu os olhos para checar a reação de Stella. — Meu pai era assim. Sabe que estava costumava levar para minha mãe uma xícara de chá na cama todas as manhãs? Acredito que nenhum homem tem feito isso por mim.

— Eu tampouco. Não posso imaginar que nenhum homem se levantasse antes que eu.

— Meu pai sempre o fazia. Queria cuidar de minha mãe. Já não restam homens assim.

— É nossa culpa — murmurou Stella. — Queríamos homens com sentimentos.

—E os têm, só que agora estão tão preocupados com o que sentem que não se preocupam com que alguém sente. Querem que as mulheres façam todo o trabalho enquanto eles se ocupam do que realmente lhes importa: sua carreira, seu programa de exercício, seu nível de colesterol. Não precisam de uma mulher porque estão muito ocupados em si mesmos.

—Isso é verdade — murmurou Stella. — Hoje em dia, alguém tem sorte se conseguir que seu ex-marido pague a pensão dos filhos a tempo.

— Fez outra vez? — disse Tara deixando de pensar em seus próprios problemas.

— Sim. Bill deixou o trabalho — disse Stella mais com resignação que com raiva. — Decidiu que instalar televisão a cabo não satisfazia suas necessidades. Aqui tem uma qualidade: um homem de verdade não está interessado em encontrar a si mesmo. Bill está buscando-se há anos. Infelizmente, ainda não se encontrou.

—Por isso se separaram?

— Por isso e porque sempre tratava de se encontrar no quarto de alguma loira sexy e peituda. Aí tem outra: o homem de verdade é monogâmico. Não é tão difícil!

— Não seria se fosse eu quem tivesse que inventar a lista. Faria em menos de meia hora. Mas isso não é o que Charlene quer que faça. Tenho que entrevistar um monte de homens e descobrir o homem de verdade .

— Isso complica as coisas — disse Stella. — Sempre pode falar com Gerald. Parece-se um pouco com Cary. Infelizmente, tem o mal costume de roubar no meio das pessoas.

— Gerald? — disse Tara colocando um exemplar de Romeo e Julieta na estante. — Não se refere ao cara que herdou Wutherspoon Esporte ao Ar Livre?

— O mesmo.

— Supunha — suspirou Tara.

Stella tinha implicado com o pobre Gerald desde que herdou a empresa em que esta trabalhava como contadora.

— O senhor Wutherspoon morreu de uma reação alérgica, Stell — acrescentou Tara.

— Isso é o que disseram, mas eu acho que é muito estranho. Admito que Franklin era alérgico a frutos do mar, mas sabia que era! E por isso tinha muito cuidado com o que comia. E ocorreu justo no jantar anual que celebra a empresa — disse Stella, que tomava aquele assunto como uma afronta pessoal. — Estava bem e no momento seguinte o levavam em ambulância. Mais tarde disseram que pensavam que tinha comido camarões-rosa camuflados com as entradas, mas eu não o vi fazer isso.

— Talvez não soubesse que continham frutos do mar.

— Suponho, embora não estranharia que Gerald tivesse algo a ver. Depois de tudo ele era o herdeiro — disse Stella dando um longo suspiro, com os olhos cheios de tristeza. — Queria que Franklin a tivesse deixado para outro. Franklin era um encanto, era um prazer trabalhar para ele. E agora seu sobrinho está fazendo todas essas mudanças. Introduziu uma linha de roupa íntima de couro, imagina? Se o pobre Franklin levantasse a cabeça!

— Talvez venda bem.

— Talvez — disse Stella dúbia. — Mas o que eu sei. Só me ocupo das contas e suponho que Gerald não é tão mau — ficou pensativa um momento e depois mudou de assunto. — Sabe com quem teria que falar na realidade? Com Stanley Gruber. É o vendedor que entrou na empresa faz uns meses. Acho que falei sobre ele.

— Algumas vezes — brincou Tara. Na realidade tinham sido um par delas embora para isso Stella era muito. O bom era que parecia que Stanley estava interessado nela.

— Não é assim. Além disso, Stanley é um bom homem. Encantador e amável, e tem um grande senso de humor. Não está tentando encontrar a si mesmo e sabe perfeitamente o que quer. Só é vendedor agora mas em alguns anos será diretor de marketing. Tenho uma intuição.

— Certamente tem melhor pinta que os homens que tenho que entrevistar — grunhiu Tara.

— Um programador, o dono de uma galeria, o homem do tempo do Canal Três...

— Esse que sai vestido segundo o tempo que vai fazer? — perguntou Stella horrorizada.

— Creio que sim.

— Está de brincadeira. Ontem à noite saiu com pijama de flanela para dizer que ia fazer frio. Não imagino meu homem ideal saindo na televisão vestido com um pijama de flanela.

— Pois é o melhor dos que tenho.

— Não acredito — disse Stella sacudindo a cabeça. — Não podem ser tão maus.

— Mostrarei a você — disse Tara levantando do chão e dirigindo-se a cozinha para procurar a lista. Voltou com os papéis e um refresco para cada uma. — Olhe.

— Um engenheiro, um filósofo, Howard Stera... tem razão. É horrível. Vamos ver quem mais: um detetive particular, pode ser interessante; Hunter McQuade, este também está bem.

— Não me diga que conhece alguém da lista?

— Bom, não o conheço, mas sei quem é. E você também.

— Não, eu não.

— É o protagonista de “Ação ao entardecer”. O livro de Chase Montgomery. Com certeza leu. Esteve muito tempo entre os mais vendidos.

— Não pode ser verdade — disse Tara com um gesto de desgosto. — Está me dizendo que as mulheres de hoje em dia pensam que um personagem de novela é o homem de verdade?

— Talvez seja o mais parecido que temos. Além disso, estou de acordo com elas. Hunter é magnífico. Tenho certeza que leu o livro, Tara. De fato, acredito que lhe deixei o meu — disse Stella enquanto procurava entre os livros que estavam em uma das caixas. — Aqui está.

— Não é este o livro no qual o protagonista tem que perseguir um ser malvado que quer se apoderar do mundo, vencer todo um regimento de tipos musculosos e resgatar a garota?

— É esse.

— O cara desse livro não é minha idéia de um herói. Só o que faz é correr de um lado para o outro fazendo explodir coisas.

— Isso não é verdade.

— É verdade. Cada vez que uma mulher aparece em seu quarto toma umas páginas para se deitar um pouco com ela — disse Tara com o mais absoluto dos desprezos. — Isso não é o que eu entendo por um homem de verdade.

— Não sei — disse Stella pensativa. — Depois de tudo, são cenas de sexo maravilhosas.

— São cenas de cama imaginárias — disse Tara exasperada. — Os maus querem eliminá-lo e ele aproveita para saltar em cima da primeira mulher que cruza no caminho? Muito longe de meu homem ideal, certamente.

— Bom, se eu tivesse um tipo como ele ao meu lado e o mundo estivesse a ponto de explodir, não me importaria nada que saltasse em cima de mim. É quase tão bonito como Stanley — disse Stella olhando a foto do escritor.

— Me deixe ver — disse Tara tomando o livro que Stella tinha nas mãos e olhando a foto colorida. Stella tinha razão. Chase Montgomery podia ser muitas coisas, mas feio não. Aquele homem com o cabelo perfeitamente cuidado, os olhos escuros que reluziam atrás dos óculos de aros de metal, o nariz um pouco esmagado, como o de Bruce Willis. Tinha os lábios curvados formando um sorriso.

— Não é uma gracinha? — perguntou Stella.

— É interessante — disse Tara deixando o livro. — Mas provavelmente não seja assim em

pessoa. E embora seja, não significa que ele ou seus heróis vão ser o homem de verdade .

— Continua me parecendo mais interessante que o programador ou o galeirista — disse Stella. — Se eu fosse você, marcaria já uma entrevista com ele.

Capítulo 02

O homem de verdade é pontual. Acertem seus relógios, garotas. Seu homem é o mais pontual. Quando diz as duas, diz a sério. Se tiver que esperar ficará de mau humor. Está impaciente por vê-la, o que não é nada desprezível. Você também vai querer ver um homem assim.

Das 49 qualidades do homem de verdade.
Revista Homens, Abril, 1949

Ou Chase não queria vê-la ou ele certamente não fazia parte da lista dos homens de verdade de 1949. Tara olhou para a porta do restaurante pela décima vez e se acomodou na cadeira enquanto franzia o cenho ao ver a hora. Aquele homem já chegava meia hora tarde. Certamente, a pontualidade não era uma característica do homem moderno.

Tampouco se podia dizer que abrigasse muitas esperanças a respeito de Chase Montgomery, mas era certamente o mais interessante do lote. Além disso, passou a tarde

lendo um de seus livros, e tinha que admitir que Stella tinha razão. Seus heróis eram os clássicos homens de ação mas as cenas de sexo eram espetaculares. Talvez tivesse qualidades.

Examinou a porta mais uma vez e viu entrar em um casal de idade madura, seguida de um homem com aspecto confuso, de uns trinta anos, vestido de modo informal e muito inapropriado para o lugar, com uma jaqueta escura e uma camiseta pop sobre os jeans. Tara observou o casal enquanto o maître os acompanhava para sua mesa e notou, com uma espetada de pura inveja, o solícito gesto do homem ao retirar a cadeira para que sua acompanhante se sentasse e sentar depois dela. Aquele homem sim era um homem de verdade. O mau é que devia ter setenta anos.

Olhou então o jovem da camiseta. Era um exemplo que ilustrava perfeitamente as maneiras inadequadas dos homens modernos. Era bastante atraente, mas estava desalinhado, com um jeans um tanto sujo, e aquela camiseta barata que destoava plenamente com o restaurante. Franziu o cenho ao ver que o maître se dirigia com ele diretamente para

ela. O homem da camiseta lhe parecia familiar mas não podia ser...

— Senhorita Butler? — perguntou o maître em um tom que congelaria o Equador.

— Sim? — disse Tara.

— Este homem pergunta por você — disse olhando para o homem com total desprezo antes de partir.

— Olá. Sou Chase Montgomery.

Não podia ser. Onde estava o terno, o sofisticado corte de cabelo, a cara barbeada? Tinha o mesmo cabelo escuro e os olhos profundos, embora não usasse os óculos. O nariz também era o da foto.

— Tara Butler — disse Tara estendendo a mão.

Ao lhe estreitar a mão, Tara sentiu um calafrio que lhe percorria o corpo. Tinha carisma, admitia, mas isso não o tornava o homem do século.

— Sinto não tê-lo reconhecido — continuou Tara depois de se recuperar. — Não se parece muito com a fotografia de seu livro.

— As pessoas sempre me dizem o mesmo — disse ele reclinando-se na cadeira. — Acredito que é

pelos óculos ou porque precisam de horas para conseguir que pose com esse aspecto.

Tara tentou não olhá-lo enquanto dispensava a bebida que o garçom oferecia.

— Preferia um chá se tiverem — disse. — Se não, tomarei água, mineral.

Água mineral e chás. Aquilo aterrorizou Tara.

— Então, me diga por que tudo isto, senhorita Butler?

— Tara — disse ela. — Seu agente não explicou? Falei com ele faz alguns dias e acredito que a revista...

— Só me disse que era para a revista Homens. Mas não a conheço. Tem a ver com caça e pesca?

— Na realidade, não — disse Tara. — É uma revista para mulheres.

— Ah, uma dessas — Chase se inclinou para trás no respaldo da cadeira. — Azul, salada com azeite e vinagre e as mulheres como você — Tara piscou rapidamente cheia de assombro e ele sorriu. — Isso é o que ia me perguntar, não? Minha cor

favorita, minha comida favorita e o tipo de mulheres que eu gosto.

Tara o olhou e sentiu um calafrio ao ver o sorriso de complacência em seu rosto. Conhecia os homens como ele. Petulantes, arrogantes, os que nunca se sentem sozinhos porque seu ego sempre lhes faz companhia. — Não exatamente, não.

— Não? Ótimo! Para ser sincero, não tenho preferências de cor, sempre digo a primeiro que me passa pela cabeça.

Tara estava virtualmente derretendo na cadeira com o arranque de sinceridade e o faiscante sorriso daquele homem. Talvez tivesse se equivocado com ele. Depois de tudo, era bonito embora não estivesse bem vestido e compreendia que não tivesse uma cor favorita; tampouco ela tinha...

Mas o que estava fazendo? Tinha tido reações assim antes e só queriam dizer uma coisa: química. Abriu a bolsa e tirou seus papéis.

— A revista quer fazer um artigo...

— Por isso é que estou tentando de pôr em dia a lista — concluiu Tara finalmente.

—Compreendo — disse Chase partindo uma parte de pão integral que o garçom havia lhe trazido, enquanto observava com admiração a mulher que tinha em frente. As entrevistas eram parte de seu trabalho como escritor embora ele não estava acostumado a gostar delas. Mas aquela era agradavelmente diferente.

Também Tara. Reclinou-se sobre o respaldo e a observou enquanto comia. Havia dito a verdade sobre gostar de mulheres como ela. Não tinha o olhar ansioso que as mulheres costumavam mostrar ante ele normalmente. Um corpo sinuoso, um rosto amigável, resplandecentes olhos verdes que sugeriam um grande senso de humor. O cabelo de um vermelho escuro que tinha penteado para trás deixavam a vista um rosto juvenil coberto de sardas.

— A revista realizou uma pesquisa e obteve uma lista de homens para que os entrevistasse.

— Meu nome estava na lista, não é assim? — disse Chase com presunção. Aquilo desmontava a teoria de Jerome de que seu fracasso com as mulheres era culpa dele. Alegrou-se de ter aceito que lhe fizessem a entrevista. A senhorita Butler não

usava anéis e tinha um corpo esplêndido. Deteve a olhar sua garganta e a pele visível de seu decote.

— Bom, não exatamente — disse Tara. — Hunter estava na lista.

— Quem? — perguntou Chase surpreso e a olhou no rosto.

— Hunter McQuade. O protagonista de “Ação ao entardecer”.

— Quer dizer que está me entrevistando porque Hunter está na lista dos homens de verdade?

— Isso.

— Hunter McQuade não é um bom exemplo. Para começar, nem sequer é real. Eu o criei!

— Sou consciente disso — respondeu Tara com serenidade. — Para as mulheres que participaram da pesquisa e foi pedido que identificassem seu homem ideal mas não lhes disseram que tinha que ser um homem de carne e osso.

— Ótimo — disse Chase sem emoção. Seu nome não aparecia na lista mas o de seu herói de ficção sim. Não sabia se sentia-se adulado ou insultado.

— Por isso tenho que fazer a você algumas perguntas sobre ele.

— Sim? — Chase se sentia definitivamente insultado. — E o que quer saber, senhorita Butler?

— Tara, por favor. Não serão muitas perguntas — disse Tara dando uma olhada no relatório que tinha nas mãos.

Enquanto, Chase deu um longo gole de água tentando recuperar a compostura. Ao menos seu herói tinha tido êxito e ele se sentia identificado com ele de algum jeito.

— Que tal se começarmos por suas maneiras?

— Maneiras? — repetiu Chase.

— Sim. Como é Hunter? Diria que tem bons maneiras?

— Maneiras? Ele se dedica a salvar o mundo. Está muito ocupado fazendo isso para se preocupar com suas maneiras.

— Entendo — disse Tara franzindo os lábios.

— Não considera importantes as maneiras.

— Bom, não é assim exatamente. Simplesmente não se preocupa com elas.

— Compreendo — Tara escrevia em seu caderno as respostas. — E o que me diz de você? Considera importante?

— Não quero ser grosseiro, mas bem, não sou um professor da etiqueta.

— E o que me diz da moda? Diria que Hunter anda bem vestido?

— Não muito — disse Chase e pôde ver como Tara voltava a escrever em seu caderno. — Mas eu tampouco diria que anda mal vestido. A maioria do tempo usa roupa de camuflagem ou de cor negra se for de noite. Suponho que se veste de forma adequada para sua forma de vida.

— Certo, mas não é isso o que quero saber. Interessa-me saber se a moda é uma prioridade para ele.

— Não — respondeu Chase. — Salvar o mundo sim é; o que usa não é prioritário.

Mas a jovem não parecia muito impressionada ante a natureza das missões de sua criação literária.

— Então, se Hunter se encontrasse em uma situação que requeresse terno e gravata, usaria?

— Não sei. Suponho que se tivesse que fazer, faria.

— Oh, certo — disse Tara. — Sigamos com a pontualidade.

— A pontualidade é muito importante para Hunter — disse Chase aliviado de que lhe perguntasse algo que podia responder positivamente. — Sempre chega antes de que a bomba exploda... embora Hunter chegou por um fio da última vez, e acredito...

— Não é esse tipo de pontualidade que me estava referindo — disse Tara com um sorriso. — Me referia a sua pontualidade nos encontros. É pontual nesses casos?

— Suponho que seria embora sempre haja alguma circunstância atenuante.

— Por exemplo?

— Sabe como é — disse Chase fazendo um gesto com a mão. — Se estivesse atado pelos pés e mãos, ou preso, ou abandonado no meio do deserto. Se alguma dessas situações acontecesse, chegaria tarde. Dias tarde.

— E como se sentiria? Zangado, preocupado...? — perguntou Tara com gesto de desaprovação de novo.

— Preocupa-lhe mais poder perder a vida — respondeu Chase irritado. — Além disso, meu herói não tem muitos encontros.

— Não pensa estabelecer uma relação estável?

— Hunter já tem relações! — disse Chase começando a ficar farto da entrevista.

— Não, em seus livros, não. Começa muitas mas não continuam. Não parece lhe preocupar muito nada que não seja sua próxima aventura.

— Isso não é verdade. Além disso, são livros de aventuras, não romances de amor. Embora meu herói seja grande amante — sorriu ao dizer isso enquanto se inclinava sobre a mesa tentando convencê-la. — Ou ao menos, assim é como tento descrever as cenas de sexo.

— Sêrio? — disse ela. — Bom, deve ser um grande amante porque cada vez que uma mulher entra em seu quarto se joga sobre ela.

— É ficção, senhorita Butler — disse ele a contra gosto ao notar o desprezo dela.

— Não esqueci — disse Tara. — O que digo é que um homem que não se preocupa com a pontualidade, nem com as maneiras, nem com as relações pessoais ou o terno não teria grande êxito no mundo dos homens de verdade. Falemos agora de livros, que tipo de literatura seu herói gosta de ler?

«Que tipo de literatura seu herói gosta de ler?» — Mas que tipo de pergunta é essa? — Chase golpeou o teclado com ambas as mãos.

Mais tarde se sentou frente ao computador para apagar isso. Não era assim que funcionavam suas histórias. As mulheres faziam sempre o que ele queria com apenas um olhar seu. Além disso, seu herói estava nesse momento no meio do oceano, rodeado de valentões e chantagistas. Não havia tempo para ser educado, preocupar-se com o que usava ou com o que gostava de ler.

Levantou-se e se dirigiu para a cozinha para procurar um copo de suco. Não sabia o que lhe ofendia mais: não estar na lista de homens de verdade ou que seu herói estivesse a ponto de sair dela. Provavelmente o segundo, embora era como

se fosse ele mesmo porque o tinha criado segundo a idéia que ele tinha do que era um homem ideal. E ele se considerava um bom exemplo também. Embora estava claro que a senhorita Butler não compartilhava essa opinião.

Recordou então suas curvas, e seus olhos. Repassou mentalmente sua aparência totalmente feminina. A próxima mulher que aparecesse em seu livro seria como ela. E arrancaria a roupa de Hunter assim que tivesse a mínima oportunidade.

Estava pensando nisso quando alguém bateu na porta. Quando abriu, seu ânimo não melhorou ao ver que era Jerome.

— Quando tiver que descrever Hunter bem vestido, pensarei em você — grunhiu.

— Bom, mas não posso imaginar por que teria que vestir seu herói de terno. Com certeza nem sequer tem um.

— Pode ser.

— É minha imaginação ou está de mau humor? — perguntou Jerome enquanto tirava do frigorífico um refresco.

— É obvio que estou de mau humor — disse Chase. — O herói de minhas novelas está em um

iate no meio do oceano rodeado de valentões e chantagistas. A única maneira que tem de sair dali é com a ajuda da garota e ela não o fará se não ler os livros adequados!

— Por isso está de mau humor? Que tal foi a entrevista?

— Não muito bem. De fato, acredito que reprovei.

— Era uma entrevista, Chase, não um exame. A que se refere com reprovou?

— O exame do «homem de verdade». Acho que Hunter também.

— Quem?

— Hunter — recordou Chase. — Já sabe. O herói de “Ação ao entardecer” e todos meus outros livros.

— Isto não tem boa pinta. Acredito que será melhor que me conte isso.

— Não há muito que contar — disse Chase, mas contou tudo.

— Deixa ver se entendo — disse Jerome. — Você não sai na lista de homens de verdade mas Hunter sim?

— E acredito que apenas por um fio. Foi uma entrevista estranha. Hunter é um homem educado? E eu que sei!

— Oh — disse Jerome aparentemente preocupado.

— Nem sequer sei se deveria ser. É um herói de ficção que passa o dia apanhando criminosos e seduzindo mulheres. Não se preocupa em ser educado ou pontual enquanto faz isso.

— Talvez deveria — disse Jerome com lentidão.

— Como diz? — perguntou Chase olhando-o nos olhos.

— Disse que talvez deveria, e talvez você também deveria fazer isso. Eu gosto de seus livros, Chase, e vendem muito bem, mas tem que admitir que seu herói só tem uma dimensão.

— Uma dimensão! — repetiu Chase.

— Sim, Chase. Não parece real.

— Não é — grunhiu Chase. — Eu o criei.

— Já sei que você o criou, mas seus leitores querem saber como é — franziu o cenho em um ato de óbvia preocupação — Isto poderia ser grave, sabe? Não queremos que a revista Homens diga que

nem você nem seu protagonista são homens de verdade.

— É só uma revista para mulheres, Jer.

— Quem acha que compra seus livros? As mulheres. Precisa desse público.

— Acreditava que já o tinha.

— Este é um negócio muito instável, amigo.

Um dia está na crista da onda e no outro não. As mulheres da América do Norte escolheram seu herói como um exemplo de seu homem ideal. A última coisa que sua carreira precisa é que um artigo diga que não é. Temos que fazer um esforço para reparar o dano.

— O que propõe?

— Não sei — disse Jerome pensando nisso.

— Talvez possamos pedir a senhorita Butler uma segunda oportunidade. Dizer a ela que não estava em seu melhor momento porque sua namorada acabava de deixá-lo.

— Isso não ajudará muito a minha carreira tampouco — disse Chase, que não gostou nada da idéia.

— Nunca se sabe. Pode ser que as mulheres sintam pena de você.

— Não, obrigado. Além disso, embora falasse de novo com ela, não me sairia bem. Tinha que ter visto a lista de qualidades que tinha. Havia várias. Poderia fazer com que Hunter mostrasse algumas mas não sei... Poderia acabar criando um homem que as mulheres não gostassem. Se pudesse conseguir a lista, com certeza você me diria as respostas corretas.

— Quem lhe diz que eu as saiba?

— Esteve casado três vezes, Jer. Algo deve saber.

— Também me divorciei três vezes. E parece que vou fazer isso pela quarta vez.

Chase notou então que seu amigo tinha os ombros afundados e parecia totalmente abatido. Não parecia um homem feliz.

— Achava que havia dito que Vanna era a mulher definitiva.

— É... para mim — Jerome suspirou. — Mas não estou muito seguro que ela pense o mesmo.

— Do que está falando?

— Vanna me sugeriu que fossémos ver um conselheiro matrimonial.

— Isso é bom — tentou consolá-lo. — Não é o mesmo que tivesse feito as malas e levado os móveis.

— É virtualmente o mesmo — disse Jerome com uma careta. — Já passei por isso antes, Chase. Sei como funciona. Primeiro vem o conselheiro e em seguida se vão.

— Certo, Jer, é uma pena.

— Eu que o diga — disse Jerome fazendo um esforço para ocultar seu abatimento. — Por isso é que eu diria que isso me descarta como uma autoridade em homens perfeitos. Deveria falar com outro. O que acha de seu cunhado?

— Eddie? — disse Chase com surpresa. — Eddie vende móveis. Acha de verdade que sabe algo que não tenha a ver com madeira e sofás?

— Suponho que não. Mas não me ocorre ninguém mais.

— A mim tampouco. Queria que tivesse a lista. Assim poderia saber o que tem que ter para ser homem de verdade e o que as mulheres querem.

— Essa sim que é uma brilhante ideia.

Eram mais de seis quando Tara chegou a seu apartamento. Fazia calor e tinha sido um longo dia. Quando abriu a porta, depois de subir os dois andares, perguntou-se se realmente tinha sido boa idéia se mudar.

Entretanto, a brilhante madeira do chão, a elegância da sala e o suave murmúrio do ventilador de teto a fizeram se sentir melhor. Seu apartamento era perfeito. O problema era que não gostava do trabalho que tinha que fazer. Não tinha progredido muito com nenhum dos artigos.

Colocou uma malha e uma camiseta mas se deteve ao se olhar no espelho do quarto. Aquele traje não parecia o mais apropriado para aquele elegante apartamento. Deveria ter posto algo mais de acordo, como uma dessas combinações acetinadas que tinha visto quando escreveu seu artigo “Sexy em casa”. Lembrava que naquele artigo havia dito que não era necessário andar pela casa em jeans velhos ou de pijama. Havia toda uma linha de roupa igualmente confortável mas muito mais atraente. Depois de tudo, uma nunca sabia quando o homem de sua vida bateria na porta.

Nesse momento não havia ninguém na vida da Tara mas, como havia dito em seu artigo, o homem de verdade podia aparecer em qualquer momento.

Estava na cozinha procurando algo para jantar quando Stella telefonou.

— Queria conversar — disse com tom queixoso. — Tive um dia longo e aborrecido e não posso bater na porta de minha vizinha para me queixar. Como foi o seu?

— Muito parecido — respondeu Tara enquanto segurava o telefone sem fio com uma mão e abria a geladeira com a outra. — Passei toda a tarde falando com cozinheiros para ver se encontrava material para o artigo das melhores receitas sensuais e não entramos em acordo. Até o momento, descobri que praticamente qualquer coisa excita um homem contanto que cozinhe como ele gosta — disse tirando um refresco, um broto de alface e outros ingredientes para fazer uma salada. — Ah, e também descobri que falar de comida me dá muita fome.

— E o que me diz de Chase Montgomery? Não tinha ficado com ele hoje?

— Sim — respondeu Tara abrindo a lata e dando um gole. Estava estragada.

— E aí? — Perguntou Stella. — Vamos, me conte. Como é? Deu muita informação para seu artigo?

— Não — Tara deixou o refresco e tirou uma caixa de leite. Também estava estragado. Cheirou-a e fez uma careta. — Não me deu nada para meu artigo, para falar a verdade. Mal sabe como é seu herói, além de que salva o mundo — disse Tara bastante decepcionada com Chase Montgomery. — Nem sequer sabia que deveria saber.

— Certo. É uma pena. Embora era de esperar, suponho. Os tipos tão bonitos quase nunca têm cérebro — se deteve. — Porque é bonito, não?

— Suponho que sim. É do tipo de homem desalinhado, que bebe chás, fisicamente parecido com Bruce Willis.

— Ah — disse Stella igualmente decepcionada como Tara. — Não se parece com Hunter.

— Não se parece em nada com Hunter — disse Tara com a alface murcha na mão. — Suponho

que não deveria ter esperado isso tampouco. Hunter é parte de sua imaginação. O inventou.

— E o que me diz dessas cenas de sexo? Acha que também são parte de sua imaginação?

— Não. Acredito que são reais — disse Tara ao recordar o calafrio que tinha lhe percorrido o corpo quando apertaram as mãos.

— Talvez devesse checar — disse Stella intrigada.

— Como diz?

— Por que não? Suponho que seria um estímulo para seu artigo.

— Não me vou dormir com Chase Montgomery para que o artigo tenha um estímulo!

— Só era uma idéia — o tom de Stella soou então totalmente excitado. — E falando de estímulos. Hoje comi com Stanley. Já sabe. Stanley Gruber.

— Tenho ideia de quem se refere, Stell.

— Sim? Bem. Bom, falei para ele de seu artigo e que você gostaria de fazer algo mais sério, jornalismo de investigação e me sugeriu que fizesse um artigo sobre a Wutherspoon Esporte ao Ar Livre

e todas as mudanças que aconteceram desde que Gerald tomou o controle. Não é uma grande ideia?

— Tem possibilidades.

E assim era. Tinha escrito algumas coisas para uma revista da área empresarial e se mostraram contentes com seu trabalho. Não era exatamente o que aspirava mas era um começo.

— E enquanto faz isso poderia investigar um pouco a morte de Franklin — continuou Stella.

— Fazer o que?

— Investigar a morte de Franklin — repetiu Stella. Já sabe. Fazer perguntas. Investigação jornalística.

— Não estou fazendo uma investigação jornalística. Além disso, não há nada que investigar.

— Poderia haver. Não imagina o que descobri hoje. Estava falando com a senhora Kirpatrick, de compras, quando me disse que Marión Phillips tinha comentado que havia dito especificamente a Franklin que havia camarões-rosa no prato e que não deveria come-lo. O que acha?

— Não era Franklin um pouco ruim de ouvido?

— Sim, mas...

— Bom, então não deve ter ouvido-a.

— Talvez — concedeu Stella. — Ou talvez não comeu os camarões-rosa!

— Teve ter feito isso. Morreu de uma reação alérgica, lembra?

— Sim, sei, mas pode ser que não comeu aquele coquetel de camarões-rosa e que alguém pedisse frutos do mar e tivesse colocado um pedaço no prato. Teria sido muito fácil porque estávamos em um restaurante francês desses em que tudo tem molhos da mesma cor.

— Suponho que é possível mas não acredito...

— Temos que checar. Franklin foi bom comigo. Deu-me um trabalho quando estava procurando um desesperadamente. Se algo sinistro ocorreu a ele, deveria fazer todo o possível por descobrir.

— Sei como se sente mas não acredito que você e eu sejamos...

— Você e eu somos perfeitas. Temos motivo, meio e oportunidade e isso é o necessário para cometer um assassinato ou isso é o que dizem na televisão. Poderia utilizar este artigo como desculpa

para falar com as pessoas, descobrir se alguém, além de Gerald, tinha motivos para se desfazer de Franklin. Eu me ocuparei dos meios e a oportunidade. Perguntarei e descobrirei quem se sentou ao lado dele. Podemos fazer uma representação dos fatos como nos filmes.

— Não sei.

— Por favor, Tara — suplicou Stella. — Pensa no artigo tão bom que poderia escrever se encontrássemos o assassino.

Talvez pudesse ser um importante giro em sua carreira, mas duvidava muito que houvesse algo a descobrir. Mesmo assim, um artigo na Gazeta dos Negócios de Chicago era melhor que o que tinha nas mãos nesse momento.

— Pensarei nisso.

— Obrigado, obrigado, obrigado. Começarei agora mesmo com a lista de pessoas com que tem que falar.

Quando desligou, Tara puxava os cabelos. Stella dava por feito que o faria. Mas não sabia o que faria se essa revista não se interessasse finalmente pelo artigo.

Mal tinha desligado o telefone, quando voltou a tocar. Tara o atendeu certa de que seria Stella dizendo as pessoas. Mas não era Stella. Era Charlene, e estava muito excitada.

— Alegra-me que esteja em casa, Tara. Só queria dizer que estamos muito contentes.

— Sim? — disse Tara sem saber do que lhe falava.

— Sim. Fez especialmente bem. Sofia tem razão. É excelente.

— Sou? Só o que tinha feito era manter uma não-conversa com um homem inexistente, e não havia dito nada a Charlene. — E o que é que fiz?

— O que fez? Querida, sabe perfeitamente. Almoçou com Chase Montgomery.

— Bom, sim, fiz isso, mas, um, eu não diria que foi uma entrevista especialmente boa.

— Não é isso o que diz o senhor Montgomery.

Ou não lembrava bem ou a idéia do Chase de uma boa entrevista era muito diferente da sua.

— Falou com ele?

— Não com ele pessoalmente. Falei com seu agente. Segundo ele, Chase ficou bastante impressionado com o projeto.

— Sério? — Tara não estava segura de que Chase sequer o tivesse entendido, muito menos ficado impressionado.

— Absolutamente maravilhado, acredito. Gostou tanto que quer fazer parte.

— Quer que o entreviste de novo?

— Não exatamente, não. Quer trabalhar com você.

— Chase Montgomery quer trabalhar comigo para atualizar a lista de qualidades que uma mulher tem que reconhecer no homem de verdade?

— Isso.

— Está segura de que é uma boa idéia, Charlene? — disse Tara apoiando-se sobre o balcão.

— Quero dizer, é um ponto de vista interessante, mas...

— É exatamente o ponto de vista que precisamos.

— Suponho. Mas, um, parece que nos vai sair muito caro. Estou segura de que eu sozinha poderia fazer o trabalho...

— Não é nada caro. O senhor Montgomery se ofereceu voluntário. Não é maravilhoso? Estou encantada, e sei que Sofia ficará também. É fabuloso!

— Fabuloso — repetiu Tara fechando a porta da geladeira de repente. Acabava de quebrar a geladeira, não havia cubos de gelo, a alface estava murcha e tinha que escrever um artigo com Chase Montgomery.

Ao menos tinha algo mais para o artigo. Um homem de verdade sabe quando não se meter nos assuntos dos outros.

Capítulo 03

Os homens de verdade não comem cereais no café da manhã. Não sirva ao seu homem uma tigela de cereais. Isso é para os meninos. Precisa de um café da manhã energizante. Deveria despertar com o aroma de café recém feito, bacon frito, e ve-la, perfeitamente penteada, maquiada e vestida na cozinha, preparando os ovos exatamente como gosta.

Das 49 qualidades do homem de verdade.
Revista Homens, abril 1949

— Eu comerei cereais — disse Chase, — e um chá. Tem chá, não é?

— É obvio, senhor, o que gosta? A hortelã é especialmente boa pela manhã, mas também temos camomila...

Tara se recostou na cadeira enquanto observava os dois homens discutir sobre chás. Gregory Peck ou Cary Grant não falaria nunca de algo assim. Os homens modernos estavam sempre

preocupados com seu corpo. Seu ideal de homem a la Cary Grant não o faria. Igual a tampouco podia imaginar esse homem entrando em um elegante restaurante vestido com uma camiseta que dizia «eu adoro correr». Embora o certo era que em Chase ficava muito bem, com certeza melhor que ao próprio Cary. Chase exibia um peito forte. Não era o tipo que usa terno porque com certeza mancharia a gravata, a menos que tivesse uma namorada que se ocupasse de sua aparência.

Tara deu outro gole de café enquanto considerava isso. Não pôde evitar se perguntar como seria a mulher que haveria na vida de Chase. Tinha lido algo nas revistas sobre esta ou aquela modelo mas nunca pareciam relações sérias. Não era um homem perfeito, mas as mulheres de hoje em dia tendiam a passar por cima de coisas como as boas maneiras, a pontualidade ou a elegância para fixar-se mais na fama, a riqueza ou um peito musculoso e uns braços morenos. Tara observou os braços de Chase, morenos e voltou para seu peito. Talvez todas essas mulheres tivessem razão.

— O café costuma despertar as pessoas — disse Chase aproximando-se dela por cima da mesa,

— mas parece que o seu a está pondo em uma espécie de transe.

— Ah, sinto muito, estava... pensando... — «em seu peito e seus músculos imaginando como ficaria de terno » — ... em minha geladeira.

— Sua geladeira?

— Quebrou — disse ela fazendo uma careta ao recordar o aroma de leite coalhado. — De fato, parece que não é nada com o aparelho e sim com a instalação elétrica do edifício.

— Isso não parece seguro. Hoje é a gladeira e amanhã todo o apartamento pode estar em chamas. Se eu fosse você, pensaria seriamente em mudar de apartamento.

— Não, obrigado. Acabo de desembalar tudo. Além disso, é normal que aconteça algo assim. É um edifício antigo. Acredito que o construíram nos anos quarenta.

— Onde fica? — Perguntou Chase e quando Tara disse fez uma careta. — Por que vive aí?

— É um bairro interessante. Parece... um ambiente agradável.

— O ambiente não serve para arrumar as rachaduras na parede ou as falhas no sistema

elétrico. Se quer saber minha opinião, deveriam demolir todas essas casas e construí-las de novo. Fazer casas decentes para as pessoas em vez de tornar tudo em zonas residenciais para os ricos.

Tara se moveu incômoda. Tinha que admitir que naquilo tinha razão.

— E onde você vive?

— Em White Valley — respondeu ele com um sorriso de satisfação. Tara esperava que lhe dissesse que vivia na zona rica da cidade.

— White Valley? — Perguntou Tara. — Refere-se aos subúrbios, no South Side?

— Exatamente.

— Ah — respondeu ela deixando a xícara na mesa, intrigada. — Por que vive ali um escritor famoso?

— É bom lugar. Há muitos parques para sair para correr, vários negócios, bons colégios...

— Escolas? Tem filhos?

— Não que eu saiba — disse Chase com um sorriso. — Mas minha irmã sim. Vive perto e também minha mãe.

Parecia que era um homem familiar, ou melhor um menino de mamãe. Com certeza até

lavaria sua roupa a menos que contratasse alguém para isso. Com certeza que seria assim. Teria uma casa com jardim, decoração moderna feita por um profissional, e serviço, talvez inclusive uma cozinheira que se ocupasse de lhe preparar os chás.

— Interessante... mas não é isso para que viemos. Temos que falar do artigo.

— Claro — disse Chase. — O que há para discutir?

— Muitas coisas. O conceito. O ponto de vista que seguiremos. Por que está fazendo isto...?

— mordeu o lábio inferior, mas as palavras já tinham saído de seus lábios. Não queria ser tão direta.

— De acordo — disse Chase esperando que o garçom lhe servisse o chá. — O conceito parece bastante óbvio. Tem um artigo que foi escrito em 1949 no qual se incluíam as características que as mulheres tinham que procurar em um homem de verdade. E agora tem que atualizá-la.

Tara assentiu com a cabeça.

— O ponto de vista também parece claro. Tem uma lista de homens com os quais falar.

Ligaremos para eles e falemos com eles. Não acredito que demoremos mais de um ou dois dias.

— Temo que não será tão simples — explicou Tara com cuidado. — Não podemos ligar para eles e perguntar sua opinião sobre a pontualidade ou as boas maneiras.

— Por que não? É o que fez comigo.

— Só fiz isso para perguntar por seu personagem. Não podia passar um dia com Hunter.

— Suponho que não — disse Chase com olhos travessos. — Embora poderia escrever uma cena em que o fizesse.

Provavelmente seria uma em que Hunter lhe arrancaria a roupa.

— Não, obrigado — disse Tara, embora a idéia pudesse parecer atraente. — Já tenho a informação sobre Hunter, mas não sei nada do resto dos homens.

— Não estará sugerindo que passemos um dia com cada um?

— Talvez não um dia, mas sim umas horas.

— Horas? Quantos homens são?

— Uns vinte e quatro.

— Vinte e quatro? Não podemos passar horas com cada um. Isso nos levará... horas.

— Melhor dias — corrigiu Tara. — Por isso acredito que será melhor dividimos isso. Você poderia se ocupar do poeta, o galerista e o que gosta de rapel e eu me ocuparei dos outros. Entrevistaremos eles e depois poremos em comum todas as qualidades que tenhamos encontrado.

Recostou-se na cadeira. Se repartissem o trabalho ela, poderia ocupar-se de outros projetos mais interessantes. Embora não tivesse muitos a vista.

— Acredito que não — disse Chase mastigando com lentidão os cereais.

— Como diz?

— Não acredito que seja uma boa idéia — disse ele dando umas batidinhas na mão de Tara.

Tara não tinha esperado uma resposta semelhante e o olhou com apreensão.

— E como você acha que deveríamos fazer isso?

— Juntos.

— Não há razão para que tenhamos que fazer as entrevistas os dois juntos. Demoraríamos menos tempo...

— Eu não posso continuar com meu trabalho até que faça isto. Meu herói está preso no meio do oceano, rodeado dos valentões de um mafioso e de tubarões, e não poderá escapar se não ler o tipo de livros adequado.

— O que?

— Coisa minha — disse Chase. — Preciso de inspiração e acredito que poderei encontrá-la falando com esses homens.

— Não acredito que um galerista se encontre rodeado de tubarões muito freqüentemente — disse enquanto olhava o sorriso encantador de Chase.

— Nunca se sabe. Ouvi coisas terríveis do mundo da arte.

— Mesmo assim, seria melhor que cada um se ocupasse de uma parte da lista...

— Podemos fazer isso. Só acredito que seria melhor se falássemos com todos de uma vez.

— Eu não acredito. Seria melhor fazê-lo a minha maneira, para demorar menos.

— O certo é, Tara, que não estou muito seguro do que tenho que descobrir. Embora soubesse, duvido muito que o fizesse bem. Escrevo novelas, não artigos de revistas. Passo noventa por cento de meu tempo em meu escritório, mas nunca entrevistei ninguém.

Chase ficou olhando-a com um aspecto de indefeso irresistível. Tara tratou de recuperar a razão.

— Teve que investigar algo para seus livros.

— Algo, sim — disse ele abrindo e fechando os olhos. — Chamo para as pessoas e lhes faço perguntas técnicas sobre navios, aviões... trajetórias de mísseis e essas coisas. Mas seu projeto é totalmente novo para mim.

— E o que me diz de antes de se tornar escritor? — perguntou Tara, que tinha uma vaga lembrança de ter lido algo sobre sua vida embora não podia recordar o que.

— Vejamos. Trabalhei em um lugar de comida rápida quando tinha dezesseis anos. Depois daquilo acabei odiando esse tipo de comida, mas não tirei grande experiência em entrevistar pessoas.

— E entre os dezesseis e agora? Ou esteve fritando batatas até que vendeu alguns livros?

— Não — respondeu Chase. — Trabalhei por alguns anos na construção, depois dirigi um caminhão...

Pedreiro e motorista de caminhões. Isso explicava muitas coisas.

— E depois ensinei física durante um tempo — terminou Chase.

— Estudou física na universidade? — perguntou Tara com evidente surpresa.

— Não, deixam-lhe ensinar se quiser tendo um pouco de experiência preparando comida rápida ou saiba bater uns pregos. Pois claro que estudei física. É necessário para ensiná-la, mas temo que tampouco ajuda nesta situação. Sei por que um helicóptero pode despencar na vertical e como calcular a trajetória de uma bala, mas não me deram aulas sobre como entrevistar pessoas.

— E se não tinha entrevistado nenhuma vez ninguém, por que se ofereceu para fazer isto? — perguntou Tara sem poder evitá-lo.

— Meu agente não explicou isso? — perguntou Chase com surpresa.

— Disse a Charlene que a idéia o tinha deixado fascinado mas...

— Sim — a interrompeu Chase. — Estou absolutamente fascinado.

— Seriamente? — perguntou Tara não muito convencida.

— A sinceridade é uma característica importante do homem de verdade ?

— Sim.

— Certo — disse ele dando um suspiro. — De acordo. O certo é que estou preocupado com Hunter. Quero criar um homem que as mulheres possam admirar.

Parece que você também está trabalhando no mesmo conceito. Ao seu lado poderei descobrir o tipo de homem que as mulheres gostam, mas precisarei de sua ajuda — disse ele, seu sorriso era doce e encantador. — Além disso, como saberia eu quem é o homem ideal se não estiver você para me mostrar?

A Tara não ocorria nenhuma razão para contradizê-lo. Ela tinha sua própria idéia do homem perfeito e quem sabia o que encontraria Chase se não lhe desse uma mão.

— Acho que poderíamos fazer as primeiras entrevistas juntos. Mas tem que ser pontual.

— Como você disser.

— E não seria mal que se vestisse um pouco mais formalmente. Haverá fotografos e isso.

— Claro — disse ele, surpreso uma vez mais.

— De acordo então — disse ela recolhendo seus papéis. — Com quem quer começar? O galerista ou o programador?

Meia hora depois, Tara estacionava em frente a Wutherspoon Esportes ao Ar Livre. Não estava muito segura do por que Chase se ofereceu como voluntário para ajudá-la em seu artigo nem por que tinha insistido tanto em que trabalhassem juntos. Entretanto, uma coisa estava clara. Já que tinha decidido fazer isso, ia chegar até o final. Mostrou-se muito interessado na idéia e tinham passado mais de uma hora discutindo o enfoque até decidir que cada um pensaria nas qualidades que melhor descrevessem o homem de verdade. Tara estava desejando ver suas sugestões.

Estava pensando nisso quando abriu a porta dos armazéns. Fazia muito que não passava por ali. Tinham sido modificados de forma que estava

dividido entre a área de vendas e a área de escritórios em um mesmo edifício. O falecido senhor Wutherspoon se preocupava com a qualidade de seus produtos mas não com a decoração. Antigamente aquilo não era mais que uma grande galpão com o chão de cimento e luzes fluorescentes no teto.

As coisas tinham mudado muito. O chão estava coberto por um tapete de um suave cinza e as paredes tinham sido pintadas. A mercadoria estava dividida por departamentos. Tara passeou pela seção de mochilas, deteve-se para ver algumas jaquetas e finalmente as barracas onde uma vendedora lutava com um manequim que tentava vestir.

— Precisa de ajuda?

— Oh, não — disse Tara. — Só estava olhando.

— As mochilas estão por ali, e mais à frente o material de escalada. Você não é das que escalam, não é? — disse olhando para Tara de cima abaixo.

Tara negou com a cabeça.

— Bom porque não sei onde estão as coisas — disse. — Sai algumas semanas de férias e quando chega tudo mudou de lugar.

— Sim, este lugar está diferente.

— Eu que o diga — disse a vendedora. — É por causa do senhor Charmichael. Mudou tudo. Estamos nos renovando desde que assumiu a direção.

— Está muito... bem — aventurou Tara.

— Suponho — disse a mulher com uma expressão que dizia claramente que não gostava. — Pessoalmente, não acredito que tenha o aspecto de uma loja em que se deve comprar equipamento de montanhismo. Parece mais uma... boutique.

— Bom, sim, parece.

— Inclusive incluímos uma linha de roupa íntima de couro no catálogo de produtos — disse a mulher com um gesto de asco. — Se o senhor Wutherspoon levantasse a cabeça... A este passo, não estranharia que estivéssemos fora do negócio em menos de um ano.

— Não acredito que seja assim. Estou segura que venderá bem — disse Tara tentando animá-la.

— Duvido — disse a mulher enquanto se virava e se dirigia para outros clientes.

Tara a observou durante um momento e depois saiu da área de vendas, atravessou as portas de vidro e subiu ao segundo andar onde ficavam os escritórios. O senhor Charmichael fazia mudanças ali também. A entrada tinha sido pintada de outra cor e o chão estava coberto com o mesmo elegante carpete de cor cinza. Sarah Miles, que tinha sido a secretária do senhor Wutherspoon durante anos, também tinha sido substituída por uma jovem vestida com um terninho de seda verde que teclava no computador com assombrosa eficiência.

— Olá — disse com um brilhante sorriso. — Bem-vinda a Wutherspoon Esportes ao Ar Livre. No que posso ajudá-la?

— Bom... eu... Angie — começou Tara lendo o nome que aparecia no crachá da jovem, — eu gostaria de escrever um artigo sobre os armazéns e queria falar com alguém a respeito. Sou uma jornalista free-lance e eu gostaria de falar sobre as mudanças que este lugar experimentou desde que o senhor Charmichael assumiu a direção — explicou

Tara, — mas também sobre o andamento do negócio em geral.

— Sério? — perguntou Angie passando as mãos pelos inexistentes quadris — E haverá fotografos?

— É obvio — disse Tara.

— Bem, então não vejo por que não poderíamos fazer.

— Acho que teria que falar com o senhor Charmichael, no entanto. Como acha que reagirá?

— Não acredito que tenha nenhuma objeção — disse Angie. — É muito amável. Um verdadeiro cavalheiro. Me entende. Sempre está de acordo com tudo e não fica por aí tocando o meu traseiro na menor oportunidade.

— Mesmo assim acho que deveria falar com ele — insistiu Tara que não via que aquela garota tivesse muitas curvas.

— Provavelmente, sim — disse Angie sem deixar de escrever. — Não está aqui neste momento, mas virá amanhã. Se me deixar seu nome e seu número de telefone lhe direi que entre em contato com você.

— Obrigado — disse Tara lhe entregando um cartão de visita. — Com certeza, não conhecerá Stanley Gruber? É um vendedor...

— Stanley? Claro que conheço Stanley — disse ela corando. — Todo mundo conhece Stanley — prosseguiu olhando para Tara de cima abaixo. — É a noiva dele?

— Oh, não, não — se apressou a responder Tara. — Nada disso. Eu... Stanley está noivo?

— É obvio que sim! — respondeu Angie. — Liga para ele ao menos doze vezes ao dia.

— Sério? — perguntou Tara lembrando que Stella não tinha mencionado nada de uma noiva.

— Com certeza faz isso para vigiá-lo. E não a culpo. Se eu tivesse um noivo assim também o vigiaria — disse voltando a ruborizar. — Sinto muito. Não deveria ter dito isso a uma amiga de Stanley.

— Não sou amiga dele. Nem sequer o conheço. Eu... isto... alguém me falou dele, isso é tudo — disse rindo. — Pelo que disse parecia que estava falando do novo galã.

— É encantador, sim — disse Angie com expressão sonhadora. — É uma pena que esteja comprometido.

— Certo — murmurou Tara antes de se dirigir para as escadas perguntando-se se Stella saberia que estava comprometido.

Decidiu que Stanley não podia estar em sua lista de homens perfeitos porque um deles nunca flertaria com uma mulher a menos que estivesse livre e realmente interessado.

O bom do dia era que ia escrever sobre a Wutherspoon Esportes ao Ar Livre. Não era exatamente jornalismo de investigação, mas era muito melhor que a lista de qualidades do homem de verdade.

O personagem de Chase estava sofrendo uma crise de identidade, como o próprio Chase.

Renovar o vestuário? De onde tinha tirado algo assim? Golpeou o teclado cheio de frustração. Como se mudar de vestuário pudesse arrumá-lo. E embora conseguisse que Hunter mudasse a forma de vestir ou que lesse outro tipo de livros, restariam outras quarenta e oito qualidades mais. Chase era

consciente de que ele só cumpria três ou quatro e Hunter estava em uma verdadeira confusão.

Continuava olhando o computador com aspecto deprimido quando tocou o telefone.

— Sim? — grunhiu.

— Sou eu — disse Jerome. — Tenho algumas perguntas para lhe fazer. Que tal foi com a senhorita Butler e se seu herói já saiu da água.

Chase apoiou os pés na mesa e leu sem vontade os parágrafos que tinha escrito.

— Digamos que ambos fazem águas. De fato, agora mesmo me sinto igual a Hunter: rodeado de tubarões e com poucas opções de sobreviver.

— Oh, não. O que aconteceu desta vez?

— Com quem? — perguntou Chase. — Tara ou os tubarões?

— Tara — explicou Jerome com ansiedade. — Não voltou a irritá-la, não é?

— Não — disse Chase. Não a tinha irritado mas tampouco lhe tinha causado uma grande impressão. Tinha tido que utilizar todos os truques de que dispunha para conseguir que aceitasse fazer as entrevistas com ele. Não sabia por que tinha insistido tanto nisso. Era perfeitamente capaz de se

aproximar de cada um dos homens e descobrir quantas qualidades de um homem de verdade tinha. Não podia ser tão difícil. Além disso, pior seria fazer isso com uma mulher que o considerava um ser de outro planeta.

Chateava-lhe admitir mas aquilo o incomodava. Inclusive quando não era um escritor famoso, as mulheres se sentiam atraídas por ele embora não tivesse durado muito com nenhuma. Não era assim com a senhorita Butler embora tampouco interessava a ele. — Chase? — perguntou Jerome. Chase notou de repente que estava falando com Jerome.

— Não a irritei, Jer.

— Então o que aconteceu? Conseguiu uma cópia da lista?

— Sim — disse Chase com o papel na mão.

— Me passou uma cópia por fax.

— E...

— E não serve muito — disse Chase lançando a ofensiva folha de papel para longe de si.

— Para começar, é uma lista de qualidades pensadas para um homem de 1949. Não sei se supõe-se que os homens atuais deveriam cumpri-las

ou não mas me deixe dizer, Jer, que se for assim, temos um problema.

— E isso por que?

— Deveria ver isto! O homem de verdade tem que ser pontual, educado, seguro de si mesmo, bem organizado, bem vestido, estar interessado em decoração...

— Decoração? — Disse Jerome. — Eu gosto de decoração, é mais, adoro a decoração.

Chase deu uma olhada para a decoração de seu escritório: numerosas estantes cheias de revistas e livros deslocados, e um arquivo. O resto da casa era igual. Comprava mobiliário que lhe era útil. Certamente, não lhe interessava a decoração e a seu herói... nunca o tinha pensado.

— Ótimo. Uma de cinqüenta para você.

— Também sou bem vestido — continuou Jerome pensativo, — e sou pontual, educado ou ao menos tento...

— Me alegre por você. Agora já leva três de cinqüenta. Menos de dez por cento.

— Me diga outra — disse Jerome. — Estou com sorte. — Certo. O que me diz de «gosta dos animais» ou «é cavalheiresco»?

— Cavalheiresco? — repetiu Jerome. — O que significa isso? Temos que nos bater em duelo ou algo assim?

— Quem sabe? — disse Chase deixando o papel na mesa. — Digo a você, Jer, que isto é impossível. Como pode alguém satisfazer todas estas qualidades? Os tenho gostam de esportes mas não fazem nada em casa.

— Tampouco eu gosto de me ocupar da casa — disse Jerome. — Não gosto de esportes embora goste de ir jogar golfe de vez em quando. É muito importante?

— Não sei. Talvez algumas das qualidades contem menos que outras. Além disso, estas são de 1949. Não sei quais continuam valendo.

— Descubra rápido — advertiu Jerome. — Vanna pediu a primeira entrevista com o conselheiro para o final do mês. Se não descobrir antes, me deixará.

Chase desligou o telefone. Não estava seguro de que pudesse ajudar Jerome, nem tampouco Hunter ou a si mesmo.

Capítulo 04

Um homem de verdade conserta tudo. Tem algum problema com a geladeira ou o forno? Não se preocupe, querida. Quando seu homem chegar, os consertará em um instante. Não só saberá como fazer isso mas também gosta de fazer. Assim sobrá tempo para cozinhar esse delicioso jantar que esteve preparando toda a tarde.

Das 49 qualidades do homem de verdade.
Revista Homens, abril, 1949

Chase não sabia se Hubert Hendricks podia consertar uma geladeira ou um forno mas provavelmente sim. Certamente, essa era a única qualidade que lhe ocorria que aquele homem pudesse ter.

Chase estava no escritório da Hendricks Computers Laboratories a ponto de perder os nervos ao ver que Hubert começava outro discurso cheio de acrônimos de três letras.

— É a RAM. Dependendo de como a administremos conseguiremos maior ou menor rendimento em nosso computador.

Chase revisou a lista de qualidades tentando encontrar uma só que tornasse aquele tipo em um homem de verdade. Tinha-os feito esperar vinte minutos, por isso que a pontualidade não era seu forte; tampouco era bem organizado a julgar pela desordem de seu escritório e a palidez de seu rosto indicava que não fazia muito esporte ao ar livre embora tonificasse seus músculos na academia. Estava claro que a única qualidade que compartilhava com eles era a inteligência.

Mas também Albert Einstein tinha sido um homem muito inteligente e ele não o teria definido como o homem perfeito.

— A RAM se divide entre a CPU e a aquisição de dados em tempo real que levam a cabo os PLC — dizia. — Isso solucionou o problema da variação TLD.

— Verdade? — disse Chase. Ninguém no planeta poderia dizer que aquele cara era o homem ideal...

— É fascinante — disse Tara.

Chase ficou olhando-a. Usava cabelo afastado do rosto com umas presilhas e lhe caía sobre os ombros como uma cascata de cachos avermelhados. Observou suas bochechas rosadas, seus lábios suculentos, a curva que formava sua garganta. Era uma mulher realmente atraente. E voltou a olhar para Hubert. Realmente havia alguma mulher que considerasse aquele homem fascinante!

Tara não tinha mostrado aquela expressão quando o entrevistou para descobrir coisas sobre Hunter. Seu personagem não a tinha impressionado e ele tampouco.

Chase se inclinou para trás na cadeira. Talvez Tara considerasse Hubert um homem fascinante. Ele estava na lista enquanto que ele, Chase, não. Observou-o de novo: baixo, magricela, tinha algum músculo mas seu tom de pele indicava que se alimentava a base de cafeína e alimentos preparados. Certamente, se estivesse em um beco às escuras não teria nada a fazer, igual se ficasse à deriva no meio do oceano rodeado de tubarões. Só o que poderia fazer seria afogar-se.

— Sabe você nadar, Hubert?

— Como diz?

— Nadar — Chase imitou a braçada do crawl. — Sabe, na água.

— Temo que não — disse este.

— Não me acredito — disse Chase. Pois claro que não sabia nadar!

— Como ia dizendo, esta CPU apresenta um desenho revolucionário...

— Não vejo. Me parece que é igual a qualquer outro computador. Por que não nos faz uma demonstração?

— Acho que não vai ser possível. É um protótipo.

— Mas um protótipo serve para ver como funcionará o modelo real.

— Você não se dedica ao negócio de computadores, não é? — disse Hubert com condescendência.

— Não, acho que não. Entretanto, meu herói sabe muito destas coisas.

— Seu... herói? — disse Hubert lentamente sem compreender.

— Chase é escritor — explicou Tara. — Escreve novelas de ação e aventura como Perigo ao Entardecer.

— Não ouvi falar dele.

— Talvez não seja o tipo de livros que lê — disse Tara dirigindo a Chase um olhar irônico.

— Que tipo de livros lê? — perguntou Chase. — Lê livros, não é?

— Tenho certeza que Hubert é um homem muito lido — disse Tara repreendendo Chase com o olhar enquanto esperava a resposta de Hubert.

— É óbvio. Tara. Tenho mais de duzentos sobre eletrônica e li todos.

Tara piscou rapidamente pela surpresa, embora não lhe disse que aquilo não era o que se referia. Em vez disso voltou a repetir:

— Fascinante.

Eram mais das quatro quando decidiu que não conseguiria mais informação de Hubert. Nem sequer tinha podido lhe perguntar se gostava de se ocupar da casa, ou a decoração, ou qual era sua comida favorita

— Eu me rendo — disse Chase ao ouvido.

Tara o olhou por cima do ombro e viu que Chase se afastava com as mãos nos bolsos e o cenho franzido.

— Não quer continuar com o artigo? — perguntou Tara enquanto saíam da empresa de computadores.

— Não. Não quero continuar com Hubert.

— Hubert? — repetiu Tara olhando-o. Tinha mudado a camiseta e os jeans por calça social de cor clara e uma polo verde que o fazia raivosamente atraente, não exatamente refinado e cortês. Embora superava com acréscimo Hubert.

— Estive pensando e não vejo o que as mulheres podem ter visto em um cara como este.

Ela tampouco, especialmente comparado com ele. Hubert era inteligente, sim, mas não tinha nem um ápice da masculinidade que irradiava Chase.

Chase abriu a porta do passageiro para que Tara entrasse.

— Só o que entendi é que um homem de verdade é irremediavelmente aborrecido — continuou Chase.

— Está um pouco obcecado, suponho, mas...

— disse Tara impressionada pelo gesto de cavalheirismo que Chase tinha demonstrado até sem dar-se conta.

— Um pouco obcecado? Mas se só sabe falar de computadores — disse fechando a porta e rodeando o carro para entrar. — Não estava bem vestido, a menos que esteja na moda andar sem meias e sem gravata; e tampouco era especialmente educado, nem bonito, e além não sabe nadar. Sei que se supõe que temos que encontrar cada um as qualidades que achemos melhor mas vai ser muito difícil para mim.

— Não se preocupe. Está acontecendo o mesmo comigo.

— Ah, sim? Pois ninguém diria. Não parava de dizer que era fascinante.

— E de tentar mudar de tema — disse ela, embora tinha sido muito difícil com Chase ao seu lado. — Mas acredito que sei por que as mulheres consideram que um homem como Hubert satisfaz seus ideais.

— É mesmo?

— Sim. Suspeito que é porque são... tecnologicamente competentes.

— Tecnologicamente competentes? — Repetiu Chase freando em um semáforo vermelho.
— Vocês gostam dos homens aborrecidos?

— Aborrecidos não, e sim em dia quanto a tecnologia. É importante nos tempos que vivemos, Chase. As mulheres utilizam computadores e querem um homem que também saiba utilizá-los.

— Nunca teria adivinhado.

— É algo muito sutil.

— Não me diga — disse Chase ficando em silêncio a seguir enquanto Tara tentava não se fixar na forma em que o vento lhe agitava o cabelo, a forma relaxada em que dirigia ou o aroma de sua loção pós-barba. Essa era outra qualidade que tinha que acrescentar: o homem ideal devia cheirar bem.

— Me diga uma coisa — continuou Chase depois de um momento em silêncio — Como uma mulher sabe que um homem está em dia com os avanços tecnológicos. Perguntam no primeiro encontro?

— Não — Tara fechou os olhos para deixar de olhá-lo. — Os homens expressam isso.

— Como? Não é algo que saia sem mais em uma conversa. Talvez digam quando se apresentam: «Olá, meu nome é Ben e sou tecnologicamente competente. Vamos para minha casa dar uns amassos ».

— Não é tão fácil. Normalmente ocorre entre o primeiro e o segundo encontro. Vem lhe buscar e vê seu computador e quando se dá conta está em casa enquanto ele se empenha em consertar um monte de coisas que nem sequer sabia que existiam, em vez de sair para jantar.

— Parece que tem experiência.

— Tenho — disse Tara fazendo uma careta.

— Continua saindo com ele?

— Com quem? — perguntou ela abrindo os olhos para olhá-lo. — Não, não saio mais com ele mas o chamo de vez em quando para que conserte o computador.

— Por que não?

— Porquê não o que?

— Por que não sai mais com ele? Quero dizer, se as mulheres gostam desse tipo de homens, e você tinha um, porquê...?

— Não sou uma mulher típica destes tempos — disse Tara. — Além disso, não quero um homem que se preocupa mais com meu computador que comigo.

— É justo — disse ele. — Qual é seu tipo então?

— O homem de antes — disse Tara sem pensar. — Alguém como Cary Grant ou Gregory Peck.

— Não, certamente não acredito que ninguém defina Cary Grant como um homem atual, tecnologicamente falando.

— Eu gostaria de um Cary Grant mais moderno — disse ela imaginando seu homem ideal, vestido com terno. — Saberia o que fazer quando quebrasse minha impressora embora não lhe dedicaria todo seu tempo.

— Compreendo — disse Chase estacionando o carro em frente ao apartamento de Tara. — Vai me convidar a subir para tomar um café?

— Pensei que não tomava café.

— E não tomo — repôs ele. — Mas subirei de todos os modos — disse subindo as escadas atrás dela. — Acho que esta é uma boa maneira de ficar

em forma, mas, sinceramente, prefiro correr pelo parque.

— Quer café ou...?

— Só água, obrigado — Chase a seguiu até a cozinha mas se deteve atrás dela e olhou o chão. — É um lugar interessante para guardar a água. A maioria das pessoas a tira da torneira, ou a guarda engarrafada na geladeira, mas parece que você prefere tê-la pelo chão.

— Oh, não — disse Tara olhando horrorizada a madeira do chão. Havia uma poça na cozinha do tamanho de um lago, cada vez mais profundo e parecia que sua origem estava sob a pia. — Deve haver um problema com os encanamentos.

— Muito bem, Sherlock — disse Chase. — Ou isso ou inventou uma nova maneira de limpar o chão. Mas acho que é um protótipo que não funciona.

— Acho que terei que chamar o porteiro — gemeu Tara olhando indignada o gesto divertido de Chase.

— Seria uma boa idéia.

Aproximou-se do telefone e discou, mas finalmente desligou o telefone.

— Não responde. Acho que você não sabe nada de encanamento...

— Não. Talvez deveria chamar um encanador — sugeriu Chase.

Tara o olhou como se fosse estrangulá-lo enquanto procurava as Páginas Amarelas.

— Vejamos. Material de encanamento. Não.

— Tenta com Encanadores Gus, página 32.

— O que?

— Deixe comigo, Tara ou acabaremos nos afogando — disse enquanto discava um número. — Olá Gus, é Chase... Não, não, quebrei nada esta vez. Estou ligando por causa de uma amiga... Sim, é urgente. O chão esta coberto de água e está enchendo cada vez mais. Preciso que envie alguém já. Mas enquanto isso, poderia me dizer como deter a «fonte da eterna juventude» que temos aqui?

— E o que aconteceu? — perguntou Stella passando a Tara um refresco.

— Não muito — disse Tara antes de dar um longo gole. — Chase me ajudou a limpar o desastre. Gus chegou com suas ferramentas e depois, Chase e ele foram beber algo. Entrevistei um par de chefs mais para meu artigo dos Alimentos potenciadores

da libido e marquei com outros dois homens «de verdade» para vê-los um destes dias.

— Parece que teve um dia muito emocionante.

— Pois não foi assim. Devo ter engordado dois quilos depois de provar toda essa comida sem que minha libido se potencializasse o mínimo — disse tirando umas batatas da bolsa que tinham aberto e pondo os pés em cima da mesa de centro.

— Para o cúmulo de tudo, Hubert era um estúpido.

— Parece que o melhor partido está sendo Chase.

— Acho que sim — disse Tara, que não queria falar sobre Chase. Ainda estava surpresa pela forma que tinha agido ante a inundação de seu apartamento. — E o que me diz de você? Ocorreu algo interessante na Wutherspoon Esportes ao Ar Livre?

— O expositor da roupa íntima de couro. Ah, e fui almoçar com Stanley.

— Stanley? — Disse Tara. — Escuta, Stella, ontem estive nos escritórios da Wutherspoon para falar sobre escrever um artigo.

— Sobre a morte do senhor Wutherspoon?
— perguntou Stella com ansiedade.

— Não. Sobre as mudanças que sofreu a empresa. Mas terei a oportunidade de falar com muita gente.

— Tara, isso é maravilhoso — disse Stella radiante de alegria. — Maravilhoso. Talvez descobrimos o que está acontecendo. Falou com Gerald?

— Não — Tara limpou a garganta. — Só falei com a recepcionista.

— Angie? — Perguntou Stella sacudindo a cabeça. — Não acredito que seja uma boa fonte de informação. Começou quando Gerald tomou o comando.

— Mencionou algo — disse Tara limpando a garganta de novo, tentando procurar a maneira de tratar o tema com delicadeza. — Também mencionou algo de que Stanley está comprometido.

— É mesmo? — Perguntou Stella. — E como saiu o tema?

— Saiu — disse Tara sem mais. Stella não parecia muito surpresa. — Sabia que Stanley estava comprometido?

— Todo mundo sabe, Tara. É difícil não saber. Lorraine deve ligar para ele umas dez vezes ao dia. Acredito que o faz para vigiá-lo. Não deveria fazer isso, sabe? Stanley é digno de confiança.

— Achava que havia dito que a levou para almoçar.

— E o fez — disse Stella, — mas isso não tem nada a ver. Só somos amigos e saímos para comer juntos. Nem sequer tivemos a oportunidade de terminar. Acabava de começar a lhe contar minhas suspeitas sobre Franklin e então ela o ligou no celular. Acontecia algo com seu carro e Stanley deixou tudo e saiu em sua ajuda.

— Stanley sabe consertar um carro?

— Claro. Já disse isso. É um homem de verdade. Por que não passa pelo escritório? Apresentarei vocês.

— Talvez — disse Tara tornando-se para trás no sofá.

Duvidava muito que Chase soubesse como consertar um carro, mas por outro lado, talvez o homem ideal não tivesse que saber consertar as coisas se era o suficientemente inteligente para encontrar alguém que fizesse isso por ele.

Capítulo 05

O homem ideal sabe que é. Tem problemas com sua auto-estima? Não se preocupe, amiga, seu homem ideal tem confiança em si mesmo para os dois. Não importa a situação, seu homem saberá sair dela com toda facilidade.

Das 49 qualidades do homem de verdade.
Revista Homens, Abril de 1949

Gerald Charmichael estava em seu escritório quando Tara chegou. Era um homem de uns cinquenta anos, cabelo grisalho, elegantemente vestido com um terno feito sob medida e muito cortês. Levantou da cadeira atrás da mesa quando ela entrou e lhe estreitou a mão com certa força.

— É um prazer conhecê-la — disse ele fazendo-a entrar e sentar-se junto a uma mesa auxiliar no outro lado do escritório. — É muito amável por sua parte tomar esse interesse por nossa empresa.

— Muito obrigado — disse Tara. Gerald não parecia o tipo de pessoa que se desfaria de seu tio, embora ela tampouco sabia que aspecto teria um homem assim, embora suspeitava que devia ser um tipo sinistro. E Gerald não era. De fato, recordava um Cary Grant de certa idade, embora um pouco mais baixo.

— E o que a levou a escrever sobre nós?

— «Minha amiga pensa que você se desfez de seu tio» pensou Tara. Escrevo pequenos artigos para um jornal local de vez em quando e me ocorreu que seria bom escrever um sobre as mudanças que sofreu seu negócio. Se não lhe importar, claro.

— Bom, Tara... Importa-se que a chame de Tara? Ou prefere senhorita Butler?

— Tara está bem.

— Obrigado. Como ia dizendo, Tara, não demos as costas a publicidade. Que tipo de informação está procurando.

— A renovação que está fazendo, as razões para a mudança. «Se tem algo a ver com a morte do senhor Franklin».

— Está bem — disse Gerald. — Por que não começamos por ver as instalações? Pelo caminho irei explicando as renovações que tenho em mente.

Saíram do escritório e Gerald a acompanhou pelas instalações sempre atento a ela e dando as explicações mais adequadas. Terminaram diante das vitrines. Tara pensou em uma maneira de dirigir o tema para Franklin Wutherspoon.

— Certamente tudo mudou muito — disse finalmente.

— Sei — suspirou Gerald. — As coisas tinham que mudar, Tara... embora meu tio não se desse conta.

— Refere-se a Franklin Wutherspoon?

— Sim — Gerald tossiu discretamente enquanto tampava a boca com a mão. — Eu gostava muito de meu tio Frank. Era uma boa pessoa e todos os empregados eram muito apegados a ele. Às vezes, quando venho por aqui me parece estar vendo-o.

Gerald levou o dedo ao canto do olho e a Tara fez um nó no estômago. Aquilo era uma idiotice. Nunca deveria ter dado bola para Stella.

Como alguém podia suspeitar de um homem tão encantador como Gerald?

— Sinto muito, Gerald.

— Eu também — suspirou este. — Acho aque sabe o que lhe ocorreu.

— Ouvi algo, sim. Alergia a frutos do mar, acredito.

— Exato — Gerald contou a mesma história que lhe tinha contado Stella antes. — Queria ter visto ele tomar aquele molho de camarões-rosa. Não o teria deixado prová-lo. Eu não tomei.

— Não?

— Não. Eu também sou alérgico a frutos do mar. Foi uma tragédia — Gerald ficou em silêncio alguns momentos enquanto recuperava a compostura. — Infelizmente, o tio Frank era um pouco antiquado. Tentei convencê-lo mas não entrávamos de acordo. Não queria que as coisas mudassem, mas tinham que mudar. Cada vez há mais gente que pratica esportes ao ar livre e não querem ter que ir comprar seu equipamento em um armazém como se fossem peças de carro. Querem ir a um lugar que tenha um aspecto mais refinado.

Tara não acreditava estar de acordo. Parecia-lhe que esse tipo de clientes estavam mais interessados em fazer uma boa compra que no aspecto do armazém.

— Embora suponha que ao final entrássemos em acordo — continuou Gerald pensativo. — Depois de tudo, deixou-me a empresa. Me pegou completamente de surpresa.

— Não esperava que lhe deixasse isso?

— Não — disse dando um novo suspiro. — Me alegra que tenha feito isso porque assim não me senti tão mal por todas as discussões que tivemos ao não entrarmos em acordo.

Aí estava a chave. Por que o senhor Wutherspoon ia deixar a empresa para seu sobrinho se não se desse bem com ele?

Gerald pôs a mão nas suas costas para guiá-la para a próxima vitrine.

— Venha por aqui. Quero mostrar a você nossa nova linha de roupa íntima de couro.

Tara chegou quinze minutos atrasada à entrevista que Chase e ela tinham com o empresário Anthony Stevens. Tinham marcado no hotel Holiday Inn, já que o senhor Stevens estava

montando uma nova empresa e ainda não tinha escritórios disponíveis. Quando chegou ao hotel, continuava pensando em Gerald. Estava de acordo com Stella que as mudanças que estava realizando não eram as mais adequadas. Entretanto, tampouco acreditava que tivesse nada a ver com a morte de seu tio.

Tara viu em seguida os dois homens. Anthony era o quarto homem que entrevistavam. Depois de Gubert e sua inteligência, tinham falado com o galerista, que para Tara tinha parecido um homem com um grande gosto, e com um professor de latim que ambos tinham definido como muito bem educado. Todos eles tinham sido homens bastante agradáveis a sua maneira, embora nenhum encaixava no homem de seus sonhos. Tinha a esperança de que Anthony fosse diferente.

Chase fez as apresentações. Anthony lhe estreitou a mão com grande entusiasmo ao mesmo tempo que lhe dizia que era um verdadeiro prazer conhecê-la. Chase tinha posto uma calça social, terno e gravata. Não era um terno tão sério como o de Anthony ou o dos galãs de cinema antigos mas era um avanço.

— Bonita gravata — disse Tara. — Não sabia que tinha uma.

— Tenho centenas — respondeu Chase. — Para falar a verdade meu armário está cheio de ternos. Onde estava? — disse isto último baixando a voz.

Chase estava um pouco estranho com terno mas estava muito bonito.

— Tara? — perguntou Chase ao ver que Tara não respondia.

— Vendo roupa íntima de couro — murmurou ela enquanto imaginava Chase vestido com uma cueca de couro. Tinham-lhe parecido interessantes no manequim, mas em um homem como Chase deviam ficar fantásticas.

— Como diz?

— Estava trabalhando em outro artigo — respondeu Tara tentando se concentrar.

— Agradeceria que chegasse a tempo. Pensei que teria que fazer a entrevista sozinho e não seria bom.

— Sério? — Disse Tara pensando que se era tão bom como as cenas de sexo de todos seus livros,

seria realmente bom. — Parece que Anthony e você estão se dando bem.

— Não falamos de outra coisa que meus livros e só para criticá-los. Parece que ele sabe escrever melhor que eu.

— É mesmo? — repetiu Tara olhando para Anthony, que se aproximava deles a grandes passos. Parecia o tipo de homem forte, amadurecido e decidido, bem vestido e com grande atrativo físico. Mas saberia como escrever uma boa cena de sexo? Se era assim, Tara não se importaria de conhecê-lo melhor.

— O homem de hoje? — disse Anthony pensativo. — Eu diria que tem que saber o que quer e ter a confiança em si mesmo necessária para conseguir. Deve ter bolas — disse isto olhando para Chase. — Não concorda, senhor Montgomery?

— Chase — disse Chase. — E estou de acordo que os homens devem ter bolas. De fato, acredito que é parte indispensável do equipamento.

— Exato — assentiu Anthony exalando confiança em si mesmo e também inteligência. — Como eu, por exemplo. Levantei três empresas nos

últimos cinco anos e estou caminho de levantar a quarta. Um negócio muito inovador...

— O que aconteceu com as outras três? — interrompeu-lhe Chase.

— Como diz?

— As outras três empresas. Tiveram êxito?

— O êxito é algo muito discutível — disse Anthony olhando-o com condescendência. — Em seu momento, foram viáveis.

— Estou seguro — disse Chase, — mas continuam em funcionamento hoje em dia?

— Algumas. Outras não. Não continuei me ocupando delas. Não é isso o que faço. Eu as ponho em funcionamento... procuro investidores... depois levo minha comissão e para outra coisa. Os homens de hoje em dia gostam de desafios — disse Anthony e olhou para Tara. — Poderia colocar isso também no artigo.

— Talvez seja uma boa característica — respondeu Tara assentindo com a cabeça e anotando.

— Pois eu não acho — disse Chase.

Tara girou a cabeça e o olhou de frente, mas voltou a imagina-lo vestido de couro. Não tinha

sentido. Tinha querido que se apresentasse de terno e agora que o tinha feito, desejava que o tirasse.

— Por que não?

— É muito geral. Todo mundo gosta de desafios. É parte da natureza humana. Além disso, não é um bom exemplo de desafio limitar-se a montar uma empresa e depois abandoná-la. Quero dizer, que se só o que o protagonista de meus livros fizesse fosse começar coisas e deixa-las pela metade, o mundo acabaria na página três.

— Suponho que essa é a forma de trabalho de alguns, mas não quer dizer... — começou Anthony com a mandíbula apertada.

— Acredito que o importante é manter o espírito — disse Chase. — O que acha, Tara?

— Bom, ambos têm razão, suponho, mas...

— O que nos leva a pergunta de se considerar que a vida em si tem que constituir um desafio contínuo — insistiu Chase, que começava a se divertir. — É o tipo de homem que se limita a estabelecer relações, pessoais e profissionais, ou cuida delas para mante-las?

— Isso é algo pessoal, senhor Montgomery — disse Anthony com a mandíbula ainda mais tensa.

— Estamos fazendo uma reportagem sobre o homem ideal, senhor Stevens — disse Chase. — Não pensou que em algum momento as perguntas poderiam ser pessoais?

Tara deixou o copo. Os dois homens estavam olhando-se fixamente. Os olhos azuis de Anthony flamejavam enquanto os olhos escuros de Chase exalavam pura inocência. Se a entrevista tomava aquela aparência tão pessoal, acabariam se golpeando pelo chão.

— Não acredito que tenhamos que... — intercedeu Tara.

— Não sei o que está procurando, mas eu gosto de medir o terreno, se for o que quer saber — disse Anthony.

— Isso é o que queria saber — admitiu Chase.

— É... fascinante — disse Tara com voz animada. Fulminou Chase com o olhar e a seguir sorriu para Anthony. — Falemos agora de... de...

— As emoções — a interrompeu Chase reclinando-se para trás no assento e sorrindo. — Diga-me, Anthony, perde os nervos com facilidade?

— Perde os nervos com facilidade? — Tara saiu do hotel na frente de Chase com a cabeça erguida. — A que veio essa pergunta?

— Foi boa — disse Chase. — Está em nossa lista. O homem ideal tem bom caráter. Queria saber...

— Não era necessário perguntar, disse Tara detendo-se junto a seu carro azul. — Não tinha mais que olhá-lo! Pensei que ia lhe dar um soco.

— Eu também — disse Chase tirando o terno e a incômoda gravata. — Mas não tinha que se preocupar. Podia cuidar dele. Sei fazer ao menos cinco movimentos de karatê.

— É mesmo? — perguntou Tara olhando-o enquanto arregaçava as mangas da camisa. — Eu... isto... não sabia que praticava karatê.

— Não pratico. Sei alguns movimentos, mas aposto que isso é mais do que se pode dizer de Anthony.

— Com certeza — disse Tara olhando os braços bronzeados de Chase e umedeceu os lábios.

Depois o olhou nos olhos. — Mas isso não importa agora. O que me preocupava não era que lhe batesse, e sim o efeito que uma bronca assim poderia ter no artigo.

— Muito obrigado — murmurou Chase. Certamente as garotas de seus livros não agiam assim. Depois de uma briga mimavam o herói.

— Não deixava de provoca-lo!

Chase a olhou. Tinha o cabelo resplandecente e os olhos verdes brilhantes. As bochechas estavam ruborizadas e os lábios umedecidos. Não precisava mais que aproximar um pouco a cabeça e poderia roçar com sua língua aqueles lábios.

Então, Tara lhe daria um chute entre as pernas e depois o remataria golpeando-o com a bolsa.

— Anthony não parava de me chatear! — defendeu-se Chase. — Quando cheguei me pediu um Martini sem perguntar. Simplesmente o pediu e quando lhe disse que não bebia Martini me disse que já era hora de começar. Não sei como um cara assim chegou a lista de homens de verdade, a não ser que a prepotência seja uma qualidade desejável.

— Não era prepotente. Só tinha confiança em si mesmo — disse Tara enquanto procurava as chaves.

— Detestável — disse Chase em voz baixa.

— Certo — aceitou Tara rindo. — Pode ser que estivesse muito seguro de si mesmo, mas as mulheres de hoje em dia gostam dos homens assim. Gostam dos homens que sabem o que querem.

— Mas esse cara não sabe o que quer. Só sabe como começar as coisas mas logo as deixa pela metade. E tem muita confiança em si mesmo. Está totalmente seguro de que sua nova empresa vai ser um êxito.

— Tem razões para acreditar nisso. É a quarta que monta.

— Sim, mas todas as anteriores fracassaram, e se não o fizeram, tampouco foram completos êxitos.

— Mesmo assim. Parece-me que podemos acrescentar a lista que um homem de verdade tem que ser seguro de si mesmo.

— Certo — disse Chase que não queria acabar a conversa. Recolheu o terno e a gravata que tinha deixado no capô do carro e pôs-se a andar

pela calçada. — Bem, se for assim, os escritores têm um problema.

— Por que? — perguntou Tara confusa.

— Porque sempre estamos cheios de dúvidas — disse olhando-a. — Não concorda? O fato de que seu último livro tenha sido um êxito não quer dizer que o próximo vá ser também. Sempre tem a dúvida do que acontecerá.

— É assim como se sente? — disse Tara parando e olhando-o nos olhos.

— Sim, é assim. Sei que não é a imagem que tem que dar o homem que procuramos, mas é a verdade.

— Acredito que isso é melhor — disse Tara lentamente. — As mulheres gostam que os homens também tenham algum ponto fraco, contanto que não os deixe obcecados.

— Sério?

— Sério.

— Isso é ótimo — disse Chase olhando o belo rosto de Tara. Desejava aprisioná-la contra a parede e pressionar seu corpo contra o dela para que julgasse qual era seu ponto fraco nesse momento. Mas não era boa idéia. Em seu lugar,

puxou-a pelo braço e puseram-se a andar. —
Vamos.

— Aonde vamos?

— Há um lugar perto daqui onde servem o melhor chá da cidade — disse Chase sorrindo. — Depois da entrevista com Anthony, e dos dois goles de Martini, acho que preciso de uma xícara.

— Acho que eu também — disse Tara.

Tara entrou em sua lingerie preferida e comprou um negligé curto de cor verde água que colocou assim que chegou em seu apartamento. Era perfeito. O tipo de objeto elegante e sofisticado que combinava com o aspecto de seu apartamento.

Serviu-se uma taça de vinho e se sentou na mesa da cozinha, com todas suas notas espalhadas ao redor. Assim era como queria viver, rodeada de sofisticação e com um companheiro bem vestido, encantador, enfim, como os homens de antes, que não usasse roupa íntima de couro. Mas que, se a pusesse, ficasse maravilhoso.

Tirou a idéia da cabeça e começou a passar a limpo suas notas. Acabava de terminar de

reescrever o que tinha descoberto na Wutherspoon quando Stella chegou.

— Matthew está na casa de um amigo e tenho que buscá-lo daqui a pouco. Pensei que podia vir ver você antes se por acaso tinha notícias.

— E as tenho — disse Tara. — Muitas. Anthony é prepotente e Chase fica estranho vestido com terno. Ah, um filé de vitela não é nada erótico porque os faz se sentir cheios e não têm vontades de nada.

— Não me referia a essas notícias e sim seus progressos com Wutherspoon. Foi ver Gerald hoje, não?

— Ah, sim. Gerald — Tara o tinha esquecido por completo. — Sim, o encontrei.

— E o que aconteceu? Disse algo sobre seu tio?

— Não admitiu que queria se desfazer dele, se for isso o que quer saber. Mostrou-me as instalações, e me falou de todas as mudanças que tem previstos. Ah, e também vi a nova linha de roupa íntima de couro. Tinha razão. Surpreenderia-me muito que vendesse... embora Gerald disse que é um grande mercado.

— Equivoca-se, mas não é isso o que me preocupa agora. Continue. E que mais descobriu? Disse algo sobre Franklin?

— Sim. Disse que gostava muito dele.

— Claro — repôs Stella.

— E que ficou muito surpreso quando seu tio lhe deixou a empresa.

— É mesmo? — disse Stella. — E a quem esperava que a deixasse? Gerald não tinha mais família, a não ser que conte seu canário.

— Isso não mencionou, mas disse que ele não comeu o molho de camarões-rosa, pelo que tampouco pôde dá-lo ao seu tio.

— Ninca se sabe — disse Stella. — Continue, que mais?

— Não muito — admitiu Tara e Stella a olhou desiludida. — Mas saberei muito mais na próxima semana. Vou falar com todos os que trabalham na Wutherspoon, e marquei de jantar com Gerald no sábado de noite.

— Grande estratégia, Tara. Uma entrevista com um assassino. Estou segura de que poderá tirar algo para seu artigo sobre o homem ideal — Stella

ficou em pé. — Posso ir ao banheiro antes de sair para procurar Matthew?

— Claro — disse Tara olhando para Stella que desaparecia pelo corredor. — Não acredito que seja um assassino e não é um encontro — gritou. — Só vai contar os planos de mudança que tem. Não se sabe o que poderei descobrir.

— Eu sim espero descobrir algo — gritou Stella. — Vou sair para beber algo manhã com Stanley.

— Não se refere a Stanley Gruber?

— Sim. Poderia cuidar de Matthew?

— Claro, mas... pensei que Stanley estava comprometido.

— Está — disse Stella saindo do banheiro e vendo o cenho franzido de Tara. — Não se preocupe. Só vamos um drinque para falar do Relatório Franklin.

— O que é o Relatório Franklin?

— É como batizei o assunto da morte de Franklin — disse Stella vibrante de emoção. — Você gosta? Poderia ser o título de um livro, inclusive seria bom para seu artigo.

— Não sei. Esta sua investigação... não sei para que serve. Não estou muito convencida de que não foi um acidente, e se não foi, estou segura de que Gerald não tem nada a ver.

— Pois eu não estou tão segura, mas embora tenha razão, e ele não tenha feito isso, alguém mais poderia ter sido. Não sou a única que tem suspeitas. Stanley concorda comigo.

— É mesmo?

— Sim, por isso vamos ver nos amanhã. Stanley quer que comparemos nossas descobertas.

— Supondo que Stanley saiba algo, o que duvido muito, por que iria querer lhe dizer isso.

— Porque sou contadora, claro. As pessoas nos contam todo tipo de coisas. Somos como um padre a quem vêm se confessar.

— Entendo.

— Vamos, Tara. Por que se não iria querer me contar isso.

— Porque é heterossexual?

Enquanto Tara interrogava Gerald, e Stella interrogava Stanley, Chase decidiu fazer o mesmo com sua irmã. Aproximou-se de sua casa de noite para buscar os meninos. Não gostava da cena do

helicóptero e precisava de um par de atores que lhe ajudassem a fazer uma simulação. Enquanto esperava que fossem procurar suas pistolas de brinquedo e outros artigos, Chase se apoiou no balcão e falou com Molly sobre sua colaboração com Tara no artigo para a revista.

Molly não só tinha ouvido falar da revista Homens mas também era uma ávida leitora e ficou muito impressionada de que seu irmão tivesse algo a ver com ela.

— Está escrevendo um artigo para a revista Homens — exclamou com os olhos muito abertos.
— É incrível, Chase.

Por alguma razão, seu assombro lhe pareceu insultante.

— Escrevi meia dúzia de livros supervendidos e apareci em várias revistas, Molly. Isto não é mais que um pequeno artigo.

— Sim, mas é para Homens! É impressionante que seus livros sejam sempre um dos mais vendidos, e me parece assombroso vê-los nas revistas, embora nunca pude compreender por que em cada entrevista sua cor favorita é uma diferente.

— Depende do humor que tenha — disse Chase sem dar importância. — Não sabia que lia a revista Homens.

— Todas as mulheres lêem. Todos os homens bonitos aparecem ali. Inclusive fizeram um artigo sobre o George Clooney e agora você está escrevendo um artigo para eles. Não sairá nu, não é ?

— Santo Deus, não — disse Chase com um calafrio ao pensar nisso. — E não estou escrevendo o artigo sozinho. Trabalho com Tara em seu artigo.

— Tara? — Molly abriu ainda mais os olhos. — Não está falando de Tara Butler? — Chase assentiu com a cabeça e Molly levou a mão a boca. — Oh, meu Deus, não posso acreditar. Conhece Tara Butler!

Chase conhecia muita gente famosa entre os que se incluíam políticos, estrelas de cinema e modelos, e sua irmã nunca tinha reagido daquela maneira.

— Só é uma jornalista, Molly.

— Sei, mas é muito boa. Seu artigo “O prazer do sexo consigo mesma” foi um clássico.

O prazer do sexo consigo mesma? Tara tinha escrito sobre isso? E onde e como teria solicitado a informação?

— E seu artigo sobre os objetos que a fazem se sentir atrevida foi fascinante — continuou Molly cheia de emoção. — Assim que o li, comprei umas sapatilhas de correr novas.

— Sapatilhas de correr? E o que têm a ver com...?

— É uma coisa de mulheres — interrompeu Molly olhando-o com repentina curiosidade. — Do que trata o artigo que está escrevendo com ela?

— Trata-se de homens. O homem de verdade, para ser mais exato — limpou a garganta. — De fato, queria lhe perguntar algo. Quais diria você que são as qualidades que um homem de verdade deveria ter?

— Vejamos — disse Molly enrugando o nariz enquanto pensava. — Bonito, grande senso de humor, inteligente... — mordeu o lábio inferior. — Acho que alguém como Eddie.

— Eddie? — Chase tentou conciliar as qualidades que havia dito sua irmã com seu

cunhado, mas não pôde. — Refere-se a seu marido, Eddie?

— Não, refiro-me ao cão de Frasier, Eddie! Claro que é meu marido, idiota!

— Ah — Chase não pôde pensar em uma resposta para aquilo. Eddie tinha uma loja de móveis. Era um bom homem mas não sabia falar de outra coisa que não fossem sofás. Chase não diria que era o homem ideal. — E eu o que? Você diria que sou?

— É meu irmão, Chase. Não o considero um homem.

— Certo, obrigado.

— Mas se o fizesse, suponho que pensaria que é, sim. Certamente foi um bom irmão para mim. Ajudou muito Eddie a montar sua loja, sem mencionar o dinheiro que contribuiu para minha educação e as coisas que comprou para mamãe. Foi maravilhoso.

— Mas isso não tem nada a ver com o homem de verdade — disse Chase fazendo um gesto com a mão para tirar importância as palavras de Molly. — Qualquer pessoa teria feito isso. Se fosse sua irmã, também teria feito. O que quero

saber é, se não fosse minha irmã, consideraria-me um homem ideal?

— Ah — disse Molly abrindo muito os olhos, — suponho que sim.

— É isso um sim ou um não? — disse ele decepcionado.

— Isso é um sim — Molly o olhou e sorriu alegre. — É verdade que passa muito tempo escrevendo, e que tem muitas manias com os alimentos e não é a pessoa mais organizada do mundo. Não sei se é romântico... mas tem um grande senso de humor e é muito, muito divertido e... sempre que vem jantar, lava os pratos.

— Lavar os pratos é uma qualidade do homem de verdade?

— Eu diria que sim. Eddie faz isso na maioria das vezes. É uma das coisas que mais eu gosto dele — disse corando. — E uma das coisas que mais me excitam.

Chase abriu a boca para perguntar mais, mas nesse momento chegaram seus sobrinhos, Andrew e Simon, com suas armas de plástico, seus carros e outros brinquedos.

— Hoje é minha vez de ser o mau, não é, tio Chase? — disse Andrew. — Simon já foi a última vez.

— Não é verdade — protestou Simon. — Você foi o mau. Eu tive que fazer a garota.

— Desta vez os dois poderão ser maus e usaremos os travesseiros como se fossem o protagonista e a garota. Assim nenhum de vocês se machucará.

Os meninos deram gritos de alegria e correram para o carro. Chase meteu as mãos nos bolsos e os seguiu. Ser um homem de verdade era muito mais complicado que simular uma cena do livro. Tinha que ser seguro de si mesmo, vulnerável e lavar os pratos.

Imaginou Tara em sua cozinha enquanto ele terminava de lavar os pratos. Ela o olharia com olhos de desejo e ele a despiria ali mesmo.

Seria preciso muito mais que lavar alguns pratos para atrair Tara.

Capítulo 06

O homem de verdade tem bom gosto. Não se estranhe que a casa de um homem assim esteja melhor decorada que a sua. Os dias em que os homens não se preocupavam pelo que os rodeava são história. A casa de um homem é seu castelo e quer tê-lo cheio de belos detalhes, entre eles você.

Das 49 qualidades do homem de verdade.
Revista Homens, Abril, 1949

Tara tinha estado em mais de um apartamento de solteiro, em parte pelos muitos encontros que tinha tido em parte pelo trabalho que estava fazendo para a revista. Ainda tinha que ver o lugar perfeito mas sabia que estaria cheio de detalhes muito masculinos: estantes cheias de livros, um balcão de bar em um canto onde se alinhariam garrafas de bom vinho que logo se serviria em taças do melhor cristal. A cozinha estaria bem organizada e limpa.

A casa de Chase não era assim. Na quarta-feira, depois de falar com o homem que administrava um negócio multiaventura, Chase sugeriu que passassem por sua casa para comparar as notas que estavam tomando.

Tara não acreditou que fosse muito boa idéia estar a sós com Chase em sua casa, mas não lhe ocorreu nenhuma boa desculpa.

De um só andar, com uma varanda, e despretensiosa, sua casa estava situada em um bairro tranqüilo. De fora, ninguém diria que ali vivia um escritor famoso. Por dentro, a cozinha era grande e retangular. Em um canto havia uma mesa de camping de madeira e a bancada estava coberta de caixas de cereais, potes de vitaminas e diferentes tipo de chás. Não era o mais organizado dos homens, mas também era verdade que não havia pratos sujos na pia.

Enquanto Chase procurava uma caneta, Tara deu uma olhada no resto da casa. Na sala tinha espalhadas peças de mobiliário de muito diversos estilos e cores que mais pareciam estar ali pela comodidade que pelo design. Havia três quartos ao longo de um estreito corredor, um deles seu

escritório e outro seu dormitório, no qual só havia uma cama sem fazer, uma cadeira sobre a que se empilhava uma pilha de roupa e um móvel.

Era muito diferente da casa do Gerald Charmichael. Tara a tinha visitado no sábado anterior depois do jantar para terminar de falar de seus planos de mudança na Wutherspoon Esportes ao Ar Livre. Tara tinha aceitado ir lá porque assim descobriria mais coisas sobre o chefe de Stella que talvez confirmassem as suspeitas desta. Em seu lugar descobriu que tinha uma bonita casa em um bom bairro e estava decorada com assombroso bom gosto. Tudo estava extremamente limpo e ordenado. Tinham bebido um vinho excelente em taças de fino cristal e tinham falado dos planos de Gerald para a empresa enquanto ela desejava encontrar um homem mais jovem que se parecesse com ele.

Bem, esse homem certamente não era Chase.

— Coleciona brinquedos em miniatura? — perguntou Tara quando se sentou sobre um Ferrari de brinquedo que deixou sobre a mesa.

— Não exatamente, embora os utilizo de vez em quando para representar cenas de meus livros

— disse ele sentando-se ao outro extremo da mesa e servindo uma fumegante taça de chá para cada um.

— Representa as cenas com brinquedos?

— Às vezes. Se não saírem bem, peço a meus sobrinhos que me dêem uma mão e eles a representam.

Tara pensou quem lhe ajudaria com as cenas de cama. Não, queria perguntar. Não acreditava que tivesse problemas para encontrar uma voluntária.

— Se isso também não funcionar, tenho que procurar um lugar real que me sirva de modelo. Isso é o que vou fazer na próxima semana. Vou a Seattle com Jerome para ver como é um iate — enrugou o nariz em sinal de desgosto. — Estou há muito tempo tentando descrever a cena do resgate mas não sai. Hunter pode salvar a garota, mas quando o fizer não poderá saltar do navio sem que lhe disparem. Já a escrevi três vezes e as três a apaguei.

— Vejamos o que conseguimos até agora — disse Tara com um sorriso, mudando de tema. — Estamos de acordo em que são difíceis de encontrar, pontuais e bem vestidos.

— Eu gostaria de mudar essa última por vestidos adequadamente. Ninguém usa um terno para ir fazer rapel... e meu herói não vai usar um quando está entrando as escondidas em uma base militar.

— De acordo, de acordo — disse Tara. — Merendo.

— Também quero mudar a de que não tomam cereais no café da manhã. Eu adoro. São bons para o organismo.

— Seu herói também toma? — perguntou Tara consciente de que provavelmente fosse um alimento sadio, mas não gostava.

— Meu herói come o que tem em mão, mas não importa agora. Quando tem que sobreviver na selva ou no deserto não se preocupa por seu nível de colesterol. Se tivesse a oportunidade, estou seguro de que tomaria no café da manhã cereais em vez de lagarto assado.

— Tampouco estamos dizendo que o homem ideal coma no café da manhã lagarto! — disse Tara engasgando-se com o chá. — Charlene daria um ataque.

— Suponho, embora acredite que teria que saber como assar um — disse Chase tamborilando os dedos sobre a mesa. — O que acha «o homem de verdade vigia o que come»? As pessoas de hoje em dia se preocupam com sua dieta.

Tara olhou o estômago plano de Chase e seus músculos e retirou a vista rapidamente.

— Estou de acordo. Entretanto, não deveriam ser obcecados com ela. Não pode ser o centro de sua existência.

— Certo — concedeu Chase sorrindo para ela e por um momento Tara esqueceu o que estavam fazendo.

— Então deixamos seguro de si mesmo, bem organizado, embora não fanático pela ordem. Uma vez saí com um cara assim. Era tão organizado que comprava as coisas por ordem alfabética.

— O que aconteceu com ele? — perguntou Chase.

— Rompemos. Bastou uma viagem juntos ao supermercado. Deixamos também inteligente.

— Mas tiramos o de que não gostam de se ocupar-se dos trabalhos da casa — opinou Chase. —

Molly diz que os homens que lavam os pratos são excitantes.

— Quem é Molly? — perguntou Tara sem poder conter-se, um pouco ciumenta.

— Minha irmã — disse ele apoiando os cotovelos na mesa. — Diz que sempre que seu marido, Eddie, faz isso, se excita embora eu não compreenda. Eddie é um grande cara, mas não posso imaginar que alguém possa excitar-se com ele.

Tara imaginou alguns dos homens com os que tinha saído lavando os pratos. Não era que muitos se oferecessem voluntários embora Owen tinha insistido. Infelizmente este tinha sido um fanático por limpeza e quando enxaguou os pratos até três vezes em água quente, Tara não lembrava ter se excitado nada. Entretanto, a idéia de Chase naquela cozinha, vestido só com jeans ou menos, com os braços cheios de sabão...

— Bem. O homem ideal lava os pratos. Algo me ocorrerá com isto. Certo, vimos a confiança em si mesmo... mas também temos vulnerabilidade.

— Perfeito — disse Chase com um sorriso. Tara o observou um momento, encantada, e voltou para a lista.

— O que fazemos com o de que «o homem de verdade sempre dá o primeiro passo»? Não perguntamos a ninguém por isso, mas acho que deveríamos mudar. Um homem com confiança em si mesmo não se importaria que uma mulher desse o primeiro passo — disse ao tempo mesmo que escrevia.

— Depende — disse Chase lentamente.

— O que quer dizer? Em seus livros as mulheres sempre se oferecem para seu herói e não se importa.

Chase encolheu de ombros lhe tirando importância.

— Isso é ficção mas isto é a vida real, e na vida real depende do passo. Não me importa que uma mulher me chame e me convide para sair sempre que seu convite seja para isso e não para nos colocar na cama sem mais.

— Você não gosta de sexo? — perguntou Tara sem poder acreditar no que estava ouvindo. — Ora, nunca teria dito por seus livros.

— Eu gosto de sexo — disse ele olhando-a aborrecido, — em sua justa medida, mas eu gosto de pensar que uma mulher se interessa por outras facetas de minha personalidade. Eu não gosto que venham pelo só fato de que querem se deitar com o famoso autor.

— Não tinha pensado nisso — admitiu Tara olhando-o de cima abaixo. — Acontece freqüentemente?

— Acontece. Mas passemos para outra coisa — disse ele ruborizando-se. — Onde...?

— Daí tira todas essas cenas?

— Não, não é daí — disse Chase. — São produto de minha imaginação, salpicadas de algum detalhe da vida real, mas o certo é que as mulheres que só vêm até mim para ver se sou tão bom como em meus livros me dão medo. É como se estivessem pondo a prova e a última coisa que preciso depois de uma relação é que uma mulher lhe diga «Não está mal mas não é tão bom como em seus livros».

— Alguma vez lhe disseram isso?

— Não! Sou tão bom como em meus livros! Mas saber que poderia acontecer acrescenta pressão ao assunto.

— Sempre pode dizer não, Chase.

— Para, para. Sou um homem não um santo
— disse Chase levantando as mãos.

Que era um homem estava claro.

— Tá bom, então o que fazemos com o primeiro passo? O homem ideal não gosta que a mulher dê o primeiro passo?

— Não diria tanto. Em alguns casos, uma mulher tem que fazer isso. Com homens como o pobre Hubert, eu diria que é essencial. Agora que penso nisso, teria que lhe mandar um e-mail pedindo.

Os dois riram da ocorrência.

— O que acha se dissermos que os homens de verdade não se importam que elas dêem o primeiro passo sempre que não seja para entrar em seu quarto?

— Eu gosto.

— Bem. Agora vejamos «um homem de verdade mima você». Acredito que deveríamos deixar que é sensível a seus sentimentos.

— Diz isso porque acabamos de entrevistar um psicólogo. Claro que ele é sensível a seus sentimentos. É sensível aos sentimentos de todo o

mundo. É parte de seu trabalho. Os homens normais não têm nem idéia de quais são seus sentimentos a menos que os conte. A não ser que se trate de meu protagonista. Ele é tremendamente sensível!

— Seu protagonista? — burlou-se Tara. — É o homem mais insensível que vi. Está bem que só seja um produto de ficção porque um exército de mulheres muito zangadas o jogariam a patadas deste planeta.

— O que quer dizer? — perguntou Chase indignado. — Meu herói é muito sensível. Por exemplo, sabe que a heroína não gosta de ficar presa nem que a seqüestrem. Se isso não é ser sensível, não sei o que é.

— Tem razão — disse Tara. — Não sabe. Um homem sensível iria querer saber por que a heroína está fazendo o que está fazendo... como chegou a essa situação... por que é importante para ela. Seu herói não se preocupa com nada disso. Hunter passa todo o livro perguntando a Desmonda por que vive com um ser tão vil como Dorian.

— Isso não é verdade — disse Chase. — Dediquei mais de meio capítulo para que

Desmonda falasse de como queria vingar a morte de seu irmão.

— Certo, mas sempre do seu ponto de vista. Nunca falou disso com Hunter e tampouco lhe perguntou!

— De acordo, tem razão nisso, mas...

— Tenho razão em muitíssimas coisas — lhe interrompeu Tara. — Seu protagonista não se preocupa com sua companheira. Passa o tempo destruindo coisas e salvando o mundo do caos e a anarquia.

— Isso não é a única coisa que faz! — exclamou Chase arqueando as sobrancelhas.

— Não conto o sexo, idiota — disse Tara exasperada. — Falo de sentimentos. Seu herói não conhece e não se preocupa com suas companheiras. Não é assim como as mulheres agem. As mulheres não vão para a cama com alguém só porque nos tenham salvado de terroristas. Temos que sentir algo mais... e Hunter também deveria.

— Algo como o que?

— Bom... — Tara repassou mentalmente os livros de Chase. — Por exemplo quando se beijam.

No único que pensa um homem quando beija uma mulher é como leva-la para a cama?

Chase abriu a boca para dizer que sim mas de repente mudou de opinião.

— Não. Quando beijamos uma mulher só pensamos nisso, em beijá-la.

— Pois isso não é o que pensa seu protagonista. Quando beija a garota, está planejando o próximo golpe ou aonde tem que viajar.

— Isso não é verdade.

— Sim é. Por exemplo em Desastre ao entardecer. Hunter está beijando a garota e no que está pensando? Em como entrar em não sei que complexo do outro lado do Atlântico!

— Leu meus livros! — disse Chase radiante de alegria.

— Li alguns deles — respondeu Tara, que mais que lê-los tinha devorado. — E todas as cenas de beijos são praticamente iguais.

— Talvez tenham algo em comum — começou Chase enrugando a testa e os lábios, — mas... mas é que tampouco podem ser muito

diferentes. De quantas maneiras se pode beijar uma mulher?

Tara pensou de repente que discutir com Chase sobre as diferentes maneiras de beijar não era o mais oportuno.

— Não sei — disse, impaciente por mudar de assunto. — Sim sei o que é beijar um homem e que há diferentes formas — insistiu Tara. Ela preferia os homens que primeiro lhe mordiscavam os lábios e depois a beijavam de uma forma intensa. Pensou no que sentiria ao morder os cantos dos lábios de Chase e sentiu um calafrio. — Veja, quando beija alguém no que está pensando, em seu próximo livro ou nela?

— Não penso em meu livro, isso lhe asseguro isso. Penso sobre tudo nela. De fato, posso assegurar que estou pensando nela.

— Então seu protagonista deveria fazer o mesmo.

— Pode ser que tenha razão — disse Chase subindo as pernas ao banco e apoiando as costas na parede enquanto olhava para o teto. — Vejamos. No livro que estou escrevendo agora, os dois protagonistas conseguiram descobrir o que o mau

planeja e ambos têm uns momentos para ficar sós — começou Chase com um tom suave ante o que já reagiu instintivamente. — A rodeia então com os braços e a beija — continuou Chase, fechando os olhos. — No momento que seus lábios se roçam a missão deixa de ter importância para Hunter. Os lábios da garota são úmidos e ardentes. Brinca com sua língua e o lábio inferior dela enquanto a garota pressiona seu corpo contra o de Hunter ... — Chase abriu os olhos. — Isso é o que ela faria, não? Pressionar com seu corpo?

— Oh, sim, claro — disse Tara com praticamente um gemido.

— Bem — disse Chase fechando os olhos de novo. — Bridgett o pressiona com seu corpo e Hunter só pode pensar em quanto é prazeroso estar tão perto dela, provar seu sabor, sentir seu cabelo nas mãos e o calor de seu corpo. Quando a acaricia com a língua, só pensa nela. Sua presença é a única coisa que invade sua mente enquanto rebola junto a seu corpo. Invade-o o desejo de empurrá-la contra a parede e tomá-la ali mesmo, embora dez mil mafiosos estivessem do outro lado da porta

dispostos a matá-lo — abriu os olhos e se endireitou. — O que achou?

Fantástico. Excitante. Estremecedor. Queria representar com ele essa mesma cena nesse momento, na cozinha.

— Não foi mal — disse Tara.

Se escrevia assim, venderia outro milhão de exemplares. Tara o observou atirado no banco da cozinha, sem barbear, com o cabelo revoltado, olhando-a com os olhos brilhantes, peralta e muito sexy; não se parecia em com seu Cary Grant. Beijá-lo seria igual: longe de ser um beijo tenro e delicado, seria pura sensualidade e excitação.

— Melhor que se tivesse estado pensando em brigas — acrescentou Tara voltando para sua lista e tratando de recuperar a compostura. — Voltemos para nosso artigo. Falta-nos a qualidade número cinqüenta.

— O que acha de «o homem de verdade sabe carregar uma pistola em menos de dois segundos»? — sugeriu Chase.

Tara lhe atirou a caneta e ele riu.

— De acordo. De acordo, mas será melhor que não conte comigo. Foi bastante difícil para mim

encontrar quarenta e nove. Terá que pensar você em algo — acrescentou Chase.

— Muito obrigado — disse Tara levantando-se. Se continuasse muito tempo perto de Chase acabaria escrevendo «o homem de verdade sabe como e quando recuperar-se sexualmente» ou talvez «o homem de verdade não lhe sussurra indecências». Claro que talvez algum sim fizesse... se soubesse o efeito que poderia ter em algumas mulheres. Decidiu riscar essa possibilidade da lista. Não ia dizer nenhum homem algo assim. Era uma arma muito perigosa.

Capítulo 07

Um homem de verdade se ocupa de suas finanças. Não gosta dos números? Não se preocupe. Seu homem maravilhoso está aí para isso. Não só leva em dia sua economia mas também também se ocupa da sua. Gosta de fazer isso, e, admitamos, provavelmente seja melhor que você. Sente-se então e desfrute. Ele tem tudo sob controle.

Das 49 qualidades do homem de verdade.
Revista Homens, Abril, 1949

— Isto é uma monumental forma de perder tempo — disse Chase saindo mal-humorado dos escritórios de Aventura Fantástica, mais aborrecido que o habitual e, infelizmente, mais atraente também. Para essa entrevista colocou uma calças de cor clara com uma camisa, aspecto informal.

Chase havia dito que J.A. Talbot ia ser o melhor de todos. Tinha que ser um homem de verdade dedicando-se a todas aquelas atividades de aventura: caiaque, rafting, trilha, pesca, camping. Essa era sua idéia da verdadeira dignidade.

Tara não se mostrou muito convencida. Por sua experiência, os homens que se divertiam ao ar livre eram os que pensavam que um grande encontro era ir comprar uma canoa.

O caso é que o senhor Talbot não era assim. Notava-se que desfrutava estando ao ar livre, mas tinha passado toda a entrevista falando de...

— Planos de pensões! — exclamou Chase. — Pode acreditar isso? Não fazia mais que falar do mercado de valores e os recursos de investimento.

— Acredito que isso se chama economia. Além disso, me pareceu muito interessante seu plano de investimento.

— Seu plano de investimento pode ser que fosse interessante, mas não se deteve aí. Não só nos contou isso com detalhe, mas também nos informou sobre os planos nos que deveríamos investir. Não sabia se estávamos fazendo nós a entrevista ou nos estava vendendo um pacote de investimento.

A Tara tampouco a tinha impactado o senhor Talbot. Tinha estado muito ocupada checando o quanto Chase cheirava bem e o quanto estava encantada de vê-lo de novo. Só tinha estado fora um dia, mas se tinha acostumado a ir com ele

para as entrevistas. E isso a incomodava, igual à forma em que seu corpo reagia quando ele estava perto. Tinha decidido não deixar-se levar uma vez mais pelo homem errado e ali estava fazendo isso de novo.

— Tem razão, Chase. As pessoas precisam ter um plano de investimento. Os homens e as mulheres.

— Não me olhe com esse sorriso petulante! Tampouco você é um exemplo planejando coisas.

— Não sou — confessou Tara. — Me custa muito saber o que tenho que fazer cada mês. Mas não estamos falando de mim. Falamos do tipo de homens que procuram as mulheres e eles sim contam com um plano de investimento.

— Hunter não pode fazer algo assim. Não há plano de pensões para os homens que arriscam suas vidas salvando o mundo.

— Deveria, ao menos, pensar nisso — disse Tara. — Os homens de hoje em dia deveriam pensar em seu futuro.

E ela também deveria pensar em seu futuro e começar a procurar já seu homem de verdade.

Chase levantou o telefone e discou um número.

— Sou eu — disse quando Jerome lhe respondeu do outro lado da linha. — Tenho que lhe perguntar algo.

— Será melhor que seja algo importante — disse Jerome. — Vou a Las Vegas em algumas horas.

— É importante, Jer.

— O que é?

— Tenho um plano de pensões?

— E como demônios vou saber se você tem um plano de pensões? Eu sei que eu sim tenho um mas não sei se você tem ou não. Além disso, não é algo que eu deveria saber. Sou seu agente, não seu assessor financeiro.

— Você tem um plano de pensões?

— Claro que sim, por que?

— Bom, não tem aspecto do ter, isso é tudo — comentou Chase subindo os pés até mesa. — Vanna sabe disso?

— Imagino que sim... ao menos eu diria que sim — Jerome ficou em guarda. — Por que? Acha que deveria saber?

— Deveria comentar com ela, sim. O homem ideal tem que se ocupar do futuro do casal.

— Isso te deixa fora do grupo dos homens ideais — disse Jerome rindo.

— Não é verdade — declarou Chase com superioridade. — Estou pensando em me matricular em um seminário sobre finanças.

— Não pode ser — disse Jerome. — Nunca lhe preocuparam esses temas.

— Pois agora sim.

— Não acredito — insistiu Jerome. — Não posso acreditar que você, que nem sequer sabe que porcentagem de direitos de autor tem que exigir, nem o dinheiro que tem no banco, esteja falando de abrir um plano de pensões.

— Não só estou falando disso. Vou fazer. Vamos entrevistar um assessor financeiro no fim de semana e vou perguntar a ele — disse Chase olhando a tela de seu computador. — E transmitirei meu interesse a Hunter também.

— A Hunter! — exclamou Jerome realmente alarmado. — O que quer dizer com isso? Não estará pensando em mandar seu herói estudar!

— Sim.

Tara tinha decidido não pensar mais na cena do beijo que Chase tinha lido em voz alta. Mas ao ver que não era tão fácil, decidiu chamar Stella para que passasse por sua casa e assim poder lhe contar.

— Deveria ter ouvido ele — lhe confessou.
— Foi a cena de sexo mais erótica que já ouvi. Recitando em um sussurro... Estive a ponto de perder a cabeça e lhe despir ali mesmo.

— Pode ser que não tivesse sido má idéia — disse Stella. — Teria sido um bom material para o artigo.

Tara deixou de cortar a verdura. Claro que não teria sido mau. Provavelmente teria sido genial. Assim era Chase Montgomery. Embora estivesse interessado, e não estava muito segura de que fosse assim, não podia se deitar com ele. Não era o modelo de homem que procurava. Só teria podido ter sexo com ele e não lhe parecia boa idéia.

— Não vou me deitar com Chase para obter bom material para o artigo. Acredito que já lhe disse isso.

— Pensei que talvez tivesse mudado de opinião. E falando de artigos, o que descobriu sobre Gerald?

— Que vive em uma casa muito bonita — disse Tara. — Um dos lugares melhor decorados que já vi. Se o tivesse visitado quando estava escrevendo Em sua casa ou na minha, teria recomendado seu apartamento.

— O que quer dizer? Não fez isso com ele, não é?

— Santo Deus, não. Poderia ser meu pai. Só falamos de negócios — disse Tara cortando o tomate em partes pequenas para a salada. Bastante mau era que Gerald não fosse mais jovem. Se pudesse encontrar um homem como ele... — Mas não é um assassino.

— Poderia ser — objetou Stella. — Parece que tem uma casa luxuosa cheia de móveis caros. Bem poderia ter se desfeito do pobre Franklin para herdar o império Wutherspoon.

— Duvido. A maioria do mobiliário comprou de segunda mão e o restaurou ele mesmo.

— Isso foi o que disse? — perguntou Stella estreitando os olhos com gesto desconfiado. — E acha que podemos confiar em sua palavra?

— Por todos os Santos, Stella. Não vou investigar de onde tirou esse homem seus móveis!

Estou segura de que não tem nada a ver com a morte de Franklin. Tem muito bom gosto.

— Não há nenhuma regra que diga que alguém que tenha bom gosto não poderia se desfazer de seu tio.

— Não há provas de que queria se desfazer de seu tio.

— Pode ser que não, mas... continuo pensando que há algo estranho em tudo isto. Inclusive se não tivesse sido Gerald, poderia ter sido outra pessoa.

— Como quem? — Perguntou Tara. — Falei com quase todo mundo e não descobri nada.

— Talvez a senhora Glasier? Ouvi que discutiram alguns dias antes do jantar.

— Isso me disse — repôs Tara abrindo a geladeira em busca de um pepino. — Mas só o que discutiram foi sobre as jaquetas da temporada de outono. Ela queria acrescentar algumas mais cor de rosa e ele não estava de acordo — Tara ficou olhando a hortaliça de aspecto murcho. — Acho que não consertaram a geladeira. Continua sem esfriar.

— Acredito que tem razão com a senhora Glasier. Ela pediu carne assada, embora acreditava que tinha pedido cordeiro — disse Stella refletindo. — E o que me diz de Marvin Singleton. Do departamento de marketing.

Tara pensou no magricela Marvin e assentiu. Talvez fosse ele. Segundo Stanley, não estava muito contente porque Franklin não gostou do novo slogan.

— Refere-se a Wutherspoon. Ponha ou ficará gelado — perguntou Tara sentindo um calafrio. — Me contou isso, sim. E estou de acordo com Franklin. Embora não acredito que Marvin se desfizesse de Franklin porque este tivesse bom gosto.

— Nunca se sabe quais são os motivos de uma pessoa para fazer algo assim. E não sei o que Marvin pediu no jantar. Diz que não lembra — Stella deu uma olhada nos pratos que Tara estava preparando. — Falando de comida, isso é tudo o que vamos para jantar? Fruta e verdura?

— Acho que sim. O forno quebrou e só o que sei preparar sem cozinha é salada e fruta.

— Pensei que depois de todas essas entrevistas com chefs teria aprendido algo.

— Pois não — disse Tara pondo os pratos na mesa. — Não se supõe que os entrevistado para que me dêem suas receitas. As melhores receita sensuais é um artigo mais geral. Vou entrevistar o professor Crenshaw na universidade para falar dos alimentos que têm um efeito psicológico no corpo.

— Bem — disse Stella. — Quando souber, pode preparar um jantar para Chase e provar você um pouco.

— O que se supõe que quer dizer isso? — perguntou Tara olhando para sua amiga.

— Ouça, tem que admitir que é um pouco estranho. Olhe para você, passas um monte de tempo a sós com o homem que escreve algumas das cenas de sexo mais tórridas do panorama literário atual e não vai aproveitar a oportunidade. Parece como se agora só lhe importasse o trabalho.

— Acho que que isso é o que estamos fazendo, Stell, trabalhar — disse Tara ruborizando.

Stella fez um gesto de incredulidade e Tara saiu para a sala para procurar Matthew. Stella estava equivocada. Não precisava de comida para

se excitar se ele estava perto. E certamente, não falavam de trabalho todo o tempo. Chase tinha lhe falado de sua família; de como seu pai morreu quando ele era muito jovem e sua mãe tinha tido que começar a trabalhar para criar ele e sua irmã. Por isso agora era ele quem se ocupava dela. Tara também lhe tinha falado de sua família e de alguns dos artigos que tinha escrito, e de seu desejo de trabalhar em um campo mais sério dentro do jornalismo.

Quando entrevistaram o detetive particular, Tara lhe contou as suspeitas de sua amiga Stella sobre a morte de seu chefe.

— Stella ficará totalmente decepcionada. Esperava que pudesse descobrir um pouco sobre Gerald.

— E para que quer idéias Stella? — perguntou Chase. Assim Tara lhe contou toda a história.

— Acho que se não tomar cuidado, poderia perder seu trabalho — disse Tara finalmente.

— Se não tomar cuidado, poderia perder algo mais que seu trabalho — murmurou Chase.

— O que quer dizer?

— Que o que quero dizer, Tara? Você o que acha? Stella está procurando um assassino e se o encontrar, não acredito que esteja muito contente de que o descubram.

Tara não tinha pensado nisso. A idéia de que alguém da Wutherspoon fosse um assassino tinha lhe parecido tão remota, que não tinha querido pensar além disso.

— Não há razão para se preocupar. Não houve nenhum assassinato, assim é que não pode haver assassinos tampouco.

— Espero que tenha razão. Os assassinos não são gente agradável precisamente. Uma vez conheci um e se disser a verdade, não era agradável — disse Chase sentindo um calafrio.

— E quando você conheceu um assassino?

— Faz alguns anos. Estava escrevendo Tormenta a Meia-noite e quis saber como seria um assassino a sangue frio, assim é que meu agente, Jerome, me apresentou a um — disse Chase fazendo uma careta. — Não foi uma experiência muito divertida. Menos mal que nos conhecemos através das grades da cadeia.

— Isso elimina todos os que trabalham na Wutherspoon — disse Tara, que estava começando a se assustar. — Conheci todos e nenhum tinha pinta de ser um assassino a sangue frio.

— Harry tampouco parecia, Tara. Tinha o aspecto de um homem comum. Isso foi o que mais me assustou — declarou Chase olhando-a com seriedade.

Tara sentiu que o pêlo de todo o corpo lhe arrepiava. Se Stella ou ela mesma cruzassem com o assassino, precisariam ter de verdade um herói como Cary Grant perto. Só esperava conhecer um antes de que acontecesse.

Capítulo 08

Um homem de verdade não se dá bem com crianças. Não convidem seus sobrinhos se quiserem impressiona-lo. Claro que adorará seus próprios filhos embora não os compreenda, e certamente não quer ter nenhuma relação com os filhos de outros. Prefere uma conversa faiscante a ter que trocar fraldas ou limpar babas.

Das 49 qualidades do homem de verdade.
Revista Homens, Abril, 1949

Na sexta-feira a tarde Tara foi com o fotógrafo até a Wutherspoon.

Tiraram as fotos, sempre com Angie posando, e finalmente Gerald se encontrou com eles quando já estavam se preparando para partir.

— Conseguimos as fotos que queríamos — disse Tara. — Vai ser um grande artigo. Estou segura que atrairá muito interesse.

— É maravilhoso, Tara. Maravilhoso. Nunca poderemos agradecê-la o suficiente.

Tara se sentiu envergonhada. Ali estava aquele homem tão agradável lhe agradecendo enquanto ela se dedicou a tentar descobrir se era um assassino.

— Não é nada.

— Agradeço-lhe isso muito, seriamente — disse ele aproximando-se mais dela. — Escuta, sei que não avisei mas me perguntava se estaria livre esta noite. Poderíamos ir para jantar... ou talvez alugar um filme mais tarde. Seria minha maneira de agradecê-la por toda essa publicidade gratuita.

— Eu adoraria mas acho que não posso. Prometi a Stella que cuidaria de seu filho esta noite. Mas se quer vir...

— Por que não deixamos para outro dia? — apressou-se a dizer Gerald, fazendo uma careta de desagrado. — Eu não gosto muito de crianças... e eu gostaria que fosse uma ocasião especial. Ligarei para você na próxima semana.

— De acordo — disse Tara um pouco decepcionada por sua atitude. Não deveria, no entanto. Gerald não deixava de ser uma versão mais velha do que ela estava procurando. A versão de sua idade não pensaria o mesmo.

Essa noite decidiu abordar Stella assim que entrou pela porta para deixar Matthew.

— Isto tem que acabar, Stella. Não pode ir por aí acusando esse homem tão agradável de assassinato. Simplesmente não é justo.

— Não estou acusando ninguém de nada. Só quero saber o que ocorreu.

— Continuo acreditando que não é uma boa idéia — disse Tara baixando a voz para que Matthew não a ouvisse. — Além disso, poderia ser perigoso. Já te contei o que Chase disse...

— Chase tem uma imaginação fértil, o que é natural vindo de um escritor. Além disso, não vou fazer nada perigoso. Estou procurando alguém que deslizou furtivamente um pedaço de peixe no jantar de Franklin, isso é tudo. Além disso, esta noite só marquei com o senhor Sweeny.

— Quem é o senhor Sweeny? — perguntou Tara.

— Dirige uma empresa de limpeza. Stanley me deu uma ideia outro dia. Depois de tudo, os zeladores conhecem todos os segredos das empresas. E nem sequer estarei sozinha com ele.

Stanley me acompanhará — disse Stella antes de dar um beijo em seu filho.

Tara fechou a porta atrás dela e se foi para a sala com Matthew.

— Podemos ver um filme? — perguntou o menino. — Trouxe um de muito medo.

— Claro — disse Tara ligando o vídeo. Depois de alguns minutos de filme, se deu conta que Matthew não tinha exagerado nada ao dizer que dava muito medo. A loira protagonista estava sozinha e se dispunha a abrir a porta atrás da qual estava esperando um tipo com uma enorme faca, em meio de um silêncio sepulcral. No momento em que o homem levantou a faca, a televisão e as luzes se apagaram repentinamente deixando-os meio as escuras.

— O que aconteceu? — gritou Matthew agarrando a mão de Tara.

— Talvez tenha queimado a lâmpada e danificou a televisão ao mesmo tempo — sugeriu Tara com otimismo. Matthew não tinha vontade de soltá-la, assim teve que sair ao corredor para olhar os fusíveis com ele. Testou todos os interruptores da casa, mas nenhum funcionava. — Parece que há um

problema com a eletricidade — disse a Matthew finalmente.

— Quer dizer que não funciona nenhuma luz? — perguntou o menino com os olhos abertos como pratos.

— Não acredito — disse Tara antes de chamar o porteiro.

— Você é a terceira pessoa que avisa — se queixou o homem. — Não sei qual é o problema, mas demorará um momento para se solucionar.

— Não tem boa pinta — disse Tara a Matthew quando desligou.

— Oh, não — gemeu Matthew como se fosse chorar. — Eu não gosto da escuridão. Não quero ficar no escuro.

— Não se preocupe — disse Tara abraçando-o. — Pensarei em algo logo.

— Pois faz rápido. Tenho medo da escuridão.

A Tara tampouco fazia muita ilusão, sobre tudo depois de ver o filme. Estava procurando velas e lanternas por toda a casa tentando não pensar no cara da faca, quando o telefone tocou.

Tara deu um salto de surpresa e desejou que fosse o porteiro para lhe dar boas notícias. Era Chase, e sua voz parecia impaciente e distraída.

— Perdoa que a incomode, mas tenho que pedir um favor.

— Dispara — disse ela que se sentiu ligeiramente mais tranqüila ao escutar a voz amiga.

— Disse algo de que seu amiga Stella tinha um filho de seis anos?

— Sim, Matthew. De fato, neste momento está aqui comigo.

— É mesmo? — o tom de Chase se tornou desconfiado. — Por que? A mãe dele não está por aí procurando assassinos soltos.

— Não exatamente, não — disse Tara fazendo um gesto de surpresa.

— Bem. Nesse caso, poderia trazê-lo para minha casa?

— Para que?

— Porque preciso dele — disse Chase impientemente. — Temos uma urgência. Estou tentando representar a cena do resgate com o helicóptero e não tenho atores suficientes. Andrew está tentando ser o piloto e um dos maus e Simón o

protagonista e outro dos maus, mas sempre acabam brigando. Não funciona.

Tara duvidou. Levar Matthew para brincar de polícia e ladrão com um escritor um tanto peculiar, não seria a idéia que Stella tinha de uma atividade educativa. Por outro lado, era muito melhor que passar a noite as escuras.

— Vamos para aí.

Em menos de meia hora, Tara estava em uma cadeira na sala de Chase. Tinham retirado todos os móveis para deixar um espaço espaçoso no centro no qual Chase tinha colocado quatro cadeiras da cozinha que simulasse o interior do helicóptero. Chase estava sentado no braço do sofá repassando a cena com gesto sério.

— Então temos que o protagonista e a garota tentam capturar o helicóptero para escapar. Ele sai mas ela é apanhada. Simon, você será o piloto. Andrew, você será o mau...

— Deixa eu fazer o mau — disse Simon lhe puxando pela manga.

— Certo, Simon, você será o mau. Andrew, você será o piloto — se voltou então para Matthew,

que olhava tudo com os olhos abertos como pratos.
— Você será o protagonista.

— Certo — disse Matthew.

— Eu também não quero ser o piloto — disse Andrew. — Só o que faz é receber golpes na cabeça. Quero ser um dos maus.

— Bom, supõe-se que tem que haver dois caras maus... — disse Chase acariciando o queixo em atitude pensativa, — ...mas continuaria precisando de um piloto... — disse isto olhando para Tara esperançoso. — Acho que você não...

— Claro — se ofereceu Tara. — Por que não?

— Não posso acreditar — disse Stella quando chegou para buscar Matthew. — Passou a tarde com Chase e só o que fizeram foi representar uma cena de seu livro? Ou estão doentes ou são muito estranhos.

— Não é nada disso — sussurrou Tara para não despertar Matthew, que tianha adormecido no sofá. A eletricidade havia voltado. — Só lhe ajudamos com algumas cenas, e foi divertido. Chase me disse que fui o melhor helicóptero que já teve.

— Isso é um elogio — disse Stella com secura. — Suponho que não terão estado ensaiando as cenas de sexo...

— É obvio que não! Jamais deixaria que seu filho visse algo assim! Que tal foi seu encontro com o zelador? — perguntou Tara mudando de assunto.

— O senhor Sweeny não sabia nada mais que Franklin jogava fora muito papel e utilizava papel para anotar de cor verde em vez de amarelo — suspirou Stella. — Stanley ficou muito decepcionado. Pensava que o senhor Sweeny poderia nos dar alguma pista válida.

— Pobre Stanley.

— Não se preocupe. Logo descobriremos o que aconteceu — disse Stella levantando seu filho do sofá. — Vão praticar alguma cena de sexo um dia destes?

— O que?

— Chase e você.

— Não — disse Tara. — Estou tentando encontrar o homem ideal, recorda? Também para mim.

— Claro — respondeu Stella pouco convencida.

Tara não estava muito segura se estava convencida tampouco, sobre tudo depois de ter entrevistado Ephram Enright. Ephram era um agente imobiliário de elegantes e suaves maneiras, realmente encantador. Quando Chase lhe perguntou quais eram as qualidades que ele considerava do homem de verdade, tinha respondido que ser sociável, porque isso era bom tanto para sua vida profissional como para as relações pessoais e sentimentais. Ephram era além disso um homem bonito, mas não tanto como Chase. Fazia pesos três vezes por semana, e andava bem vestido. Havia dito que vestir bem era importante porque denotava êxito.

Aquele agente imobiliário não tinha nada de mau, mas a Tara não dizia nada, não a atraía. Se tivesse lhe pedido que saíssem provavelmente teria rejeitado o convite. Entretanto, se Chase pedisse daria saltos de alegria. Estando perto de Chase parecia esquecer suas intenções de encontrar um homem maduro com quem ter uma relação madura e duradoura.

— Parece causar pena — disse Stella a semana seguinte quando ligou para Tara para

colocá-la em dia sobre suas investigações na fábrica.
— Não me diga que se quebrou algo mais em seu novo apartamento.

— Continuamos tendo problemas com a eletricidade — admitiu Tara. — A luz vai e vem, e as tábuas do chão estão soltas em alguns lugares. Cada vez que Chase prende uma com pregos novos, se solta outra de outro lado.

— Chase conserta seu chão?

— Trabalhou na construção durante um tempo — disse Tara recordando os comentários negativos que Chase tinha feito sobre seu apartamento e as vezes que tinha tido que recordar-se que o homem de sua vida não iria vestido com jeans e camiseta por melhor que fossem. — Escrevi parte do artigo sobre a Wutherspoon mas eu não gostei — continuou. — E provei tanta comida para meu trabalho sobre os alimentos que aumentam a libido que com certeza engordei.

— Não engordou — disse Stella. — Me fixei e nem sequer lhe aumentaram os quadris.

— Pois Chase pensa que sim. Disse isso outro dia. Nesse momento decidi que uma das qualidades do homem ideal seria que nunca lhe

ocorreria dizer a uma mulher que estava engordando.

— Certo — disse Stella com segurança. — Chegamos de novo à essência da questão: Chase.

Tara abriu a boca para negar, mas voltou a fechá-la.

— Tem razão. Ele é o problema. Não estou segura se poderia reconhecer meu homem ideal quando ele está perto porque estou obcecada.

— Por que não trata de remediar isso?

— Não penso fazer isso — insistiu Tara, — ao menos não da forma que você sugere.

— Só era uma idéia. Escuta, tenho notícias frescas — disse Stella mudando de assunto. — Uma das vendedoras ouviu outra dizer que pensava que Franklin era um miserável. O que acha?

— Que não é muito — murmurou Tara.

— Bom, pois eu não opino o mesmo. Stanley e eu vamos falar com elas em separado e depois nos encontraremos para pôr em comum o que descobrirmos. Suponho que não poderia ficar com Matthew outra vez esta noite, não é? Stanley vai vir para casa e as crianças lhe deixam nervoso.

— Não me diga...

— É um homem, Tara — suspirou Stella. — E os homens não gostam das crianças dos outros. Diz isso no seu artigo.

— Esse artigo foi escrito em 1949. Supõe-se que o homem de hoje em dia não pensa o mesmos das crianças. Deveria ver Chase com eles. É genial — sorriu ao recordá-lo correndo por toda a sala brincando de policia e ladrão. — Claro que suponho que é assim porque ele também é como um menino.

— O que seja. Me disse que pode ficar com Matthew?

— Não — disse Tara com pesar. — Acho que não posso. Tenho um encontro.

— Com Chase? — perguntou Stella.

— Santo Deus, não. Chase e eu não saímos como casal. Além disso, está em Seattle. Marquei com Lowell Thomas. É um dos homens de meu artigo, o ecologista.

— Que tipo de ecologista? — perguntou Stella. — O que vai por aí elogiando as virtudes de uma vida ao ar livre ou de outro tipo?

— Quantos tipos há? — perguntou Tara confusa.

— O bom e o mau — disse Stella. — Eu saí com ambos antes de me casar com Bill. O bom é o que fala do ar livre. É interessante, como se estivesse vendo um documentário. O outro tipo é o que quer fazer coisas estranhas ao ar livre, como acampar na neve. Tentou isso alguma vez? Depois de ter caminhando entre a neve e o gelo e até lhe faz construir um iglu para que durma nele. Isso não é um encontro, Tara, é uma prova de resistência.

— Não vamos fazer acampamento na neve, Stell — disse Tara rindo, — só vamos jantar. Além disso, ao melhor gostava. Não me importou sair o outro dia em excursão.

— Quando você foi em uma excursão? — perguntou Stella.

— Outro dia. Chase tinha que imaginar uma de suas cenas em um bosque, por isso que levamos os seus sobrinhos.

— A isso eu chamo de um encontro divertido — disse Stella. — Chase, dois meninos e você rodeados da selvagem natureza.

— Não foi um encontro! — insistiu Tara, embora tinha que admitir que tinha sido divertido,

Apesar de não ser sua idéia de um encontro perfeito. Seu homem ideal nunca teria sugerido isso.

— E falando de encontros — continuou Stella, — aonde vai lhe levar o seu ecologista?

— Não estou segura.

— Bom, se vir neve, começa a se preocupar — Stella fez uma pausa. — Chase também estará?

— Não — disse Tara.

— Por que não? Não estavam fazendo isto juntos?

— Sim, mas Lowell me ligou e me perguntou se queria sair para jantar com ele e pensei que seria uma boa idéia. Daria-me a oportunidade de fazer uma primeira impressão — disse Tara pensando que talvez encontrasse nele seu homem e assim poderia esquecer Chase.

Infelizmente e apesar de que Lowell era do tipo de ecologista bom, segundo Stella, Tara não acabou por se interessar por ele, nem em nenhum dos temas que trataram.

— Bom, ao menos já estamos chegando ao final da lista — disse Chase depois de ter passado duas horas com um professor de violão clássico cujos olhos escuros e expressão comovente fazia

predizer que seria um professor também em relação ao amor, embora para falar a verdade não tinha muito talento em outras questões.

— Só restam oito ou nove — disse Tara. — O dentista, o arqueólogo...

— Não esqueça o ecologista — indicou Chase. — Lowell não sei que mais. Marcou uma entrevista com ele e ou quer que eu ou... ?

— Ah, não temos que vê-lo já — disse Tara sem lhe dar maior importância. — Já falei com ele.

— Sim? — Chase franziu o cenho. — Quando?

— Faz algumas noites — respondeu Tara e Chase franziu os lábios de desgosto. — Me ligou para me convidar para jantar.

— Jantar? — o desgosto de Chase se intensificou. — Teve um encontro com esse cara?

Parecia como se tivesse roubado um banco a mão armada a julgar por seu tom.

— Não foi um encontro propriamente dito. Foi uma entrevista.

— Uma entrevista enquanto lhes serviam o jantar — corrigiu Chase e Tara assentiu. — E a diferença entre isso e um encontro é...?

— Um encontro é um pouco diferente! —
queixou-se Tara movendo-se inquieta em seu ligar enquanto procurava entre seus papéis com nervosismo. — Aqui tenho as notas que tomei.

— E aonde foi jantar nesse não-encontro?

Tara olhou a expressão de desaprovação de Chase e ficou pensativa.

— A um restaurante. Nada luxuoso. Lowell disse que...

— Conhecia-o antes de ir jantar com ele? —
interrompeu-a Chase com os braços cruzados.

— Não. Já lhe disse isso. Liguei para ele para marcar uma hora para fazer a entrevista e ele me sugeriu...

— Quer dizer que foi jantar com um completo desconhecido? — disse Chase elevando a voz.

— Não foi assim!

— Pois me parece que foi exatamente assim — disse Chase acusando-a com o dedo. — Não é uma boa idéia. Uma mulher não deveria sair com um homem de que não conhece nada. Esse homem podia ter sido um assassino.

— Não era!

— Mas não sabia quando saiu com ele, ou sim?

— Não perguntei, se for isso o que quer saber. Não é uma das perguntas que tenho previstas.

— Pois deveria — disse Chase sem entrar em razão. — Fora isso, supõe-se que estamos fazendo isto os dois juntos.

— De acordo, de acordo — aceitou Tara levantando as mãos em sinal de rendição. — Não sei por que está armando tanto escândalo mas se o incomoda tanto, não voltarei a fazer. Pensei que economizaríamos tempo.

— Me sobra. E além disso, chegaremos a tempo para publicar o artigo na data prevista, mas para o que não tenho é para repetir uma entrevista porque você a tenha feito primeiro a sós.

— Vai entrevistar Lowell de novo? — perguntou Tara, completamente aturdida.

— Tenho que fazer isso. Se não, não poderei rebater ou confirmar suas notas.

— Não pode se limitar a confiar em mim?

— Não, não posso — disse Chase olhando-a com aspecto zangado. — Não me parece sério.

— Suponho que não — comentou Tara, embora pensasse que Chase estava se comportando muito pouco razoavelmente. Tomou nota disso. O homem ideal daria a todos os assuntos a importância em sua justa medida.

— Alguma vez sentiu ciúmes? — perguntou Chase a Jerome no dia seguinte. Segundo este, sua viagem a Las Vegas não tinha sido um êxito.

— É obvio que sim. Suponho que todo mundo sentiu alguma vez em sua vida — disse Jerome olhando Chase com óbvia curiosidade. — Por que? Não estará pensando que seu protagonista tem que senti-los?

— Não — disse Chase fazendo girar entre os dedos a garrafa de água. — É Tara. Decidiu entrevistar um dos homens da lista sozinha.

— E o que aconteceu? Fazer as entrevistas em separado parece uma boa idéia de fazer este trabalho.

— Sim, isso é o que me preocupa! — exclamou Chase. — Se supõe que temos que fazer isso juntos.

— E você não gosta que se encontre com outros homens a sós.

— Não, eu não gosto! Tira-me do sério. Não tinha que ter ido jantar com esse ecologista na outra noite, Jer. Que demônios pode ver uma mulher em um ecologista? Só o que fazem é sair por aí falando do meio ambiente.

— O meio ambiente é um tema em ascensão neste momento. Pergunto-me se interessará Vanna. Talvez deveria comprar um pedaço de selva ou algo assim.

— Eu sou a favor da proteção do meio ambiente — disse Chase em tom mal-humorado. — Se não estivéssemos onde viveríamos? Mas essa não é a questão. A questão é que me disse que tinha saído para jantar com esse homem e me deu vontade de ir procura-lo e lhe dar um murro — disse Chase de repente e deu um longo gole de água. — Acho que fique com ciúme.

— Eu também acredito mas não o culpo. Eu também ficaraia com ciúme se a mulher com que me deito saísse para jantar com outro.

— Não me deito com Tara — declarou Chase. Jerome ficou imóvel com seu Martini na mão a meio caminho entre a mesa e a boca.

— Como que não se deita com ela?

— Pois isso, que não faço. Por que achou que fazia?

— Dava por feito, isso é tudo — disse Jerome olhando-o. — Passa muito tempo com ela, sempre está falando dela, simplesmente assumi que... bom, ela é uma mulher e você é você e... Tem certeza que não se deita com ela?

Chase ruborizou só em pensar em Tara e ele juntos nus.

— acredite em mim, Jer, se me deitasse com Tara, saberia.

— Bom, e por que não está fazendo isso?

— Não é como as demais — disse Chase.

— O que quer dizer com isso? Pela forma que fala, parece que se interessou realmente.

Chase pensou então em seus olhos verdes, seu amplo sorriso, suas delicadas curvas, o rubor de suas bochechas depois de fazer o helicóptero...

— Interessa-me, mas eu não sou seu tipo. Quer alguém do tipo de Cary Grant. Você diria que eu sou esse tipo? Você me vê como esse tipo de homem?

— Não — disse Jerome rindo. — Você é mais como Jim Carrey ou Robin Williams.

— Certamente não me ajuda nada.

— Estou dizendo a você que vejo, mas nunca se sabe. As mulheres mudam de opinião. Olhe para Vanna. Ela costumava gostar do tipo Jerome e agora não.

— Sim, bom, não acredito que Tara vá perder a cabeça por alguém como eu — disse Chase sentindo-se abatido.

— Deix-me pensar. Talvez me ocorra a maneira de arrumar sua vida, embora seja incapaz de encaminhar a minha — disse Jerome tamborilando com os dedos na mesa. — O ecologista entusiasmou Tara?

— Não acredito — repôs Chase tentando lembrar o que Tara havia dito sobre ele.

— Bem. Então ainda tem uma oportunidade. Já sei. Por que não lhe prepara algo romântico? Sabe como é, velas, vinho, esse tipo de coisas. Me disse que um homem de verdade sabe como ser romântico.

— Eu não sou assim — disse Chase com um calafrio. — Não gosto de fazer nada disso. Além disso, Tara me disse que a forma de ser romântico está dentro de cada um, mas pode ser que a outra

pessoa não seja. Por exemplo, Molly pensa que Eddie é romântico quando lava os pratos depois do jantar. Eu não posso me pôr a lavar na frente de Tara.

— Diga isso para mim — assentiu Jerome. — Eu lavei os pratos outra noite e tanto a faxineira como Vanna acreditaram que tinha ficado louco.

Na noite seguinte, Chase saiu para jantar com Lisa. Lisa era amiga da Vanna. Jerome tinha lhe pedido que fizesse isso por ele porque agradaria Vanna. Infelizmente não houve nenhuma química entre eles. Chase a levou a um restaurante marroquino que Jerome tinha recomendado, mas foi muito decepcionante porque não gostava de quase nada. Lisa foi ainda mais decepcionante. Era quase um clone de Vanna, igualmente magricela e arrumando o cabelo todo o tempo.

— Me diga, Lisa, Qual é sua idéia de um homem de verdade? Acha que o herói de minhas novelas é?

— É obvio — se apressou a dizer Lisa. — Acredito que é magnífico. Não me casaria com ele mas me deitaria com ele.

— E por que não? — perguntou Chase um pouco irritado.

— Bom, não é do tipo de homens que se casam — explicou Lisa. — Quero dizer que é excitante e muito bonito, e pelo que parece ótimo na cama, mas duvido muito que tirasse o lixo.

— O lixo? Isso é o que deveria fazer o homem ideal?

— O marido ideal sim — disse Lisa. — Eu nunca me casaria com um que não fizesse isso por mim.

Chase observou como arrumava o cabelo uma vez mais e decidiu que passar a noite com ela estava fora de toda lógica. Faria exatamente o mesmo que tinha feito Arla e as demais: deixa-lo depois de umas semanas e, provavelmente, não lhe importaria.

Nesse momento a única mulher com que queria estar era com Tara. Não havia outra solução: tinha que tentar lhe preparar algo romântico.

Capítulo 09

Um homem de verdade é romântico por natureza. Ninguém melhor que seu homem para lhe preparar um romântico jantar com velas e flores.

Das 49 qualidades do homem de verdade.
Revista Homens, Abril, 1949

— Não é só a comida. É o ambiente — dizia Armand, em pé no meio da cozinha de seu restaurante. — Venham comigo e lhe mostrarei.

Guiou-a para a elegante zona de mesas onde os garçons trabalhavam em excesso para preparar tudo para a hora do jantar.

— Este é o lugar que alguém levaria uma mulher para um encontro romântico — continuou Armand.

— É perfeito — disse Tara tomando nota mentalmente das almofadas e mesas estrategicamente colocadas com suficiente separo para dar a adequada intimidade, com o balde de gelo de prata junto a cada uma. Armand tinha

razão. Aquela era a forma de seduzir uma mulher. Era o tipo de lugar que escolheria um homem como Gerald.

— Esta é a forma de ganhar o coração de uma mulher — continuou Armand fazendo um amplo gesto com o braço. — E o prato do jantar seria frutos do mar.

— Frutos do mar?

— Isso — disse Armand acompanhando suas palavras de um gesto de assentimento. — Não há nada como frutos do mar para incitar um homem ou uma mulher. Linguado com molho de camarões e caranguejo, ou talvez uma lagosta. Se um homem a convidar para jantar lagosta, tome cuidado. Em sua mente há algo mais que um jantar tranqüilo.

— Isso parece maravilhoso — reconheceu Tara o seguindo de novo para a cozinha. — Mas acho que não teria muito efeito sobre mim porque não gosto de frutos do mar.

— Isso não significa nada — disse Armand lhe dando suaves batidinhas no ombro. — Uma de minhas criações de frutos do mar tem um sabor tão especial que não saberia que é: Volaise a la Grecque. Não diria que contém um delicioso molho de ostras

se só os lê nome no cardápio. O mesmo ocorre com a salada César, todo mundo esquece que tem molho de anchovas. Aparece no cardápio, mas em letra pequena. Mas teremos que mudar isso — o bom humor se esfumou de seu rosto. Depois do que nos aconteceu faz alguns meses, dei ordem a todos os garçons de que se assegurem de que explicam a todos os clientes os ingredientes de todos os pratos.

— O que aconteceu? — perguntou Tara com desconfiança.

— Foi terrível — disse Armand com abatimento. — Um homem tinha alergia a frutos do mar...

— Não se refere ao senhor Wutherspoon, não é?

— Exato — Armand começou a bater uns ovos em um recipiente. — Mas não foi culpa de ninguém. Alguém pediu e o preparei.

— Está dizendo que algum dos empregados do senhor Wutherspoon pediu seu Volaise a la Grecque?

— É obvio! — replicou Armand um tanto indignado. — É uma de nossas especialidades. Mas

não tem nada a ver com a morte do senhor Wutherspoon. Não foi ele quem pediu.

— E suponho que não saberá quem pediu...

— Não, mas estou seguro de que não foi o senhor Wutherspoon.

Tara dirigiu até em casa pensando no que Armand acabava de lhe contar. Talvez Stella tivesse razão em suas suspeitas, claro que também pôde ter sido uma casualidade, embora indevidamente aquilo fazia mais plausível a teoria de Stella. Chamou-a pelo telefone assim que chegou em casa.

— Ninguém mencionou nada sobre a Volaise a la Grecque — admitiu Stella, — mas aposto que foi Marvin. Disse a você que era suspeito. Não posso esperar para ver Stanley para contar a ele.

— Não deveríamos tirar conclusões precipitadas — disse Tara com cautela, embora estava tão nervosa como Stella.

A euforia durou pouco, no entanto, porque em poucos minutos subiu o porteiro da casa para lhe dizer que estariam sem eletricidade outra vez e não sabia durante quanto tempo. Era evidente que

não poderia usar a cozinha e a idéia de ficar ali em um apartamento as escuras não era nada tentadora.

Estava trocando de roupa rapidamente pensando em preparar uma salada de novo, quando Chase ligou.

— Estou ligando para convidar você para jantar — disse.

— Por que? — perguntou Tara olhando o forno.

— Como por que? — disse Chase irritado, — porque quero que venha jantar. Que outro motivo deveria haver?

— Poderia fazer isso para me convencer a ir para sua casa e ajuda-lo a representar alguma outra cena de seu livro.

— Poderia —disse Chase, — mas não é assim.

— Promete?

— Prometo — lhe assegurou Chase. — Nada de representações. Só você, eu e o jantar.

Tara não acreditou nele mas pensou que inclusive salada e pizza vegetal eram melhor que o plano que ela tinha em sua casa.

— De acordo.

Quando chegou a casa de Chase quarenta minutos depois, viu que a salada e a pizza não estavam no menu. A casa estava arrumada e a mesa posta, e Chase estava impecável na cozinha vestido com uma calça clara e uma pólo de cor verde.

— Estou preparando Espaguete a la Chase. Não haverá carne no menu mas tomates suficientes para lhe dar todas as vitaminas que precisa em um mês.

Soava e cheirava delicioso, por não dizer que também parecia delicioso. Tara se apoiou no balcão e observou como cozinhou enquanto lhe contava as últimas notícias.

— Estamos a ponto de resolver o mistério. Não é emocionante?

— Não sei se eu o definiria como emocionante — disse ele franzindo o cenho. — Não acredito que Stella e você deveriam sair por aí tratando caçar um assassino. Se tiverem razões para suspeitar de alguém deveriam ir até a polícia.

Tara ficou um pouco decepcionada com aquela resposta. Seu Cary não teria dito algo assim, mas teria se devotado a ir ele mesmo. Mas Chase

não era Cary. Olhou seus braços e a desenvoltura com que se movia pela cozinha e desejou que fosse.

— Posso fazer alguma coisa? — ofereceu-se Tara pensando que talvez se fizesse algo se esqueceria dele.

— Fique fria. Terminarei a salada e estarei com você em um minuto — disse ele fazendo um gesto negativo com a cabeça.

— De acordo — disse Tara dirigindo-se para a sala, que também estava arrumada. Do mesmo jeito que o banheiro e ao passar pelo quarto de Chase pôde comprovar que também o tinha arrumado. Retornou a sala e de repente se deteve e pensou em todo aquilo: a casa perfeitamente arrumada, jantar especial, uma bonita mesa... tudo o que incitava ao sexo. Se fosse outro homem, pensaria que estava tentando seduzi-la.

Mas não era outro homem. Era Chase. A idéia de Chase de seduzir provavelmente seria perguntar diretamente « Quer que nos deitemos? » Claro que talvez estaria mudando. Deveria dar alguma desculpa e partir.

Retornou a cozinha e viu Chase mexendo o molho, com o cabelo encaracolado pelo vapor que

subia da panela. Tara absorveu o maravilhoso aroma e seu estômago grunhiu. Talvez Chase não estava tentando seduzi-la. As pessoas arrumavam coisas por muitas outras razões. Pareceria uma idiota se saía dali gritando. Logo lhe ocorreria a maneira de sair dali de forma elegante.

Chase elevou a vista e sorriu, um sorriso sexy e incitante e Tara teve que se esforçar para respirar. Talvez não tivesse que sair dali, depois de tudo. O telefone tocou nesse momento rompendo o encanto. Chase murmurou algo quase ininteligível e foi atender. Tara ficou mexendo o molho.

— Mudança de planos — disse Chase enquanto lhe tirava a colher. — Molly tem que ir a uma reunião do colégio e Eddie não pode chegar cedo em casa. Quer deixar os meninos aqui — parecia tão decepcionado como ela. — Será apenas uma hora.

— Não é nada — disse Tara. Com os meninos por ali não aconteceria nada; ele não se insinuaria e ela tampouco.

Chase passou uma mão pelo cabelo.

— Não é o que eu tinha planejado, mas Molly...

— Não é nada, de verdade — disse Tara lhe apontando com o dedo. — Mas não acredito em você. Suspeito que seu plano era interpretar outra cena para seu livro.

— Prometo a você que não era essa minha intenção — disse ele com uma careta.

Embora finalmente é o que terminou sendo. Comeram o espaguete enquanto os meninos viam televisão na sala de estar mas quando terminaram, Andrew e Simon pediram a seu tio para representar alguma cena do livro. Chase se negou.

— Já fizemos a do helicóptero. Já a escrevi.

— Não tem nenhuma outra cena mais? — pediu Simon.

— Só a da fuga do iate, mas não somos suficientes.

— Chamamos Matthew — propôs Andrew.
— Talvez possa vir.

Ao final fizeram isso. Stella estava encantada de poder sair um momento e Matthew estava encantado de fazer o mau. Eram mais de dez quando Chase decidiu que já era suficiente.

— Já está bom. Meninos, vão ver televisão na sala de estar.

Os meninos se queixaram mas obedeceram. Chase preparou chá para Tara e ele e foram para a sala. Tara se sentou e se fez um novelo em um extremo do sofá e Chase se acomodou no outro. O jogo a tinha feito esquecer o corpo do homem mas estirado no sofá, voltou a pensar nele.

Procurou algum assunto de conversa... algo... que a ajudasse a não pensar naquele incrível corpo e como gostaria de estar com ele.

— Essa cena, a que estivemos ensaiando, como termina?

— Vejamos. Hunter resgata Bridgett, chegam a uma ilha, e ali têm uma aventura.

— Entendo — disse Tara tentando ignorar a sensação que tinha de que aquilo não era uma boa idéia. — Estiveram a ponto de morrer e por isso vão para a cama.

— Não é uma cama exatamente. Estão em uma ilha, lembra? Fazem-no na areia, mas é muito parecido — disse Chase e Tara franziu o cenho. — Ouça, foi idéia sua.

— Eu não lembro nem sequer ter sugerido isso.

— Pois fez. Falar com você me fez notar que se algo assim acontecesse, se a mulher pela qual Hunter sente algo estivesse em grave perigo, iriam querer estar juntos quando tudo tivesse terminado.

Aquilo não soava mau. De fato, seria justo o que ela sugeriria.

— Quer lê-la? — acrescentou Chase.

— Bom, eu...

— Vou procurar o manuscrito. Tara abriu a boca para rejeitar o oferecimento, mas Chase já tinha desaparecido pelo corredor. Tara duvidou um momento. Na realidade, pensou que não tinha por que acontecer nada porque ela tinha lido cenas de sexo escritas por Chase antes e poderia se controlar. Além disso, tinha curiosidade por saber como expressariam seus sentimentos.

— Terá que ler a versão anterior. A impressora está quebrada e não posso imprimir o novo. É só o toner. Sei como consertar mas levará uma hora — disse Chase dando os papéis a Tara. — Primeiro tem que ler isto, e depois isto. Não, assim não. É primeiro isto e depois...

— Está bem — disse Tara. — Posso...

— Será mais fácil que eu leia — disse ele sentando-se. — Posso seguir minhas notas melhor que você.

Tara lembrou a sensação que tinha tido quando Chase lhe recitou a cena do beijo e pensou que aquela era uma ideia muito ruim.

— Não tem que fazer isso. A lerei em outra ocasião.

— Não me importa fazê-lo — insistiu ele estirando-se na cadeira e segurando os papéis. — Além disso, as histórias deveriam ser lidas em voz alta ao menos uma vez.

Chase começou a ler.

Hunter desceu correndo as escadas esquivando as balas enquanto um relógio invisível marcava o tempo dentro de sua cabeça. Trinta, vinte e nove, vinte e oito...

Tara fechou os olhos e se deixou transportar até a cena em que Hunter procurava Bridgett desesperadamente enquanto os maus o acossavam. Passou por todas as emoções possíveis, do medo

que Laromee a tivesse matado, até o alívio mais absoluto quando por fim a encontrou.

— O navio de Laromee explodiu! — exclamou Tara.

— Sim, mas Laromee não estava dentro. Saltou no último momento. Mas onde estávamos? Ah, sim, Hunter encontra Bridgett, saltam do navio e nadam até uma ilha. Aí começa a cena de amor. Preparada?

— Não posso esperar — disse ela sem se conter.

— De acordo.

Hunter a rodeou com seus braços. Bridgett apoiou a cabeça no ombro de Hunter, com seu corpo pressionando o dele para ficar ainda mais perto. O abraço de Hunter se tornou mais forte. Ele não tinha planejado que acontecesse algo entre eles. Ainda havia um míssil solto que tinha que recuperar, um vilão e um bom número de seus valentões a capturar. Não havia tempo para nada mais que planejar seu próximo movimento. Mas nesse momento só o que queria fazer era abraçá-la, senti-la perto dele, assegurar-se de que estava bem. Notou os lábios da garota em seu pescoço, suaves e

mornos, e algo em seu interior despertou. O frio do oceano deu lugar a um calor urgente. Era ela. Desejava-a, mais do que tinha desejado nunca a outra mulher. Baixou a cabeça e achou seus lábios. Bridgett se retorcia entre seus braços lhe devolvendo o beijo com desesperada paixão, como se não fosse suficiente. Hunter a beijou uma e outra vez, profundamente, enquanto seus corpos se adaptavam perfeitamente ao do outro, e os suspiros apaixonados o animavam a continuar. De repente, Bridgett o separou de si um momento.

— Quero você, Hunter, e quero fazer o amor com você agora, aqui.

Hunter titubiou um momento. Uma voz em seu interior lhe dizia que aquele não era o momento nem o lugar. Bridgett tirou o pulôver negro e desabotoou o sutiã deixando a vista dois seios turgidos. Hunter os olhou e depois a olhou para ela. Ao demônio contudo. Não lhe importava outra coisa nesse momento precisava dela com urgência. Aproximou sua boca e mordeu um daqueles mamilos e Bridgett lhe acariciou o cabelo enquanto Hunter rodou arrastando-a com ele até que ficou sobre ela e foi percorrendo aquele corpo suave com

seus lábios; o outro mamilo, depois seus lábios ardentes enquanto acariciava com a mão os seios. Bridgett se retorcia de prazer sob o corpo masculino, gemendo. Tinha posto as mãos nas suas nádegas, lhe animando a entrar nela. Seus quadris se arqueavam para cima enquanto Hunter lutava para recuperar o controle.

— Me dê um minuto, querida.

— Não, faça agora.

— Ainda não — respondeu ele tirando o resto das roupas e procurando com seus lábios o úmido centro do desejo feminino. Queria saborear e cheirar o corpo excitado da garota, embora os movimentos agitados o estavam levando a seu limite. Hunter a acariciou com a língua e Bridgett gemeu em voz alta. Queria ouvir aquele som uma e outra vez. Abriu então as pernas do Bridgett e...

Chase deixou o manuscrito a um lado e tirou os óculos para esfregar o arco do nariz.

— Isto não funciona, não é?

Tara esteve a ponto de cair do sofá. O que não funcionava? Ela sentia frio e calor ao mesmo tempo. Fervia-lhe o sangue e não podia deixar de imaginar Chase fazendo a ela o mesmo que Hunter

a Bridgett. Se funcionasse um pouco melhor sairia ardendo no sofá.

— Bom... eu não diria isso — respondeu Tara tentando formar a frase.

— Há algo que eu não gosto em como soa. A forma em que começa é um pouco confusa. Talvez não deveriam estar na areia. Talvez deveriam estar sentados junto a um riacho proveniente das montanhas, ou uma cascata. Além disso, ele ainda está completamente vestido — disse Chase com o cenho franzido e de repente se atirou ao chão. — Ajude-me a representar a cena.

Tara não se moveu. Estava-lhe sugerindo que...?

— O que foi? — perguntou Chase enquanto dava umas batidinhas no chão junto a ele.

O ruído da televisão e a risada dos meninos se ouviam na sala de estar. Chase não estava lhe sugerido nada estranho. Só representariam o início da cena.

— Nada — disse Tara sentando-se junto a ele.

— Não se sente assim sem mais — lhe indicou Chase. — Chegou até a ilha nadando. Está

exausta, e não pode se apoiar no sofá, também. Estamos na areia, lembra? Só o tem a ele para se apoiar.

Tara se aproximou mais de Chase e este a rodeou com um braço enquanto olhava atentamente as folhas escritas.

— Assim está melhor — continuou. — Ah, e lembre que tem um curativo no braço — acrescentou Chase apontando algo na folha enquanto Tara tentava ignorar o calor que sentia entre as pernas ante a proximidade de Chase, abraçando-a. — Tinha esquecido o braço. Hunter deverá tomar cuidado. Vejamos, ele a está abraçando, estão no chão e bla, bla, bla... certo, e isto também está bom. Agora chegamos a parte que...

— Que parte é essa? — perguntou Tara tentando ocultar os nervos em sua voz entrecortada.

— A parte em que Hunter a beija. É algo assim.

Chase a beijou. Seus lábios eram suaves e os utilizou para acariciar com eles os lábios de Tara e a seguir introduziu a língua na boca dela, com seus corpos muito perto um do outro. Tara emitiu um ligeiro som de prazer enquanto levantava o braço

até o pescoço dele e o aproximava mais a ela para poder continuar lhe saboreando, lhe sentindo, lhe cheirando, mas com cuidado porque se supunha que estava ferida. Chase lhe mordiscou o lábio inferior, percorreu com a língua a bochecha e finalmente afundou o rosto no pescoço de Tara.

— Acho que não é assim como quero — gemeu ao ouvido desta.

— O que? — perguntou ela entre ofegos.

— Tentemos de novo — disse ele e mudou de postura de forma que suas costas se apoiasse no sofá e no movimento a arrastou com ele até que ficou com as pernas abertas sobre ele. Chase voltou a beijá-la, apaixonadamente, e Tara respondeu lhe rodeando o pescoço com os braços, com os seios contra o torso dele, sentindo entre suas pernas a potente ereção. Tara o desejava, queria...

O som da campainha, seguido dos passos dos meninos pelo corredor, fez com que se detivesse.

— Minha mamãe chegou — gritou Matthew.

— A nossa também — gritou Andrew a seguir. — Tio Chase, onde está?

— Aqui — gritou Chase em resposta passando a mão pelo cabelo e respirando profundamente para se acalmar antes de ficar em pé. — Não se mova daqui. Eu me cuido disso.

Tara não podia fazer isso. Apoiou-se no sofá enquanto ouvia Molly agradecer e depois Stella, que perguntou se Tara ainda estava ali.

Tara se levantou. Ainda estava ali e não deveria porque quando Molly se fosse, e Stella se fosse, e os meninos se fossem ficaria a sós com Chase e não sabia o que podia acontecer. Certo, sabia o que aconteceria e não acreditava que fosse boa idéia. Não quis lembrar a suavidade dos lábios de Chase e o desejo que despertava nela. Molly e seus meninos já tinham saído. Stella continuava ali, agradecendo Chase e perguntando a Matthew, enquanto olhava por cima dos ombros de ambos com curiosidade.

— Ah, aqui está — disse ao ver Tara. — Queria lhe agradecer por ter cuidado de Matthew esta noite.

— De nada — respondeu Tara. — Foi divertido, de verdade — Tara olhou ao seu redor

procurando seu casaco. — Deveria ir também. Tenho que...

— Não, não deveria. Não pode ir agora — disse Chase rodeando-a com um braço e acariciando-a ligeiramente. — Preciso de você para meu pequeno trabalho de investigação literária.

Tara notou que seu corpo reagia ao contato. Apoiou-se contra ele e olhou para Stella sorridente.

— Isso é o que estávamos fazendo. Estou ajudando ele com seu trabalho de investigação.

— Claro. Investigação. Passem bem — disse tomando Matthew pela mão. — Vamos, Matthew. Você é muito jovem para esse tipo de investigação

— Saiu e fechou a porta.

— É tarde. Deveria...

— Não é tarde, e além disso, o que acontece com meu livro? — disse Chase lhe pondo os braços por cima dos ombros. — Quer ser a responsável por outra cena mau escrita?

Tara o olhou nos olhos cheios de paixão. Não era seu homem ideal, mas naquele momento não importava.

— Não.

— Bem — disse ele aproximando-a mais de si e beijando-a.

Eram beijos impacientes e apaixonados que a deixaram sem fôlego, mas com uma deliciosa sensação de prazer. Mal se deu conta de que estavam se movendo até que notou que estava contra a parede e ao abrir os olhos viu que se encontravam no quarto de Chase. A visão da cama lhe recordou o que estavam a ponto de fazer.

— Pensei que se supunha que estávamos em uma praia.

— Isto é a praia. Não tem imaginação? — disse ele olhando-a com seu sorriso mais sexy. Empurrou-a ainda mais contra a parede e lhe abriu as trêmulas coxas com uma perna, enquanto desabotoava sua blusa. — Vamos diretamente para a parte em que a garota está sem roupa.

— Poderia utilizar sua imaginação.

— Para a merda com isso — disse Chase enquanto lhe acariciava o mamilo sob o sutiã.

— Tem razão — concordou Tara tremendo de prazer. — Para a merda.

Chase ficou então de joelhos para tirar suas calças. Tinha os olhos tão escuros que pareciam negros e Tara pronunciou seu nome entre suspiros.

— Chase.

— O que? — respondeu ele introduzindo um dedo sob sua calcinha.

— Nada — disse ela apoiando-se com força na parede para não cair, ao mesmo tempo que abria mais as pernas.

Chase aproximou a boca de seu sexo coberto pela calcinha e Tara se excitou ainda mais ao notar o quente fôlego contra a pele sensível. Ele subiu então riscando seu caminho com a língua até chegar ao sutiã; desabotoou-o e lambeu com prazer os dois seios. Depois procurou ansioso sua boca e em um rápido movimento a levou voando até a cama.

— Espera um minuto — protestou Tara ao dar-se conta que ela era a única que estava de roupa íntima. — E você? Não deveria...?

— Supõe-se que eu continuo vestido, com a roupa molhada — disse ele lhe acariciando o pescoço. — Imaginemos que estamos molhados.

Mas Tara não podia imaginar nada se Chase continuasse beijando-a assim. Então se deteve e o empurrou para trás.

— Já sei como Hunter ficará nu.

— O que?

— No livro. Sei como se despirá — disse ela tirando a camisa dele. — Assim.

— Quer dizer que ela o despirá?

— Exatamente — confirmou Tara. Por fim estava nu como ela, e suas mãos o acariciavam enquanto ele gemia sem deixar de acariciá-la até que terminou estirando-se para abrir a gaveta da mesinha.

— O homem ideal toma medidas anticoncepcionais — sugeriu enquanto se colocava ao lado de Tara. — Acha que deveríamos incluir isso no artigo?

— Deixemos que o homem ideal é responsável — disse ela e a seguir sentiu que Chase a penetrava e durante o resto da noite não pensou em nenhum outro homem que não fosse ele.

Capítulo 10

O homem de verdade está disposto a se comprometer! Quando esse homem se apaixona, sente isso de verdade, e vai querer levar você ao altar sem demora.

Das 49 qualidades do homem de verdade.
Revista Homens, Abril, 1949

Chase estava escrevendo. Seus protagonistas acabavam de passar a noite juntos e Chase não sabia o que ia acontecer com eles. Todos seus outros livros acabavam sempre igual: o mau entre as grades e o protagonista e a garota nus na cama, o que o fez se lembrar da noite que tinha passado com Tara. Parecia que era mais romântico do que acreditava.

Estirou-se na cadeira e cruzou as mãos atrás do pescoço. Sentia-se muito bem essa manhã. Quase tinha terminado o livro, e, depois da noite que tinha passado com Tara, imaginava que também tinha

conseguido ser um desses homens ideais. Só restava encontrar um bom final para Hunter e Bridgett.

Estava pela terceira versão quando Jerome chegou.

— Li a primeira parte de seu manuscrito. Não está mal — disse Jerome deixando o maço de folhas na mesa da cozinha. — Não está mau. Um pouco diferente de seu tom habitual, mas não está mau. Quando estará terminado?

— Logo — prometeu Chase. — Ou talvez nunca, se não imaginar um final.

— Encontrará logo — Jerome se sentou em frente a ele na mesa. — Mas não se esgote na busca. Parece exausto. Ficou toda a noite acordado escrevendo outra vez?

— Algo assim — respondeu ele.

Tinha ficado acordado quase toda a noite, e tinha ensaiado um par de cenas. Sorriu ao recordar. Essa noite ensaiariam outra, e a noite seguinte outra, e assim toda a vida. Deteve o fio de pensamento ao dar-se conta de algo. Não só queria algumas noites com Tara. Queria passar todas as noites de sua vida com ela. E exatamente isso era o que Hunter queria fazer com Bridgett.

— Posso lhe perguntar algo, Jer?

— Claro — uma sombra cruzou o rosto de Jerome. — Contanto que não tenha nada a ver com as mulheres.

— Oh, não. Vanna e você não se resolveram?

— Não — respondeu Jerome. — Fiz todo o imaginável para lhe mostrar que sou seu homem, mas continua querendo que vamos ver o conselheiro matrimonial.

— Bom... — Chase titubeou um momento como perguntar a Jerome. — Minha pergunta tem algo a ver com as mulheres, mas acredito que é algo que você deve dominar.

— Duvido, mas pergunta.

— Como se declarou?

Jerome abriu muito os olhos e por um momento ficou mudo de surpresa. Finalmente riu.

— Qual das três vezes?

O telefone estava tocando quando Tara chegou em seu apartamento.

— Sim?

— Já era hora de que chegasse — disse Stella quase histérica. — Onde esteve? Estava ficando louca.

— Fui buscar as provas das fotos que fizemos na Wutherspoon — disse Tara. — Tem que vê-las. Não estão mau.

— Não me importa. Quero detalhes, Tara, detalhes.

— Sobre o que? — perguntou Tara inocentemente.

— Sobre ontem à noite, boba — disse Stella impaciente. — A investigação com Chase.

— Ah, isso — respondeu Tara. Teve que fazer um considerável esforço para não pensar na noite que tinha passado com Chase. — Bom, ajudei-o com uma cena do livro — acrescentou, embora tinha sido mais de uma. Depois da cena da praia, tinham testado com uma cena na ducha, uma cena na cozinha enquanto procuravam algo para comer e uma cena de resgate realmente erótica no sofá.

— Era uma cena de sexo? — perguntou Stella.

— Poderia chamar assim, sim.

— Continua. Continua. Foi bom?

— Foi genial — admitiu Tara.

— É tão bom como em seus livros, não é? — disse Stella com satisfação. — Pensei que tinha que

ser. Me alegro muito por você. Quando voltará a vê-lo?

— Não sei. Temos uma entrevista com um ortodontista esta tarde, mas...

— Um quê? — perguntou Stella.

— Um ortodontista — disse Tara enquanto comprovava que outra tábua do chão se levantou.

— Parece que quatro de cada cinco mulheres identificam seu ortodontista como o homem ideal.

— Mas onde encontrou essas mulheres? — perguntou Stella. — Escuta, tenho más notícias. Marvin pediu Volaise a la Grecque, mas não sabia o que era. Nem sequer leu o cardápio. O garçom sugeriu e ele pediu. A senhora Grisly ouviu quando pedia. Imagina? Quem vai a um restaurante francês e pede dessa forma?

— Parece que Marvin — disse Tara. — Suponho que, depois de tudo, a morte de Franklin foi um acidente.

— Sim — reconheceu Stella abatida. — Estava tão segura que tinha razão, mas não foi assim. Uma pena.

— Sim, uma pena — disse Tara distraída. Desligou o telefone, decepcionada, e aliviada ao

mesmo tempo. Assim não tinha mais que se preocupar com as advertências de Chase.

Chase! Tara se apoiou no balcão da cozinha e pensou no corpo de Chase e suas longas pernas, nu para ela, olhando-a com olhos cheios de paixão no momento em que a penetrou. Não era bom na cama. Era genial. Infelizmente, isso era tudo.

Deixou-se cair no sofá e ficou a revisar as fotos. Havia algumas boas de Angie diante de um barraca, a roupa íntima de couro e um par de Gerald, com seu aspecto elegante e cortês tão parecido ao de Cary Grant.

E tão diferente de Chase! Não havia dúvida. Passar a noite com Chase tinha sido um grande engano e deveria ter sido mais racional. Tinha sido genial e gostava de Chase mas não era o tipo de homem que ela procurava. Não era elegante, nem sofisticado, e acreditava que uma tarde divertida era brincar com seus sobrinhos. Não tinha senso de decoração nem de estilo e não sabia como seduzir e apaixonar uma mulher. Tomava no café da manhã cereais e bebia chá, e, embora era um bom exemplo do homem atual, sabia muito bem que não tinha nenhum futuro com ele. Deitar-se com ele estava

fora de toda lógica porque não queria lhe dar idéias equivocadas. Além disso, os homens como ele não eram maduros e não pensavam em compromisso. Entretanto, seria melhor que pusesse fim aquilo já antes de lhe dar idéias.

Quando Chase chegou para buscá-la para ir a entrevista com o ortodontista, Tara já tinha o discurso de despedida preparado. Tinha rompido com muitos homens e sabia como fazer isso, mas devia tomar o cuidado de se mostrar diplomática. Alguns desses homens se mostraram surpresos de que queria terminar com eles, outros tinham se mostrado irritados, e o resto aliviados. Pensou inconscientemente que isso seria o que aconteceria com Chase. Estava concentrada que era o melhor.

Mas quase mudou de ideia ao vê-lo entrar pela porta de muito bom humor, vestido para fazer a entrevista, incrivelmente atraente.

— Olá — saudou ao entrar, dirigindo-se para ela para lhe dar um rápido beijo que Tara tentou não gostar. — Como vão as coisas por aqui? O que quebrou desta vez?

— Nada — disse ela esforçando-se por sorrir. — Tudo funciona perfeitamente. Escuta,

mudei a entrevista com o ortodontista. Está livre amanhã a tarde, se for bom para você.

— Claro. Assim terei todo o dia para lavar os dentes — disse com um sorriso que rapidamente se congelou ao olhá-la. — Está pálida. Está acontecendo algo com você?

— N-não exatamente. Estive pensando.

— Eu também — disse Chase, — e acredito que deveria trazer roupa limpa para você. Amanhã temos entrevista com o homem do tempo pela manhã cedo.

— Não acredito que possa fazer isso. Acha que poderia cuidar disso sozinho? — disse Tara tragando com dificuldade.

— Acho que sim — repôs Chase franzindo o cenho, — mas mesmo assim, pode ir fazer o que tiver que fazer diretamente da minha casa.

— Não acredito que seja uma boa idéia. De fato, não acredito que seja boa idéia que continuemos nos vendo, ao menos de forma extra-profissional — disse Tara retorcendo as mãos com nervosismo.

— O que? — perguntou Chase atônito.

— Não acredito que seja uma boa idéia. Eu gostei de muito estar com você mas... não deveríamos deixar que se tornasse um hábito. Depois de tudo, só estamos escrevendo juntos um artigo. Quando o terminarmos, o nosso também terminará.

— Terminará? — repetiu Chase lívido.

— Sim — disse Tara limpando a garganta. — De fato, acredito que seria melhor que dividíssemos a lista em duas — disse tomando uma parte de papel da mesa da sala. — Já tem muita prática fazendo entrevistas, assim é que não acredito que tenha problemas.

— O ortodontista fica comigo e o homem do tempo — disse Chase quando leu o papel que Tara tinha lhe entregue.

— Sim. E eu fico com o arqueólogo e o presidente de uma empresa.

— Acha que eles são melhores que eu, não é? Chase a olhou com uma expressão tão surpresa e doída que Tara quis que a terra a tragasse.

— Não, não é isso. Eu...

— Não está fazendo isso bem, sabe? — disse Chase metendo a mão no bolso e apoiando-se no batente da porta.

— Como diz?

— Acho que tem que me dizer que embora sejamos bom juntos e sou uma pessoa muito especial, acha que nós dois seríamos mais felizes se víssemos outras pessoas. Então eu estaria de acordo porque normalmente estou — Chase baixou o olhar e voltou subir para olhar, cheio de tristeza, para Tara. — Infelizmente, neste caso não é assim. Não serei mais feliz vendo nenhuma outra mulher — encolheu de ombros. — Sinto muito, mas não é assim.

— Sinto muito. Eu não...

— Não tem que dar explicações, Tara. Conheço bem este tipo de cenas — abriu a porta para partir. — De fato, sou perito nelas.

— Tenho notícias excelentes — anunciou Jerome algumas semanas depois ao chegar a casa de Chase. — Vanna e eu fomos ao conselheiro matrimonial.

— Isso são boas notícias? — perguntou Chase confuso. — Pensei que ir ao conselheiro significava o final de seu casamento.

— Pois não é — Jerome se sentou no sofá com expressão de absoluta felicidade. — Parece que a razão de Vanna para ir é porque quer ter um filho.

Chase tentou conciliar o adjetivo «maternal» com os outros adjetivos que descreviam Vanna: «fashion-vitima» e «sofisticada».

— É mesmo?

— Sim — disse Jerome com um sorriso. — Não sabia o acharia. Tinha medo. Pensou que alguém com um histórico como o meu não queria comprometimento necessário para ter um filho.

— Entendo.

— Pois eu não! Eu adoro a responsabilidade e o compromisso. Eu gosto da idéia de formar uma família. Custou-me um pouco convencer Vanna e o conselheiro de que sentia isso de verdade, mas quando consegui, Vanna se mostrou contente. Mas insistiu em que aproveitássemos o resto da sessão para discutir sobre meu estranho comportamento dos últimos dias. Pensou que tinha sofrido uma

crise nervosa — sacudiu a cabeça: — Mulheres. Quem as compreende?

— Eu certamente não — grunhiu Chase. Bom, não; sabia exatamente como funcionava a mente de uma mulher.

— Tenho mais notícias — anunciou Jerome olhando-o preocupado. — Seu editor me ligou. Está encantado com o livro.

— Bom — disse Chase tentando mostrar-se um pouco interessado no livro que tinha terminado alguns dias antes.

— Segundo ele, é mais que bom. Diz que é o melhor livro que escreveu. Melhores cenas de sexo, melhor construção argumental e melhores personagens. Está seguro de que se tornará outro sucesso de vendas e está tentando vender os direitos a uma produtora de cinema.

— Ótimo — disse Chase afundando-se ainda mais na cadeira. Ao menos era capaz de criar um herói que era o ideal de muitas mulheres, embora ele não conseguisse ser ideal para a mulher que queria.

— Também falei com a editora da revista — disse Jerome limpando a garganta. — Me disse que

se encantou com o artigo e que pensa que fez um trabalho esplêndido e está muito agradecida.

— É mesmo?

Então Tara tinha terminado o artigo. Ele tinha entrevistado os dois homens de sua lista e decidiu que ambos eram bem vestidos, eram inteligentes, tinham uma boca perfeita e um grande senso de humor, e tinha passado a informação por fax para Tara. Talvez gostasse de sair com algum deles se não tinha gostado o suficiente dos de sua lista. Imaginou-a com outro homem e sua tristeza e sua raiva aumentaram.

— Charlene mencionou algo de que não estava terminado. Algo sobre a última qualidade, que não estava perfeita...

— Não me surpreende — grunhiu Chase. — Provavelmente Tara esteja muito ocupada com o milhão de coisas que gosta em um homem — acrescentou Chase, todas elas qualidades que ele não tinha.

— O que está acontecendo, Chase? Está se queixando desde que Tara e você...

— Claro que estive me queixando. Deixou-me, lembra? O que esperava que fizesse? Rir, cantar e me enrolar com outra?

— Isso é o que sempre fez.

Chase piscou rapidamente várias vezes. Jerome tinha razão. Isso era o que estava acostumado a fazer. Tinha feito isso muitas vezes, mas nunca antes havia se sentido assim.

Passou a mão pelo cabelo e notou que estava muito comprido. Teria que cortar-lo depois de tudo, os homens de verdade sempre usavam o cabelo perfeitamente arrumado.

Amaldiçoou Tara e o dia que se conheceram. Nunca antes tinha pensado isso, mas agora pensava nisso e em muitas outras estúpidas coisas. Inclusive tinha repostado o cartucho de toner ele mesmo em vez de chamar alguém para que o fizesse. Poderia também escrever um livro sobre boas maneiras e sabia mais do que queria sobre moda masculina. Inclusive tinha lido Moby Dick depois de ouvir Tara dizer que tinha gostado de muito dele!

Mas em seu interior sabia que por mais que se esforçasse, nunca conseguiria que Tara sentisse por ele o que ele sentia por ela. Estava louco por ela.

Nunca tinha pensado antes que alguma vez se sentiria tão desgraçado. E não podia fazer nada. Quando saiu do apartamento de Tara, estava furioso; furioso por ter sido rejeitado, e furioso consigo mesmo por ter se apaixonado. Ele sabia o que ela queria de um homem, e sabia que ele não tinha. Deveria ter deixado estar. Decidiu que tinha que esquecê-la.

Infelizmente, o amor não funcionava assim. Chase não podia acreditar que fosse possível sentir tanta saudade de alguém. Pensava nela cada segundo. Cada vez que tocava o telefone, esperava que fosse ela com alguma outra estúpida qualidade sobre o homem de verdade. Quando estava lendo as provas de sua novela, pensava nela fazendo o helicóptero, no brilho de seus olhos quando sorria, nos reflexos de seu cabelo quando lhe dava o sol, em seus corpos unidos.

— Está se sentindo mau, não é? — continuou Jerome olhando-o com compreensão e afeto.

— Sim — admitiu Chase. — Tem certeza que você passou por isso. Quando deixarei de me sentir assim?

— Pelo que parece, dentro de bastante tempo.

Chase jogou a cabeça para trás e olhou para o teto. Se continuasse com aquele peso no coração ficaria louco.

— Hunter tem sorte — grunhiu. — Em sua próxima aventura se esqueceu de Bridgett.

— Hunter é ficção — disse Jerome. — E, infelizmente para você, você é real.

Tara continuava sem terminar com a última qualidade exigível para o homem de verdade. Sentada na cozinha, procurava a inspiração com os papéis esparramados ao seu redor.

Jogou o lápis frustrada. Tudo o que acontecia com ela parecia que estava errado. Igual a Chase, mas não podia deixar de pensar nele apesar de ter conhecido alguns homens ótimos, quase perfeitos, com os que nem sequer se expôs sair.

Na realidade sabia por que. Romper com Chase tinha sido muito difícil. Tinha tentado sair com alguém depois, mas não tinha sido bom. Inclusive tinha jantado com Gerald em um restaurante de luxo. Embora esse era o tipo de

encontro que ela queria, havia se sentido aliviada quando terminou.

Tentou encontrar a última qualidade mas nenhuma lhe parecia a adequada, assim é que quando Stella se apresentou em sua casa inesperadamente, sentiu-se mais feliz que o normal de vê-la.

Sua amiga, entretanto, não parecia muito feliz. Entrou e atirou o casaco sobre o sofá antes de dar uma olhada na casa.

— Já lhe disse alguma vez que eu não gosto nada deste apartamento? — perguntou.

— Constantemente — disse Tara.

— Bom, pois eu não gosto. Mas não tome como algo pessoal. Agora mesmo, acredito que não gosto de nada.

— O que aconteceu? Tem outro suspeito?

— Não — disse Stella. — De fato, abandonei a investigação. Por muito triste que me pareça, Franklin morreu de forma natural.

— Bem — murmurou Tara. Stella a olhou e acrescentou: — Tem que admitir que é melhor que se dar conta de que está trabalhando com um assassino.

— Acho que sim — Stella se apoiou em uma almofada. — Continuo estando decepcionada. Acreditava seriamente que algo estranho estava acontecendo, mas acho que foi minha imaginação. Quis ver algo que não havia. Igual com Stanley.

— Stanley?

— Sim, Stanley — disse elevando a voz. — Pensei que Stanley também queria resolver o mistério, mas não era assim.

— Perdi algo?

— Não, fui eu — disse Stella cruzando os braços. — Sabe o que Stanley fez ontem à noite? Se insinuou para mim!

— Certo... má sorte.

— Eu que o diga — disse Stella. — E o que é pior. Quando lhe disse que não, e disse o quanto descarado era por querer paquerar comigo quando estava prometido com Lorraine, perguntou-me o que esperava, que se realmente acreditava que ele estava interessado nessa estúpida investigação minha.

— É horrível.

— Sei. Disse-me que ele soube todo o tempo quem tinha pedido Volaise a la Grecque —

respondeu Stella dando um suspiro. — E pensar que o considerava um grande cara... Como pude ser tão idiota?

— Não foi culpa sua.

— Claro que sim — disse Stella levantando a cabeça. — Agora que penso, lançou-me algumas insinuações antes mas eu não quis ver. Não queria acreditar que era como os outros. Queria acreditar que ele era justamente o contrário de Bill, provavelmente para poder pensar que os homens de verdade existem.

— E existem — disse Tara, — só que Stanley não é um deles.

— Não, não é, mas me enganei mesma pensando que era — sacudiu a cabeça. — Acreditava que só você fazia isso, mas resulta que eu também.

— O que pensou que só eu fazia? — perguntou Tara confusa.

— Se enganar. Ignorar a realidade.

— Eu não faço isso! — disse Tara indignada.

— Sim faz, Tara! Por exemplo este apartamento. Não tem nada bom. Um segundo sem elevador, tudo está caindo, é muito caro, não tem

espaço suficiente e não pode se sentar no chão porque é muito incômodo. Mas você continua dizendo que é perfeito.

— Não é verdade.

— Claro que sim — disse Stella. — E o mesmo ocorre com esse mítico homem que quer encontrar. Dom Elegante e Cortês. Convenceu-se que esse é o tipo de homem que precisa e por isso abandonou o único homem que realmente a fez sentir algo em sua vida.

— Não entende, Stella — objetou Tara, embora tinha a desagradável sensação de que Stella tinha razão.

— Sim entendo — disse Stella ficando em pé. — Matthew vai dormir na casa de um amigo e vou alugar um filme de vídeo. Quer vir?

— Não — respondeu Tara. — Tenho que terminar o artigo — disse olhando para Stella esperançosa. — Acho que não sabe que outra qualidade deveria ter o homem de verdade.

— Não — disse Stella, — a não ser que queira incluir que o homem de verdade não é um idiota.

— Acredito que já a pus antes — murmurou Tara. Fechou a porta atrás de Stella e entrou na sala. Stella estava enganada. Aquele era um precioso apartamento e Chase não era...

De repente uma parte da moldura do forro caiu ao chão. Tara o olhou e decidiu que Stella tinha razão sobre o apartamento. Mas não sobre Chase. Simplesmente não cumpria os requisitos que ela queria em um homem.

Mas tinha algumas boas qualidades. Era honrado e terno; bom com sua família, trabalhador e divertido; ela estava louca por ele embora não fosse sofisticado e cortês e seu gosto em questão de roupa fosse atroz. Não lhe importavam essas coisas. De fato, gostava. Não, adorava-as porque faziam parte de Chase.

— É uma idiota! — disse a si mesma em voz alta. Não lhe importava que não cumprisse todas as qualidades que tinha posto naquela estúpida lista. Amava-o. Amava todas as coisas más de Chase mais do que jamais poderia amar todas as coisas boas de outro.

Perguntou-se o que podia fazer para reparar o dano. Sempre podia voltar a se mudar, mas entrar

na vida de Chase de novo não parecia tão fácil. Tinha-o ferido profundamente e não parecia desejar se arriscar que fizessem isso outra vez. Ela tinha escrito um artigo sobre como recuperar seu homem, ou algo assim. Talvez lhe servisse.

Meia hora depois, depois de revisar o artigo, não tinha um plano muito definido. Mandar flores para ele seria estúpido tendo em conta que ele nunca tinha enviado para ela. Um poema romântico tampouco seria eficaz. Apresentar-se em sua porta em roupa íntima negra era uma possibilidade, embora Chase não era desse tipo de homens. Provavelmente gostaria mais que aparecesse vestida com pulôver negro de pescoço alto e malha, disposta a representar a cena do helicóptero de novo, mas se fizesse isso os vizinhos acreditariam que queria rouba-lo.

Claro que também podia usar o artigo como desculpa. Telefonar para ele para falar da qualidade número cinquenta... De repente tocou o telefone e Tara desejou fervorosamente que fosse Chase.

— Sim?

— Tara? — disse Stella.

— Achava que estava vendo um filme — respondeu Tara decepcionada.

— Pois não. Escuta. Estive pensando...

— Eu também estive pensando — admitiu Tara, — e acredito que tem razão, em tudo.

— Isso é ótimo — disse Stella. — Olhe, eu estive pensando também. Se a causa da morte do senhor Wutherspoon foi o molho de frutos do mar, por que não morreu até a metade do jantar? Se a alergia que sofria era tão grave teria morrido assim que provasse o molho...

— Não sei — disse Tara sem mostrar o mínimo interesse pela investigação.

— Eu tampouco — declarou Stella. — Perguntarei a Gerald.

— Gerald? — perguntou Tara. — Pensei que ele era seu principal suspeito.

— Não é. Pediu salada César, assim é que não pode ter sido ele. Também é alérgico a frutos do mar. Ele saberá o quanto demora para fazer reação a alergia.

— Claro — disse Tara, que não se sentia muito cômoda com tudo aquilo. — Mas não estou segura de que devesse...

— Tenho que fazer isso. Vou falar com ele agora mesmo. Estou só a alguns minutos do escritório e acredito que está ali. Liguei para você quando chegar a Wutherspoon para contar o que descobrir.

— Não acredito que seja uma boa idéia, Stell. Por que não...? — Tara se deteve quando notou que estava falando sozinha porque Stella tinha desligado.

Desligou o telefone e ficou a dar voltas pela sala, intranquã. Aquilo não tinha boa pinta. Stella não deveria ir ver Gerald, sozinha, para falar de suas alergias. Mas aquilo era ridículo. Gerald não era perigoso. Ele tampouco podia ter pedido frutos do mar porque é alérgico, por isso pediu salada César e... de repente lembrou o que Armand havia dito sobre a salada César: que todo mundo esquecia que tinha molho de anchovas.

Tara sentiu que um calafrio lhe percorria o corpo. Ela também tinha esquecido e não havia dito nada a Stella. Com certeza Gerald também teria se esquecido. Não, era impossível. Um homem como ele saberia muito bem os ingredientes do prato que

ia comer. Mas não deveria tê-la comido se é que era alérgico. Então por que a tinha pedido?

— Deixa de pensar coisas estranhas, Tara! — recriminou-se. — Com certeza que há uma boa razão para que a pedisse e embora não fosse assim, não faria mal a ninguém. É um homem encantador, não um assassino.

Ela o conhecia; tinha saído para jantar com ele e não tinha o aspecto de um assassino a sangue frio. Parecia um homem normal. Isso precisamente era o que Chase havia lhe dito dos assassinos, que pareciam gente normal.

Tara levantou o telefone embora não sabia a quem chamar. A polícia? Mas o que poderia lhes dizer? Que Gerald Charmichael sabia que a salada Cesar continha molho de anchovas? Tinha que fazer isso sozinha. Recolheu a bolsa mas se deu conta de que tampouco essa era uma boa idéia. Levaria ao menos uma hora para chegar aos escritórios da Wutherspoon e Stella estava só a alguns minutos. Tinha que fazer algo mas não sabia o que. Seu Cary saberia o que fazer, mas não estava por ali. Precisava de um homem de verdade.

Dirigiu-se ao telefone e tropeçou em uma tábua solta no caminho. Sabia exatamente de quem precisava. Inspirou profundamente e discou o número de Chase.

Duas horas depois, Tara estava no apartamento de Stella tomando um chá com uma trêmula mas triunfal Stella, um detetive da polícia chamado Frank, e o homem mais fantástico que já tinha conhecido, Chase.

— Foi muito estranho — explicava Stella. — Disse a Gerald tudo o que tinha descoberto, e como soube o que todos tinham pedido e então lhe perguntei se lembrava de algo mais da noite do jantar.

Deteve-se para dar um gole no chá. Tara olhou para Chase. Estava sentado em uma poltrona e tinha o aspecto que ela recordava: o cabelo revoltado, um pouco de barba, camiseta e calça social. Estava-lhe custando muito não olhá-lo, mas ele mal a olhava. Tara cruzou os dedos. Seu plano tinha que funcionar.

— Continue — disse Frank a Stella.

— Gerald tinha uma expressão estranha no rosto e a próxima coisa que recordo é que fechou a

porta e... — Stella sentiu um calafrio, — e me atacou! Podem imaginar? Foi como se estivesse em um pesadelo. Tive muito medo — olhou para Frank com absoluta gratidão. — Se a polícia não tivesse chegado...

— Não foi só a polícia, senhora — disse Frank ruborizando e fazendo um gesto para Chase. — Se o senhor Montgomery não nos tivesse chamado quando o fez, insistindo em que sua vida corria perigo e em que tínhamos que ir rapidamente...

— Tara me ligou — interveio Chase olhando-a brevemente. — Foi ela quem teve a suspeita. Quando eu cheguei, já tinham tudo sob controle. Cheguei a tempo para ver a prisão, o que foi muito instrutivo para mim. Até pude tomar notas.

Tara sentiu que se derretia no sofá. Aquele sim era um homem de verdade. Estava tirando o mérito de si para dar a Tara quando ele tinha insistido que ele chamaria a polícia e que ela tratasse de se tranquilizar.

— Como soube. Tara? — perguntou Stella.

Tara estava tão distraída olhando Chase que mal se recordava. Explicou sobre a salada e deixou que Stella contasse a Frank sobre seu artigo.

— Não terá nenhum problema em vender esse artigo a uma revista — disse Frank quando Stella terminou. — Foi um bom trabalho de detetive. Mas a próxima vez que quiser escrever um artigo de investigação, deverá ir a polícia antes.

— Nunca mais voltarei a fazer isso — disse Tara.

— Parece-me uma boa idéia — comentou Chase levantando-se. Em seguida agradeceu a Stella a xícara de chá.

Tara se levantou também. Não podia deixar que partisse.

— Quer que fique com você esta noite, Stella? Ou prefere vir a minha casa?

— Não, obrigado. Estou bem — disse Stella para alívio da Tara. — Matthew está com um amigo e Frank ficará aqui um pouco mais.

— Sim — confirmou Frank. — Me assegurarei de que está bem. Importa-se que utilize seu telefone? Tenho que dizer a minha mulher onde estou.

Pôs muita ênfase na palavra mulher e Stella o olhou com olhos resplandecentes. Ainda tinha essa expressão enquanto acompanhava Tara e Chase a porta e lhes dava um abraço de agradecimento.

Chase pôs-se a andar pelo corredor e Tara teve que acelerar o passo para alcançá-lo.

— Eu... também queria lhe agradecer.

— Não tem de que, Tara. Só o que fiz foi telefonar — disse Chase abrindo a porta e segurando-a para que Tara saísse primeiro.

— Não foi só isso. Conseguiu convencer a polícia que uma salada César constituía um assunto grave.

— Não foi tão difícil — disse ele encolhendo de ombros, — embora ajudou muito que o homem com quem falei tinha lido todos meus livros.

— Estou segura de que foi — murmurou Tara.

— Imagino que um homem de verdade teria agido de outra maneira. Teria ido até ali e teria se ocupado pessoalmente de Gerald — disse Chase junto a seu carro.

— Não, não teria feito — assegurou Tara olhando-o nos olhos no estacionamento iluminado.

— Um homem de verdade teria feito exatamente o que você fez. Procurar a melhor solução para o problema.

— Sim, bom — disse Chase começando a dar a volta.

— Preciso de sua ajuda para outra coisa — insistiu Tara em uma última e desesperada tentativa.

— O que? Tem mais amigas que se dedicam a investigar assassinatos? — disse ele olhando-a de novo.

— Não. É o artigo. Tenho um pequeno problema com a qualidade número cinqüenta.

— Não restam idéias — disse Chase com a mandíbula rígida.

— A mim sim. Me ocorreram algumas, mas queria consulta-las com você.

— Mande as por fax e lhes darei uma olhada — disse ele encolhendo-se outra vez de ombros.

— Posso lhe dizer agora — disse Tara, que não queria que Chase se mantivesse tão afastado dela. Aproximou-se dele um pouco mais. — O que

acha «tolerante»? Digamos que alguém tivesse feito uma grande estupidez, ele sempre entenderia.

— Não está mal — admitiu ele assentindo com a cabeça depois de meditar um pouco.

— E tenho outra «Um homem de verdade sempre lhe dará uma segunda oportunidade» — Tara o olhou nos olhos com expressão suplicante. — Digamos que uma mulher tivesse rompido a relação entre ambos, ele sempre estaria disposto a voltar a tentar.

— Acredito que essa poderia funcionar — disse ele colocando o dedo no queixo em atitude pensativa.

— Mas esta é a que mais eu gosto — disse Tara com o coração a ponto de explodir. — «O homem de verdade é aquele que amas». Isso é só o que importa.

Chase se manteve em silêncio durante longos minutos. Quando finalmente falou, seu tom foi grave e até um pouco rouco.

— E tem alguém em mente?

— Só você — disse Tara. Chase não respondeu e Tara avançou para ele um pouco mais. — Olhe, não estou lhe sugerindo nada. Não,

realmente. Quero dizer que não espero que você... bem, que poderíamos, mas... poderíamos tomar um café ou no seu caso chá, e... dar uma volta de carro ou... talvez queira que te ajude com alguma outra cena do livro com que tenha dificuldades. Ver, enfim, se algum dia poderia...

— Já fiz isso — disse Chase avançando para ela e Tara se apressou a abraçá-lo. Quase chorava de feliz que se sentia de estar junto a ele de novo. Chase lhe acariciava a cabeça enquanto a abraçava como se fora perdê-la. — Será melhor que esteja segura desta vez — sussurrou Chase ao ouvido. — Não quero me sentir abandonado de novo. Isto é para sempre.

— Nunca voltarei a fazer algo assim — prometeu Tara. — E sim, isto é para sempre.

— Está segura? — disse Chase olhando-a no rosto. — Depois de tudo, eu gosto de cereais. Como eles em todas as horas.

— Não me importa. Os homens de verdade comem o que querem.

Os olhos de Chase resplandeciam embora continuasse havendo neles uma fresta de dúvida.

— Não viveremos em seu apartamento, por mais bonito e maravilhoso que ache que é. Esse lugar é um desastre. Mudará para minha casa que a partir de agora se tornará oficialmente em nossa casa.

— Não me importa onde seja, sempre que você esteja comigo — disse Tara. Nem todos os homens tinham um grande senso de decoração, mas não era tão importante. Ela se ocuparia de alguns detalhes, e dos móveis...

— Alguma vez voltará a jantar a sós com um ecologista?

— Um quê? Claro que não. Evitarei-os como se fossem uma praga — disse ela acomodando-se entre os braços de Chase, sorrindo. Parecia que os homens de verdade eram ciumentos.

— E fará todas as tarefas da casa? — perguntou Chase lhe pressionando com uma mão o traseiro para aproximá-la dele ainda mais.

— Não — sussurrou Tara apesar do perto que estavam e do calor que emanava de seus corpos ansiosos

— Os homens de verdade gostam de fazer as tarefas da casa — disse Tara lhe mordiscando o lóbulo da orelha

— Pois eu não.

— E o que acha se as fizermos os dois nus?

— Então sim — disse emitindo uma gargalhada e agarrando-a com mais força.

— Está vendo? Todo o tempo sabia que era um homem de verdade

— Pensa mesmo isso — perguntou ele com um sorriso feliz

— É obvio, disse Tara.

Fim